

O FIM

CIA. DAS LETRAS

Caro Leitor,

Se você esperava encontrar uma história tranquila e alegre, lamento dizer que escolheu o livro errado. A história pode parecer animadora no início, quando os meninos Baudelaire passam o tempo em companhia de alguns répteis interessantes e de um tio alto-astral, mas não se deixem enganar. Se vocês tem uma leve noção da incrível má sorte dos irmãos Baudelaire, já sabe que, no caso deles, até mesmo acontecimentos agradáveis acabam sempre em sofrimento e desgraça.

Nas páginas que você tem em mãos, as três crianças sofrem um acidente de carro, veem-se às voltas com uma serpente mortífera, um cheiro pavoroso, um facão enorme e o reaparecimento de uma pessoa que esperavam nunca mais ver.

Infelizmente, é meu dever pôr no papel esses trágicos episódios. Mas nada impede que você coloque este livro de volta na estante e procure algo mais leve.

Respeitosamente,



Lemony Snicket

Personagens

Na classificação das pessoas mais infelizes do mundo — e você sabe que elas não são poucas — os irmãos Baudelaire ocupam sem dúvida o primeiro lugar. Eles viveram mais coisas horríveis que qualquer pessoa. Mas quem são esses desafortunados?



VIOLET BAUDELAIRE tem catorze anos e é uma das maiores inventoras do seu tempo. As engrenagens e alavancas de seu cérebro funcionam a todo o vapor.



KLAUS BAUDELAIRE, O irmão do meio, usa óculos, o que pode dar a impressão de que seja amante dos livros. Impressão absolutamente correta. Ele emprega todo o seu conhecimento em decifrar os planos do pérfido conde Olaf.



SUNNY BAUDELAIRE, a mais nova dos três, é ainda um bebê. Seus quatro afiados dentes entram em ação na primeira oportunidade.

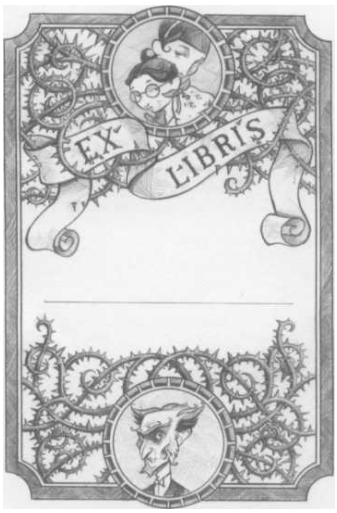


E este é o arquiinimigo dos irmãos Baudelaire: o **CONDE OLAF**. Homem revoltante, gosmento, pérfido, sobre ele é melhor dizer o menos possível.

Eu, **Lemony Snicket**, nasci antes de você e provavelmente morrerei antes de você. Nasci numa pequena vila que hoje está submersa. Um povoado aparentemente pacato, mas cercado de segredos. Hoje vivo na cidade. Para escrever essas desventuras dos irmãos Baudelaire fui obrigado a conhecer a fundo as artimanhas de vilões como o conde Olaf. Passei anos mergulhado no mundo do crime, não dos crimes reais, é claro. Minha formação é estritamente teórica.

Veja mais informações no meu site: www.lemonysnicket.com (em inglês).

Meu ilustrador, **Brett Helquist,** nasceu no Arizona, cresceu em Utah e atualmente vive em Nova York. Formou-se em belas-artes na Brigham Young University e desde então trabalha como ilustrador. Colabora em diversas publicações, como *Cricket Magazine* e *The New York Times.*


EX
LIBRIS

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

⚜ Desventuras em Série ⚜

LIVRO Tredécimo



O FIM

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Ricardo Gouveia

Texto 2006 by Lemony Snicket Ilustrações 2006 by Brett Helquist
Publicado mediante acordo com
Harper Collins Children's Books,
divisão da Harper Collins Publishers, Inc.
Título original: *The end*
Preparação: *Andressa Bezerra da Silva*
Revisão:
Cláudia Cantarin Marise Simões Leal

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Para Beatrice —
Meu amor apareceu,
o mundo empesadeleceu.



CAPÍTULO UM

Se alguma vez você já descascou uma cebola, sabe que a primeira camada, fina e papirácea, revela outra, e mais outra, e antes que você perceba terá centenas de camadas espalhadas pela mesa da cozinha, e milhares de lágrimas nos olhos, e lamentará ter começado a descascá-la e desejará ter largado a cebola para murchar na prateleira da copa enquanto você prosseguia com a sua vida, mesmo que isso significasse nunca mais desfrutar o sabor difícil e avassalador dessa hortaliça estranha e pungente.

Desse ponto de vista, a história dos órfãos Baudelaire é como uma cebola, e se você insistir em ler cada uma das camadas finas e papiráceas destas Desventuras em Série, a sua recompensa será 170 capítulos de desgraças na sua biblioteca e incontáveis lágrimas em seus olhos. Mesmo que você tenha lido os primeiros doze volumes da história dos Baudelaire, não será tarde demais para cessar de descascar as camadas e botar este livro de lado enquanto lê algo menos difícil e avassalador. O fim desta crônica infeliz é como o seu mau começo, pois cada desventura só revela mais uma, e mais uma, e mais uma, e somente aqueles que têm estômago para esta estranha e

pungente narrativa devem se aventurar ainda mais fundo na cebola dos Baudelaire. Sinto muito ter de dizer isso a vocês, mas a história é assim.

Os órfãos Baudelaire teriam ficado felizes em ver uma cebola, se alguma tivesse aparecido flutuando enquanto eles viajavam por um mar vasto e vazio em um barco do tamanho de uma cama grande, mas longe de ser confortável. Se uma hortaliça assim tivesse aparecido, Violet, a mais velha dos Baudelaire, teria prendido os cabelos com uma fita para afastá-los dos olhos e em instantes teria inventado algum dispositivo para tirar a cebola da água. Klaus, o irmão do meio e único menino, teria se lembrado de fatos úteis dentre os milhares de livros que leu, e teria sido capaz de identificar que tipo de cebola era aquela e se era ou não comestível. E Sunny, que mal tinha saído da primeira infância, com os seus dentes inusitadamente afiados teria fatiado a cebola em pedaços do tamanho de uma mordida, e posto as suas recém-desenvolvidas habilidades de cozinheira à disposição para transformar uma simples cebola em alguma coisa realmente muito saborosa. Os Baudelaire mais velhos podiam imaginar sua irmã anunciando *"Soubise!",* que era o jeito dela de dizer "O jantar está servido".

Mas as três crianças não tinham visto uma cebola. De fato, não tinham visto muita coisa durante aquela viagem pelo oceano, que começara quando os Baudelaire empurraram um grande barco de madeira para fora da cobertura do Hotel Desenlace, a fim de escapar das labaredas que engolfavam o edifício, bem como das autoridades que queriam prender as crianças por incêndio criminoso e assassinato. O vento e as marés rapidamente lançaram o barco para longe das chamas, e ao pôr-do-sol o hotel e todos os outros prédios da cidade já eram um borrão distante, muito afastado. Agora, na manhã seguinte, as únicas coisas que os Baudelaire viam eram a tranqüila e silenciosa superfície do mar, e a luminescência cinzenta do céu. O tempo os lembrou daquele dia na Praia de Sal, quando eles ficaram sabendo da perda de seus pais e de seu lar em um terrível incêndio; as crianças ficaram em silêncio, pensando naquele dia assustador e em todos os dias assustadores que se seguiram. Teria sido quase tranqüilo estar sentado em um barco à deriva, pensando na vida, não fosse o desagradável acompanhante dos Baudelaire.

O nome do acompanhante era conde Olaf, e estar na companhia daquele homem horrendo vinha sendo um infortúnio para os Baudelaire desde que se tornaram órfãos, e ele, seu tutor. Olaf armara esquema após esquema em uma tentativa de pôr as suas mãos imundas na enorme fortuna que os pais

Baudelaire deixaram e, muito embora todos os esquemas tenham falhado, parecia que algo da perversidade do vilão roçara nas crianças, e agora Olaf e os Baudelaire estavam juntos no mesmo barco. Tanto as crianças como o conde eram responsáveis por diversos crimes pérfidos, mas os órfãos Baudelaire pelo menos tinham a decência de se sentir muito mal a propósito disso, enquanto tudo o que o conde Olaf fez nos últimos dias foi bravatear a respeito.

"Eu triunfei!", o conde Olaf reiterou, uma palavra que aqui significa "anunciou pela enésima vez". Ele estava orgulhosamente em pé na frente do barco, apoiado na escultura de um polvo atacando um homem com trajes de mergulho, que servia de figura de proa. "Vocês órfãos acharam que podiam escapar de mim, mas por fim estão nas minhas garras!"

"Sim, Olaf", concordou Violet com um ar cansado. A mais velha dos Baudelaire não se deu ao trabalho de chamar a atenção para o fato de que, como eles estavam sozinhos no meio do oceano, dizer que Olaf estava nas garras dos Baudelaire seria precisamente tão acurado quanto dizer que eles estavam nas dele. Suspirando, ela ergueu os olhos para o alto mastro da embarcação, onde uma vela esfarrapada pendia flácida no ar parado. Por algum tempo, Violet estivera tentando inventar um jeito de fazer o barco se mover mesmo sem vento, porém o único material mecânico a bordo era um par de enormes espátulas do salão de bronzeamento da cobertura do Hotel Desenlace. As crianças as usavam como remos, mas remar *é* um trabalho muito duro, especialmente quando os companheiros de viagem estão ocupados demais com suas bravatas para ajudar. Violet, então, estava pensando em um modo de fazer o barco andar mais depressa.

"Eu toquei fogo no Hotel Desenlace", gritou Olaf, gesticulando dramaticamente, "e destruí C.S.C. de uma vez por todas!"

"É o que você insiste em nos dizer", resmungou Klaus sem erguer os olhos do seu livro de lugar-comum. Havia um bom tempo que Klaus estava anotando os detalhes da situação dos Baudelaire naquele caderno azul-escuro, inclusive o fato de que tinham sido os três irmãos, e não Olaf, que atearam fogo no Hotel Desenlace. C.S.C. era uma organização secreta sobre a qual os Baudelaire ouviram falar durante as suas viagens e que, até onde sabia o Baudelaire do meio, não tinha sido desbaratada — não completamente —, muito embora um bom número de agentes C.S.C. estivesse no hotel quando ele pegou fogo. No momento, Klaus estava examinando suas anotações sobre

C.S.C. e a cisão, que foi uma enorme briga envolvendo todos os seus membros e que tinha algo a ver com um açucareiro. O menino não sabia o que continha o açucareiro, nem qual era o paradeiro preciso de uma das mais corajosas agentes da organização, uma mulher chamada Kit Snicket. As crianças encontraram Kit uma única vez antes de ela se fazer ao mar, planejando encontrar os trigêmeos Quagmire, três amigos que os Baudelaire não viam fazia um bocado de tempo e que estavam viajando em uma casa móvel auto-sustentável a ar quente. Klaus esperava que as anotações no seu livro de lugar-comum o ajudassem a calcular exatamente onde eles poderiam estar, caso as estudasse o suficiente.

"E a fortuna dos Baudelaire finalmente é minha!", vangloriava-se Olaf. "Por fim sou um homem muito rico, o que significa que todo mundo tem de fazer o que eu mando!"

"Feijões", disse Sunny. A mais jovem dos Baudelaire não era mais um bebê, porém ainda falava de um jeito um pouco incomum, e com "feijões" ela queria dizer alguma coisa do tipo "O conde Olaf está vomitando asneira pura", pois a fortuna dos Baudelaire não se encontrava na grande embarcação de madeira, portanto não se podia dizer que pertencia a quem quer que fosse. Mas quando Sunny disse "feijões" ela também quis dizer "feijões". Uma das poucas coisas que as crianças tinham encontrado a bordo era um grande pote de barro selado com borracha, que fora introduzido à força embaixo de um dos bancos de madeira do barco. O pote estava muito empoeirado e parecia muito velho, mas o selo estava intacto, uma palavra que aqui significa "não quebrado, portanto com o alimento armazenado dentro dele ainda comestível". Sunny ficou agradecida pelo pote, pois não havia nenhum outro alimento disponível a bordo, mas ela não pôde deixar de desejar que ele contivesse alguma outra coisa além de simples feijões-brancos. É possível preparar uma porção de pratos deliciosos com feijões-brancos — os pais Baudelaire costumavam fazer uma salada com feijões-brancos, tomates-cereja e manjericão fresco, tudo misturado com suco de limão, azeite de oliva e pimenta-do-reino, e era uma coisa deliciosa para se comer em dias quentes — mas, como não tinha nenhum outro ingrediente, Sunny só conseguira servir aos seus companheiros tripulantes um mingau ralo e branco, suficiente apenas para mantê-los vivos, certamente nada de que uma jovem chefe de cozinha pudesse se orgulhar. Enquanto o conde Olaf continuava a bravatear, a mais jovem dos Baudelaire examinava o pote, se perguntando como poderia

fazer algo mais interessante com feijões-brancos e nada além disso.

"Acho que a primeira coisa que eu vou comprar será um reluzente automóvel!", disse o conde Olaf. "Com um motor poderoso, para eu poder exceder o limite de velocidade, e um pára-choque extraforte para eu poder abalroar as pessoas sem ficar todo esfolado! Vou chamar o carro de CONDE OLAF, em minha homenagem, e sempre que as pessoas ouvirem os freios cantando dirão: 'Aí vem o CONDE OLAF! Órfãos, dirijam-se à mais próxima concessionária de carros de luxo!'"

Os Baudelaire se entreolharam. Sei que vocês sabem que é improvável encontrar uma concessionária de automóveis no meio do oceano, muito embora eu tenha ouvido falar de um vendedor de riquixás que instalara seu negócio em uma gruta oculta no fundo do mar Cáspio. É muito exaustivo viajar com alguém que fica o tempo todo fazendo exigências, sobretudo se elas são por coisas absolutamente impossíveis, e as crianças descobriram que não conseguiam mais segurar a língua, uma expressão que aqui significa "continuar confrontando Olaf com suas maluquices".

"Não podemos ir para uma concessionária de automóveis", disse Violet. "Não podemos ir para lugar nenhum. O vento acabou, e Klaus e eu estamos exaustos de tanto remar."

"Preguiça não é desculpa", rosnou Olaf. "Estou exausto de todos os meus esquemas, mas não estou me queixando."

"Além disso", falou Klaus, "não temos idéia de onde estamos, e portanto não temos idéia da direção a seguir."

"Eu sei onde estamos", disse Olaf sarcasticamente. "Estamos no meio do oceano."

"Feijões", disse Sunny.

"Já me cansei da sua pieguice sem graça!", resmungou Olaf. "É pior do que aquela salada que os seus pais costumavam fazer! Considerando tudo, vocês órfãos são os piores comparsas que já contratei!"

"Nós não somos seus comparsas!", gritou Violet. "Simplesmente estamos viajando juntos!"

"Acho que vocês estão esquecendo quem é o capitão aqui", disse o conde Olaf, e bateu um punho sujo contra a figura de proa do barco. Com a outra mão, virou contra eles o lançador de arpões, uma arma terrível com um último arpão disponível para o seu uso traiçoeiro. "Se não fizerem o que estou mandando, vou arrebentar esse capacete e vocês todos estarão

condenados.”

Os Baudelaire olharam para a figura de proa, desalentados. Dentro do capacete havia alguns esporos do Mycelium Medusóide, um fungo terrível que podia envenenar qualquer um que o respirasse. Sunny teria morrido com o poder letal do cogumelo pouco tempo antes, se os Baudelaire não tivessem conseguido ajuda no *wasabi,* um condimento japonês que diluía o veneno.

“Você não se atreveria a liberar o Mycelium Medusóide”, disse Klaus, esperando soar mais seguro do que se sentia. “Você seria envenenado tão depressa quanto nós.”

“Flotilha equivalente”, disse Sunny severamente para o vilão.

“Nossa irmã tem razão”, falou Violet. “Estamos no mesmo barco, Olaf. O vento acabou, não sabemos para onde ir e nossos suprimentos estão no fim. De fato, sem um destino, um modo de navegar e um pouco de água fresca, provavelmente vamos morrer em questão de dias. Você podia tentar nos ajudar, em vez de ficar dando ordens.”

O conde Olaf olhou furiosamente para a mais velha dos Baudelaire, e então saiu pisando duro em direção à traseira do barco.

“Vocês três que inventem um jeito de nos tirar daqui”, disse ele, “e eu vou dar um jeito de mudar o nome do barco. Não quero mais que o meu iate se chame *Carmelita.”*

Os Baudelaire espiaram por cima da borda do barco e notaram pela primeira vez uma placa presa à popa com fita adesiva grossa. Na placa, escrita em garatujas toscas, estava a palavra CARMELITA, presumivelmente referindo-se a Carmelita Spats, uma menininha detestável que os Baudelaire encontraram em uma horrível escola que foram forçados a freqüentar, e que depois tinha sido mais ou menos adotada pelo conde Olaf e sua namorada Esmé Squalor, abandonada no hotel pelo vilão. Pondo de lado o lançador de arpões, o conde Olaf começou a esgaravatar a fita com as unhas incrustadas de sujeira, arrancando a placa para revelar outro nome embaixo. Embora não se importassem com o nome do barco que agora chamavam de lar, os Baudelaire ficaram gratos pelo fato de o vilão ter encontrado alguma coisa para ocupar o seu tempo, permitindo-lhes conversar entre eles por alguns minutos.

“O que podemos fazer?”, sussurrou Violet para os irmãos. “Você acha que consegue pegar alguns peixes para a gente comer, Sunny?”

A mais jovem dos Baudelaire balançou a cabeça.

“Sem isca”, disse ela, “e sem rede. Mergulho em águas profundas?”

“Acho que não”, disse Klaus. “Não se deve nadar lá embaixo sem equipamento adequado. Você pode encontrar toda sorte de coisas sinistras.”

Os Baudelaire estremeceram, pensando em algo que tinham encontrado quando estavam a bordo de um submarino chamado *Queequeg*. Tudo o que as crianças tinham visto fora uma forma curva em uma tela de radar que parecia um ponto de interrogação, mas o capitão do submarino lhes dissera que aquilo era algo ainda pior do que o próprio Olaf.

“Klaus está certo”, disse Violet. “Não se deve nadar lá embaixo. Klaus, há alguma coisa nas suas anotações que possa nos levar até os outros?”

Klaus fechou o seu livro de lugar-comum e balançou a cabeça.

“Receio que não”, disse ele. “Kit nos contou que ia contatar o capitão Andarré e encontrá-lo em um certo aglomerado de algas marinhas, mas mesmo se soubéssemos exatamente a qual aglomerado ela se referia não saberíamos como chegar lá sem o equipamento apropriado de navegação.”

“Eu poderia fazer uma bússola”, disse Violet. “Tudo de que preciso é um pedacinho de metal magnetizado e um pivô simples. Mas talvez não devêssemos nos juntar aos outros voluntários. Afinal, nós lhes causamos um bocado de problemas.”

“E verdade”, admitiu Klaus. “Eles podem não ficar felizes em nos ver, especialmente se nós estivermos com o conde Olaf.”

Sunny olhou para o vilão, que ainda estava esgaravatando a placa com o nome.

“A não ser...”, disse ela.

Violet e Klaus trocaram um olhar nervoso.

“A não ser o quê?”, perguntou Violet.

Sunny ficou em silêncio por um momento e baixou os olhos para o uniforme de *concierge* que usava desde que estivera no hotel.

“... Olaf ao mar”, sussurrou ela.

Os Baudelaire mais velhos engasgaram, não só por causa do que Sunny havia dito, mas porque podiam facilmente visualizar o ato pérfido descrito por ela. Atirando o conde Olaf ao mar, os Baudelaire poderiam navegar para algum local a salvo da interferência do vilão, ou de suas ameaças de liberar o Mycelium Medusóide. Haveria uma pessoa a menos para dividir os feijões remanescentes e, se conseguissem chegar a Kit Snicket e os Quagmire, Olaf não estaria com eles. Em um silêncio incômodo eles voltaram os olhos para a

parte de trás da embarcação, onde Olaf estava debruçado para arrancar a placa. Todos os três Baudelaire puderam imaginar como seria simples empurrá-lo, com força suficiente apenas para fazer o vilão perder o equilíbrio e despencar na água.

"Olaf não hesitaria em nos atirar ao mar", disse Violet, tão baixinho que seus irmãos mal puderam ouvir. "Se não precisasse de nós para governar o barco, ele nos atiraria ao mar."

"C.S.C. também poderia não hesitar", disse Klaus.

"Pais?", perguntou Sunny.

Os Baudelaire trocaram um olhar constrangido. Recentemente as crianças souberam de mais um fato misterioso a respeito de seus pais e o passado sombrio deles — um boato sobre seus pais e uma caixa de dardos envenenados. Violet, Klaus e Sunny, como qualquer criança, sempre quiseram acreditar no melhor acerca dos pais, mas com o passar do tempo estavam ficando cada vez menos seguros. O que os irmãos precisavam era de uma bússola, mas não do tipo que Violet mencionara. A mais velha dos Baudelaire estava falando de uma bússola de navegação, que é um dispositivo que permite a uma pessoa verificar qual a direção apropriada para viajar no oceano. Eles estavam precisando é de uma bússola moral, que é algo que fica dentro da pessoa, no cérebro ou talvez no coração, que diz qual a coisa apropriada a fazer em uma certa situação. A de navegação, como sabe qualquer bom inventor, é feita com um pedacinho de metal magnetizado e um pivô simples, mas os ingredientes de uma bússola moral não são tão claros. Alguns acreditam que todas as pessoas já nascem com uma dentro delas, assim como um apêndice ou o medo de vermes. Outros acreditam que a bússola moral se desenvolve com o tempo, assim como uma pessoa aprende a respeito das decisões alheias observando o mundo e lendo livros. Qualquer que seja o caso, uma bússola moral parece ser um dispositivo delicado e, à medida que as pessoas amadurecem e se aventuram no mundo, vai ficando cada vez mais difícil calcular em que direção a bússola moral está apontando, portanto *é* cada vez mais difícil ter idéia da coisa apropriada a fazer. Quando os Baudelaire se encontraram com o conde Olaf pela primeira vez, suas bússolas morais nunca lhes teriam dito para se livrar do homem terrível, fosse empurrando-o para fora de seu misterioso quarto na torre, fosse atropelando-o com o seu longo automóvel preto. Mas agora, no *Carmelita,* os órfãos Baudelaire não tinham certeza do que deveriam fazer com aquele vilão que

estava tão debruçado na borda da embarcação que bastaria um leve empurrão para mandá-lo ao seu túmulo de água.

Porém, do modo como aconteceu, Violet, Klaus e Sunny não tiveram de tomar essa decisão, porque naquele instante, como em tantos outros na vida dos Baudelaire, a decisão foi tomada quando o conde Olaf se endireitou e arreganhou um sorriso triunfante para eles.

"Eu sou um gênio!", anunciou ele. "Resolvi todos os nossos problemas! Vejam!"

O vilão fez um gesto para trás com um polegar grosso, e os Baudelaire espiaram por cima da borda e viram que o nome CARMELITA tinha sido removido, revelando uma placa onde estava escrito CONDE OLAF, muito embora essa placa também estivesse presa com fita e aparentemente houvesse mais uma placa embaixo dessa.

"Mudar o nome do barco não resolve nenhum dos nossos problemas", disse Violet em tom cansado.

"Violet está certa", disse Klaus. "Ainda precisamos de um destino, um modo de navegar e algum tipo de alimento."

"A não ser...", dizia Sunny, mas o conde Olaf interrompeu a mais jovem dos Baudelaire com uma risadinha zombeteira.

"Vocês três são realmente obtusos", disse o vilão. "Olhem para o horizonte, seus néscios, e vejam o que está se aproximando! Nós não precisamos de um destino nem de um modo de navegar, porque iremos aonde o barco nos levar! E estamos prestes a obter mais água fresca do que poderíamos beber em uma vida inteira!"

Os Baudelaire olharam para o mar ao longe e viram do que Olaf estava falando. Espalhando-se pelo céu como uma mancha de tinta sobre um documento precioso, havia um imenso banco de nuvens pretas. No meio do oceano, uma tempestade bravia pode surgir do nada, e aquela prometia ser bravia de verdade — muito mais bravia que o Furacão Hermano, o qual ameaçara os Baudelaire algum tempo atrás durante uma viagem através do Lago Lacrimoso que terminara em tragédia. As crianças já podiam ver as linhas finas e nítidas da chuva caindo a alguma distância, e aqui e ali as nuvens cintilavam com os relâmpagos furiosos.

"Não é maravilhoso?", perguntou o conde Olaf, com os cabelos desgrenhados já esvoaçando por causa do vento que se aproximava. Por cima da risadinha nefanda as crianças puderam ouvir o som dos trovões se

avizinhando. “Uma tempestade como esta é a resposta para todas as suas lamentações.”

“Ela pode destruir o barco”, disse Violet, olhando nervosa para as velas esfarrapadas. “Um barco deste tamanho não é projetado para suportar uma tempestade violenta.”

“Não sabemos aonde ela vai nos levar”, disse Klaus. “Podemos acabar ainda mais longe da civilização.”

“Todos ao mar”, disse Sunny.

O conde Olaf olhou para o horizonte de novo e sorriu para a tempestade como se ela fosse uma velha amiga de visita.

“Sim, essas coisas podem acontecer”, disse ele com um sorriso malévolo. “Mas o que vocês vão fazer a respeito, órfãos?”

Os Baudelaire acompanharam o olhar que o vilão dirigia para a tempestade. Era difícil de acreditar que momentos atrás o horizonte estava vazio, e agora aquela enorme massa negra de chuva e vento manchava o céu à medida que chegava cada vez mais perto. Violet, Klaus e Sunny não podiam fazer nada a respeito. Uma mente inventiva, as anotações de um pesquisador e os talentos culinários surpreendentemente competentes não eram páreo para o que os cercava. As nuvens de tempestade se desdobravam por uma área cada vez maior, como as camadas de uma cebola sendo descascada, ou um segredo sinistro se tornando cada vez mais misterioso. O que quer que a sua bússola lhes tivesse dito sobre a coisa apropriada a fazer, os órfãos Baudelaire sabiam que naquela situação só existia uma escolha, que era não fazer nada enquanto eles e o vilão ali, juntos no mesmo barco, eram tragados pela tempestade.



CAPÍTULO DOIS

É inútil para mim descrever como Violet, Klaus e Sunny se sentiram horrivelmente mal nas horas que se seguiram. A maioria das pessoas que sobreviveu a uma tempestade no mar fica tão abalada pela experiência que nunca mais quer falar sobre isso; portanto, se um escritor quiser descrever uma tempestade no mar, o único método de pesquisa possível é estar em um grande barco de madeira. Mas eu já estive em um grande barco de madeira com um caderno e uma caneta, pronto para fazer anotações caso uma tempestade me atingisse subitamente, e quando a tempestade passou eu estava tão abalado pela experiência que nunca mais quis falar sobre isso. Por essa razão é inútil para mim descrever a força do vento que rasgava as velas como se fossem de papel e fazia o barco rodopiar como se fosse um patinador no gelo se exibindo. É impossível transmitir o volume da chuva que caía, encharcando os Baudelaire de água gélida e fazendo os seus uniformes de *concierges* grudarem no corpo como uma camada extra de pele empapada e gelada. É infrutífero retratar os relâmpagos que desciam fragorosamente das nuvens turbilhonantes, atingindo o mastro da embarcação e fazendo-o desabar no mar revolto. E inadequado relatar como os trovões ensurdecedores ressoavam nos ouvidos dos Baudelaire, e é supérfluo recontar como o barco começou a se inclinar para a frente e para trás, atirando o seu conteúdo todo no oceano: primeiro o pote de feijões, que atingiu a superfície da água com um forte *glop!,* depois as espátulas, os relâmpagos se refletindo nas suas superfícies espelhadas enquanto elas desapareciam no remoinho das correntes, e por fim os lençóis que Violet pegara na lavanderia do hotel e transformara em um *drag chute,* para que a embarcação sobrevivesse à queda

do salão de bronzeamento da cobertura, enfunando-se no ar tempestuoso como uma água-viva antes de afundar no mar. E vão especificar o tamanho crescente das ondas que se erguiam da água, primeiro como barbatanas de tubarão, depois como tendas e, por fim, como glaciares, os picos gelados se elevando mais e mais até finalmente desabarem em cima do barco inundado e estropiado com um rugido sobrenatural, como a gargalhada de uma besta-fera terrível. E improdutivo fazer um relato dos órfãos Baudelaire se agarrando um ao outro com medo e desespero, certos de que a qualquer momento seriam arrastados para longe e arremessados aos seus túmulos de água, enquanto o conde Olaf se agarrava ao lançador de arpões e à figura de proa de madeira, como se uma arma terrível e um fungo letal fossem as únicas coisas que ele amava no mundo; e não existe utilidade mundana em fornecer uma narrativa sobre a frente da figura de proa se destacando da embarcação com um estrépito ensurdecedor, arremessando os Baudelaire para uma direção e Olaf para outra, ou sobre o tranco súbito quando o resto do barco parou bruscamente de rodopiar e um horrível som rascante se fez ouvir embaixo do sacolejante chão de madeira da embarcação, como se uma mão gigantesca estivesse agarrando os restos do CONDE OLAF por debaixo e prendendo os trêmulos irmãos em seu aperto forte e firme. Certamente os Baudelaire não acharam necessário tentar imaginar o que teria acontecido depois de todas aquelas horas terríveis e turbilhonantes no centro da tempestade; eles apenas deslizaram para um canto distante do barco e se agarraram um ao outro, atarantados demais para chorar, ouvindo o mar em fúria à sua volta e os gritos frenéticos do conde Olaf, perguntando a si mesmos se ele estaria sendo rasgado membro a membro pela tempestade furiosa, ou se também teria encontrado alguma estranha segurança, e sem saber que sina desejavam para o homem que lançara tantos infortúnios sobre os três. Acredito não ser necessário descrever essa tempestade, pois seria somente mais uma camada desta desventurada cebola de história, e de qualquer modo, quando o sol se ergueu na manhã seguinte, as nuvens negras turbilhonantes já estavam se afastando rapidamente dos Baudelaire encharcados e enregelados, e o ar estava silencioso e quieto, como se toda a noite tivesse sido apenas um pesadelo horripilante.

As crianças puseram-se em pé, vacilantes em seu pedaço do barco, braços e pernas doendo de tanto se agarrar um ao outro a noite inteira, e tentaram imaginar onde diabos estavam, e como diabos tinham sobrevivido.

Mas olhando em volta não puderam responder a essas perguntas, pois nunca tinham visto nada no mundo que se assemelhasse à visão que os aguardava.

De início, parecia que os órfãos Baudelaire ainda estavam no meio do oceano, já que tudo o que podiam ver era uma paisagem plana e molhada se estendendo em todas as direções, sumindo pouco a pouco na cinzenta névoa matinal. Mas, ao olhar por cima da borda do barco arruinado, as crianças viram que a água não era muito mais profunda que uma poça, e que aquela enorme poça estava atulhada de detritos, uma palavra que aqui significa "toda sorte de itens estranhos". Havia grandes pedaços de madeira projetando-se da água como dentes pontiagudos, e compridos pedaços de corda emaranhados em complicados nós encharcados. Havia imensos montes de algas, e milhares de peixes se debatendo e abrindo a boca sob o sol enquanto aves marinhas mergulhavam do céu enevoado e se serviam de um desjejum de frutos do mar. Havia o que parecia ser pedaços de outras embarcações — âncoras e vigias, balaústres e mastros, espalhados por toda parte como brinquedos quebrados — e outros objetos que poderiam ter sido parte da carga dos barcos, inclusive lanternas estilhaçadas, barris esmagados, documentos empapados, e os restos rasgados de roupas de todo tipo, de cartolas a patins.

Havia uma máquina de escrever antiquada apoiada contra uma ampla e ornamentada gaiola de passarinho, com uma família de peixes coloridos ziguezagueando por entre as suas teclas. Havia um grande canhão de bronze, com um grande caranguejo se arrastando para fora do cano, e havia uma rede irremediavelmente rasgada, presa nas pás de uma hélice. Era como se a tempestade tivesse varrido o mar inteiro para longe, deixando todo o seu conteúdo espalhado pelo fundo do oceano.

"O que é este lugar?", disse Violet num sussurro abafado. "O que aconteceu?"

Klaus tirou os óculos do bolso, onde os guardava para maior proteção, e ficou aliviado ao ver que estavam intactos.

"Acho que estamos sobre uma plataforma costeira", disse ele. "Há lugares no mar em que a água fica subitamente muito rasa, em geral perto de terra firme. A tempestade deve ter jogado o nosso barco na plataforma, junto com todos esses outros destroços."

"Terra?", perguntou Sunny, pondo a mão pequenina sobre os olhos para poder enxergar mais longe. "Não vejo."

Klaus passou cuidadosamente por cima da borda do barco. A água

escura só vinha até os seus joelhos, e ele começou a andar em volta do barco com passos cautelosos.

"As plataformas costeiras costumam ser muito menores que isto", disse ele, "mas deve haver uma ilha em algum lugar aqui perto. Vamos procurá-la."

Violet seguiu o irmão para fora do barco, carregando a irmã, que ainda era muito baixinha.

"Em que direção você acha que devemos seguir?", perguntou ela. "Não queremos nos perder."

Sunny deu um sorrisinho para os irmãos.

"Já perdidos", salientou.

"Sunny tem razão", disse Klaus. "Mesmo se tivéssemos uma bússola, não saberíamos onde estamos nem aonde vamos. Poderíamos muito bem ir em qualquer direção."

"Então eu voto para seguirmos rumo ao oeste", disse Violet, apontando na direção oposta ao sol nascente. "Já que vamos caminhar por algum tempo, não quero o sol nos nossos olhos."

"A não ser que encontremos os nossos óculos de *concierges",* disse Klaus. "A tempestade os arrastou para longe, mas podem ter caído na mesma plataforma."

"Poderíamos achar qualquer coisa aqui", disse Violet, e depois de dar apenas alguns passos os Baudelaire constataram que era assim de fato, pois flutuando na água havia um item dos detritos que desejaram tivesse sido arrastado para bem longe deles para sempre. Boiando em uma parte especialmente imunda da água, esticado de costas com o seu lançador de arpões apoiado em um ombro, estava o conde Olaf. Os olhos do vilão estavam fechados embaixo da sua sobrancelha única, e ele não se mexia. Em todas as suas miseráveis ocasiões com o conde, os Baudelaire nunca tinham visto Olaf parecer tão calmo.

"Acho que não foi necessário atirá-lo ao mar", disse Violet. "A tempestade fez isso por nós."

Klaus se inclinou para olhar Olaf mais de perto, mas o vilão ainda não se mexia.

"Deve ter sido horrível", disse ele, "tentar agüentar a tempestade sem absolutamente nenhum tipo de abrigo."

"Esticanela?", perguntou Sunny, no entanto naquele momento os olhos

do conde Olaf se abriram e a pergunta da mais jovem dos Baudelaire foi respondida. Franzindo o cenho, o vilão moveu os olhos em uma direção, depois em outra.

"Onde estou?", resmungou ele, cuspindo um pedaço de alga. "Onde está a minha figura de proa?"

"Plataforma costeira", respondeu Sunny.

Ao som da voz de Sunny, o conde Olaf piscou e sentou-se, olhando ferozmente para as crianças e sacudindo a água para fora dos ouvidos.

"Tragam-me um café, órfãos!", ordenou ele. "Tive uma noite muito desagradável e apreciaria um café-da-manhã saboroso e nutritivo antes de decidir o que fazer com vocês."

"Não há café aqui", disse Violet, muito embora houvesse de fato uma máquina de café expresso a cerca de seis metros de distância. "Estamos caminhando para oeste, na esperança de achar uma ilha."

"Vocês vão caminhar para onde eu mandar vocês caminharem", rosnou Olaf. "Estão esquecendo de que eu sou o capitão deste barco?"

"O barco está atolado na areia", disse Klaus. "Está muito danificado."

"Bem, ainda assim vocês são meus comparsas", disse o vilão, "e minhas ordens são que caminhemos para o oeste, na esperança de achar uma ilha. Ouvi dizer que existem ilhas em partes distantes do mar. Os habitantes primitivos nunca viram gente civilizada, portanto é provável que vão me reverenciar como a um deus."

Os Baudelaire se entreolharam e suspiraram. Reverenciar é uma palavra que aqui significa "louvar em alto grau e ter um grande respeito", e não existia pessoa a quem as crianças reverenciassem menos do que o homem horroroso que estava plantado diante delas, palitando os dentes com um pedaço de concha e referindo-se aos habitantes de uma certa região do mundo como "primitivos". Contudo, parecia que, para onde quer que viajassem os Baudelaire, havia pessoas tão gananciosas que respeitavam e louvavam Olaf por seu estilo perverso, ou tão tolas que nem notavam o quão horroroso ele era realmente. Isso bastava para fazer as crianças abandonarem Olaf ali na plataforma costeira, mas é difícil abandonar alguém em um lugar onde tudo já estava abandonado, e assim três órfãos e apenas um vilão caminharam juntos penosamente e em silêncio rumo ao oeste, através da atulhada plataforma costeira, perguntando-se o que lhes reservava o futuro. O conde Olaf ia na frente, equilibrando o lançador de arpões em um ombro e volta e

meia interrompendo o silêncio com exigências de café, suco fresco e outros itens de desjejum igualmente impossíveis de obter. Violet seguia atrás dele, usando como cajado um balaústre quebrado que achara, e cutucando pedaços interessantes de sucata mecânica que descobria no meio da sujeira; Klaus andava ao lado da irmã, fazendo anotações ocasionais no seu livro de lugar-comum. Sunny subira nos ombros de Violet para servir como uma espécie de sentinela, e foi a mais jovem dos Baudelaire que rompeu o silêncio com um grito triunfante.

"Terra à vista!", gritou ela, apontando para a névoa, e os três Baudelaire puderam ver a tênue forma de uma ilha se erguendo fora da plataforma. A ilha parecia estreita e comprida, como um trem de carga, e se eles apertassem os olhos podiam ver agrupamentos de árvores e o que pareciam ser enormes lençóis de pano branco ondulando ao vento.

"Eu descobri uma ilha!", cacarejou o conde Olaf. "Vou chamá-la de Olaflândia!"

"Você não descobriu a ilha", salientou Violet. "Parece que já existem pessoas morando lá."

"E eu sou o rei delas!", proclamou Olaf. "Depressa, órfãos! Meus súditos reais vão preparar um grande café-da-manhã para mim, e se eu estiver de bom humor vou deixar vocês lamberem os pratos!"

Os Baudelaire não tinham a menor intenção de lamber os pratos de Olaf ou de quem quer que fosse, mas apesar de tudo continuaram andando na direção da ilha, manobrando em volta dos destroços que ainda atulhavam a superfície da plataforma. Tinham acabado de contornar um piano de cauda, que se projetava verticalmente para fora da água como se tivesse caído do céu, quando alguma coisa chamou a atenção dos Baudelaire — uma diminuta figura branca que vinha apressadamente na direção deles.

"O quê?", perguntou Sunny. "Quem?"

"Pode ser mais um sobrevivente da tempestade", disse Klaus. "O nosso barco pode não ter sido o único nesta área do oceano."

"Você acha que a tempestade alcançou Kit Snicket?", perguntou Violet.

"Ou os trigêmeos?", disse Sunny.

O conde Olaf fez uma careta e pôs um dedo enlameado no gatilho do lançador de arpões.

"Se aquilo for Kit Snicket ou algum pestinha de órfão", disse ele, "vai levar um arpão no lugar onde está. Nenhum voluntário ridículo vai tomar a

minha ilha de mim!"

"Você não ia querer desperdiçar o seu último arpão", disse Violet, pensando depressa. "Quem sabe onde irá encontrar outro?"

"E verdade", admitiu Olaf. "Você está se tornando uma excelente comparsa."

"Lero-lero", rosnou Sunny mostrando os dentes para o conde.

"Minha irmã está certa", disse Klaus. "É ridículo discutir sobre voluntários e comparsas quando estamos em uma plataforma costeira no meio do oceano."

"Não tenha tanta certeza, órfão", retrucou Olaf. "Não importa onde estivermos, sempre haverá espaço para alguém como eu." Ele se inclinou para perto de Klaus para dar-lhe um sorriso pérfido, como se estivesse contando uma piada. "A esta altura, você ainda não aprendeu?"

Era uma pergunta desagradável, mas os Baudelaire não tiveram tempo de responder, pois a figura foi se aproximando cada vez mais, até que as crianças puderam ver que se tratava de uma menininha, talvez de seis ou sete anos de idade. Estava descalça, e vestia uma simples túnica branca, tão limpa que seria impossível ela ter estado na tempestade. Pendurada no cinto havia uma grande concha branca, e a menina estava usando um par de óculos escuros muito parecido com os que os Baudelaire usaram quando eram *concierges*. Sorria de orelha a orelha, mas quando alcançou os irmãos, ofegante por causa do longo percurso, ela subitamente pareceu envergonhada, e embora os irmãos estivessem muito curiosos para saber quem ela era, também ficaram calados. Até mesmo Olaf não falou nada, ficou só admirando o seu reflexo na água.

Quando você ficar sem fala na frente de alguém que não conhece, pode querer se lembrar de algo que a mãe dos Baudelaire lhes contara muito tempo atrás, e algo que ela me contou ainda mais tempo atrás. Posso vê-la agora, sentada em um pequeno divã que havia no canto do seu quarto, ajeitando as tiras da sandália com uma das mãos e comendo uma maçã com a outra, dizendo para eu não me preocupar com a festa que estava começando no andar de baixo. "As pessoas adoram falar sobre si mesmas, senhor Snicket", ela me disse entre mordidas na maçã. "Caso se veja tentando imaginar o que dizer a qualquer um dos convidados, pergunte qual código secreto ele prefere, ou descubra o que ele esteve espionando ultimamente." Também Violet quase podia ouvir a voz da mãe quando olhou para aquela menininha e

decidiu perguntar alguma coisa sobre ela.

"Qual é o seu nome?", perguntou Violet.

A menina ficou mexendo na sua concha, depois ergueu os olhos para a mais velha dos Baudelaire.

"Sexta-Feira", disse ela.

"Você mora na ilha, Sexta-Feira?", perguntou Violet.

"Sim", disse a menina. "Levantei cedo esta manhã para a coleta de despojos pós-borrasca."

"Desposborraquê?", perguntou Sunny de cima dos ombros de Violet.

"Toda vez que há uma tempestade, todo mundo na colônia sai para coletar tudo o que se acumulou na plataforma costeira", disse Sexta-Feira. "Nunca se sabe quando um desses itens poderá ser útil. Vocês são náufragos?"

"Acho que somos", disse Violet. "Estávamos viajando de barco quando fomos apanhados pela tempestade. Eu sou Violet Baudelaire, este *é* meu irmão Klaus e esta, minha irmã Sunny." Ela voltou-se relutantemente para Olaf, que fulminava Sexta-Feira com um olhar desconfiado. "E este é..."

"Eu sou seu rei!", anunciou Olaf com uma voz solene. "Curve-se diante de mim, Sexta-Feira!"

"Não, obrigada", disse Sexta-Feira educadamente. "Nossa colônia não é uma monarquia. Vocês devem estar exaustos, irmãos Baudelaire. A tempestade parecia tão enorme vista da praia que achamos que não haveria náufragos desta vez. Por que vocês não vêm comigo? Poderão comer alguma coisa."

"Ficaríamos muito agradecidos", disse Klaus. "E muito freqüente náufragos aparecerem nesta ilha?"

"De vez em quando", disse Sexta-Feira com um pequeno encolher de ombros. "Parece que mais cedo ou mais tarde tudo acaba vindo dar nas nossas praias."

"As praias de Olaflândia, você quer dizer", rosnou o conde Olaf. "Eu descobri a ilha, portanto cabe a mim dar-lhe um nome."

Sexta-Feira lançou um olhar curioso para Olaf por baixo dos óculos escuros.

"O senhor deve estar confuso depois da sua jornada através da tempestade", disse ela. "Meu povo vive nesta ilha há muitos, muitos anos."

"Povo primitivo", escarneceu o vilão. "Não vejo sequer casas na ilha."

“Moramos em tendas”, disse Sexta-Feira, apontando para os panos brancos ondulantes na ilha. “Ficamos cansados de construir casas apenas para que fossem arrastadas para longe durante a estação das tempestades, e o resto do tempo o clima é tão quente que apreciamos a ventilação que uma tenda propicia.”

“Ainda digo que vocês são primitivos”, insistiu Olaf, “e não dou ouvidos a gente primitiva.”

“Não vou forçá-lo”, disse Sexta-Feira. “Venha comigo e decida por si mesmo.”

“Eu não vou com você”, disse o conde, “nem os meus comparsas! Eu sou o conde Olaf e sou eu quem manda aqui, e não qualquer idiotazinha de túnica!”

“Não há motivo para insultos”, disse Sexta Feira. “A ilha é o único lugar para onde você pode ir, conde Olaf, portanto, de fato, não importa quem manda.”

Olaf fez uma careta horrível para Sexta-Feira e apontou o lançador de arpões diretamente para a menininha.

“Se você não se curvar diante de mim, Sexta-Feira, vou disparar este arpão contra você!”

Os Baudelaire engasgaram, mas Sexta-Feira apenas franziu a testa para o vilão.

“Dentro de alguns momentos”, disse ela, “todos os habitantes da ilha terão saído para a coleta de despojos pós-borrasca. Eles vão presenciar qualquer ato de violência que você venha a cometer, e a sua entrada na ilha não será autorizada. Por favor, aponte essa arma para longe de mim.”

O conde Olaf abriu a boca como se fosse dizer alguma coisa, mas depois de um instante fechou-a de novo e abaixou o lançador de arpões, vexado, uma palavra que aqui significa “parecendo estar muito embaraçado por obedecer às ordens de uma menininha”.

“Irmãos Baudelaire, por favor, venham comigo”, disse Sexta-Feira, e começou a mostrar o caminho na direção da ilha distante.

“E eu?”, perguntou o conde. Sua voz estava um pouco esganiçada, lembrando aos Baudelaire outras vozes que ouviram, de pessoas que estavam com medo do próprio Olaf. Eles tinham ouvido aquele tom de voz em seus tutores, e no sr. Poe, quando o vilão o confrontava. Era o tom de voz de diversos voluntários quando discutiam as atividades de Olaf, e mesmo dos

seus comparsas quando se queixavam do patrão malvado. Era o tom de voz que os Baudelaire ouviram em si mesmos, durante as incontáveis vezes em que o homem horroroso os ameaçara e jurara pôr as mãos na fortuna deles, mas as crianças nunca pensaram que iriam ouvir esse tom de voz vindo do próprio Olaf. “E eu?”, ele perguntou de novo; entretanto, os irmãos já seguiam Sexta-Feira por um pequeno trecho além do lugar onde ele estava, e quando os órfãos Baudelaire se voltaram para ele, Olaf parecia apenas mais um detrito que a tempestade arrastara para a plataforma costeira.

“Vá embora”, disse Sexta-Feira com firmeza, e os náufragos se perguntaram se finalmente teriam encontrado um lugar onde não havia espaço para o conde Olaf.



CAPÍTULO TRÊS

Como certamente você já sabe, há muitas palavras na misteriosa e confusa língua inglesa que podem significar duas coisas completamente diferentes. A palavra *bear,* por exemplo, pode se referir a um mamífero bastante robusto que se encontra nas florestas, como na frase: "O urso [*bear*] se moveu silenciosamente na direção da monitora do acampamento, que estava ocupada demais passando batom e não percebeu"; mas também pode se referir a quanto uma pessoa é capaz de agüentar, como na frase: "A perda da minha monitora no acampamento é mais do que eu posso suportar [*bear*]*".* A palavra *yarn* pode se referir a um fio colorido de lã, como na frase: "O suéter dele era feito de fio colorido de lã [*yarn*]*";* mas também pode ser uma história comprida e prolixa, como na frase: "A sua história comprida e prolixa [*yarn*] sobre como perdeu o suéter quase me fez dormir". A palavra *hard* pode se referir a uma coisa difícil e também a uma coisa que é dura ao toque, mas se você fala inglês, a não ser que se depare com uma frase como The bears bear hard hard yarn yarns, é improvável que fique confuso. Os Baudelaire, enquanto seguiam Sexta-Feira através da plataforma costeira em direção à ilha onde ela vivia, experimentaram ambas as definições da palavra

cordial, a qual se refere tanto a uma pessoa amistosa como a uma bebida doce, e quanto mais desfrutavam de uma, mais confusos ficavam com a outra.

"Talvez vocês apreciem um pouco de cordial de coco", disse Sexta-Feira em um tom de voz cordial e estendeu a mão para a concha que estava pendurada no seu cinto. Com um dedo fino, ela abriu uma tampa, e as crianças puderam ver que a concha tinha sido transformada em uma espécie de cantil. "Vocês devem estar com sede depois dessa jornada através da tempestade."

"Estamos com sede", admitiu Violet, "mas água fresca não seria melhor para a sede?"

"Não existe água fresca na ilha", disse Sexta-Feira. "Há algumas quedas-d'água salgada que usamos para nos lavar e uma lagoa salgada que é perfeita para nadar. Mas tudo o que bebemos é cordial de coco. Tiramos a água dos cocos e deixamos fermentar."

"Fermentar?", perguntou Sunny.

"Sexta-Feira quer dizer que a água-de-coco fica descansando algum tempo e passa por um processo químico que a torna mais doce e mais forte", explicou Klaus, pois lera a respeito da fermentação em um livro sobre uma vinícola, que tinha na biblioteca dos Baudelaire.

"A doçura vai lavar o gosto da tempestade", disse Sexta-Feira, e passou a concha para as três crianças. Uma por uma, cada qual tomou um gole do cordial. Como dissera Sexta-Feira, a bebida era bem doce, mas havia outro gosto além desse, algo estranho e forte que as deixou um pouco tontas. Violet e Klaus se encolheram quando o cordial deslizou grosso por suas gargantas, e Sunny tossiu assim que a primeira gota tocou sua língua.

"É um pouco forte para nós, Sexta-Feira", disse Violet, entregando a concha de volta à menininha.

"Vocês vão se acostumar", disse Sexta-Feira com um sorriso, "quando o beberem em todas as refeições. É um dos costumes aqui."

"Entendo", disse Klaus, fazendo uma anotação no seu livro de lugar-comum. "Que outros costumes vocês têm aqui?"

"Não muitos", disse Sexta-Feira, olhando primeiro para o caderno de Klaus e depois à sua volta, onde os Baudelaire podiam ver as figuras distantes dos ilhéus, todos vestidos de branco, andando pela plataforma costeira e cutucando os destroços que encontravam. "Toda vez que há uma tempestade, nós saímos para a coleta de despojos pós-borrasca e

apresentamos o que encontramos a um homem chamado Ishmael. Ele está nesta ilha há mais tempo que qualquer um de nós; feriu os pés algum tempo atrás e os mantém cobertos de barro da ilha, que tem poderes curativos. Ishmael não consegue nem ficar em pé, mas serve como 'facilitador' da ilha."

"Definir?", perguntou Sunny a Klaus.

"Um facilitador é alguém que ajuda outras pessoas a tomar decisões", explicou o Baudelaire do meio.

Sexta-Feira balançou a cabeça, concordando.

"Ishmael decide qual detrito poderá ser de utilidade para nós, e qual os carneiros devem arrastar para longe."

"Há carneiros na ilha?", perguntou Violet.

"Um rebanho de carneiros selvagens apareceu nas nossas praias há muitos e muitos anos", disse Sexta-Feira, "e eles vagam livremente, a não ser quando são necessários para arrastar nossos itens coletados para o arboreto, no outro extremo da ilha, além daquela escarpa ali adiante."

"Escarpa?", perguntou Sunny.

"Uma escarpa é uma colina ou ladeira íngreme", disse Klaus, "e um arboreto é um lugar onde árvores são cultivadas."

"Tudo o que cresce no arboreto da ilha é uma enorme macieira", disse Sexta-Feira, "ou pelo menos é isso que ouvi dizer."

"Você nunca esteve no outro lado da ilha?", perguntou Violet.

"Ninguém vai para o outro lado da ilha", disse Sexta-Feira. "Ishmael diz que é perigoso demais, com todos os itens que os carneiros levaram para lá. Ninguém jamais colhe as maçãs da árvore, exceto no Dia da Decisão."

"Feriado?", perguntou Sunny.

"Acho que é algum tipo de feriado, sim", disse Sexta-Feira. "Uma vez por ano, as marés se invertem nesta parte do oceano, e a plataforma costeira fica totalmente coberta de água. E a única ocasião no ano em que fica funda o suficiente para navegarmos para longe da ilha. Durante o ano inteiro nós construímos um enorme catamarã, que é um tipo de canoa, e no dia em que as marés se invertem realizamos um banquete e um show de calouros. Então qualquer um que deseje deixar a nossa colônia demonstra sua decisão mordendo uma maçã e cuspindo no chão antes de embarcar no catamarã e nos dar adeus."

"Eca", disse a mais jovem dos Baudelaire, imaginando uma multidão cuspindo maçãs.

“Não há *eca* nenhuma nisso”, disse Sexta-Feira fechando a cara. “É o costume mais importante da colônia.”

“Tenho certeza de que é maravilhoso”, disse Violet, lembrando a irmã com um olhar severo de que não é polido insultar os costumes dos outros.

“E é mesmo”, disse Sexta-Feira. “É claro, as pessoas raramente saem desta ilha. Ninguém saiu desde que eu nasci, portanto nós simplesmente ateamos fogo na embarcação, a empurramos para o mar e ficamos assistindo. Um catamarã em chamas desaparecendo lentamente no horizonte é um lindo espetáculo.”

“Deve ser mesmo lindo”, disse Klaus, muito embora o Baudelaire do meio achasse mais arrepiante que lindo, “mas me parece desperdício construir uma canoa todos os anos só para atear fogo nela.”

“Isso nos proporciona algo para fazer”, disse Sexta-Feira, encolhendo os ombros. “Além de construir o catamarã, não há muito com o que se ocupar na ilha. Pescamos os peixes, cozinhamos as refeições, lavamos a roupa, mas ainda resta grande parte do dia sem nada para fazer.”

“Cozinhamos?”, perguntou Sunny, alvoroçada.

“Minha irmã é uma espécie de chefe de cozinha”, disse Klaus. “Tenho certeza de que ficará feliz em ajudar com as refeições.”

Sexta-Feira sorriu e pôs as mãos nos bolsos fundos de sua túnica.

“Não vou esquecer disso”, disse ela. “Vocês têm certeza de que não querem mais um gole de cordial?”

Todos os três Baudelaire balançaram a cabeça.

“Não, obrigada”, disse Violet, “mas é delicadeza sua oferecer.”

“Ishmael diz que todas as pessoas devem ser tratadas com delicadeza”, disse Sexta-Feira, “a não ser que elas mesmas sejam indelicadas. É por isso que deixei aquele homem horrível, o conde Olaf, para trás. Vocês estavam viajando com ele?”

Os Baudelaire se entreolharam, incertos sobre como responder à pergunta. Por um lado, Sexta-Feira parecia muito cordial, mas — como no cordial que ela oferecera — havia algo além de doçura na sua descrição da ilha. Os costumes da colônia eram muito estritos e, embora os irmãos se sentissem aliviados por se livrar da companhia de Olaf, havia algo de cruel em abandoná-lo na plataforma costeira, mesmo sabendo que, com certeza, ele teria feito a mesma coisa com os órfãos se tivesse tido a oportunidade. Violet, Klaus e Sunny não estavam certos de como Sexta-Feira iria reagir caso

admitissem estar na companhia do vilão, então eles ficaram um momento sem responder, até que o Baudelaire do meio se lembrou de uma expressão que lera em um romance sobre pessoas muito, muito polidas.

"Depende de como você encara as coisas", disse Klaus, usando uma frase que soa como uma resposta mas que raramente quer dizer alguma coisa. Sexta-Feira lançou uma olhadela curiosa para ele, porém as crianças tinham chegado ao fim da plataforma costeira e estavam na beira da ilha. Era uma praia inclinada, com areia tão branca que a túnica branca de Sexta-Feira dava a impressão de ser quase invisível; no topo do aclive via-se um catamarã, confeccionado com capim selvagem e ramos de árvores, que parecia quase acabado, pois o Dia da Decisão estava próximo. Depois do barco, havia uma enorme tenda branca, comprida como um ônibus escolar. Os Baudelaire seguiram Sexta-Feira para o seu interior e descobriram, para sua surpresa, que estava cheia de carneiros, todos deitados cochilando. Os carneiros estavam amarrados uns nos outros com cordas grossas e puídas, e, destacando-se acima deles, um velho sorria para os Baudelaire através de uma barba tão espessa e desgrenhada quanto os mantos lanosos daqueles animais. Ele estava sentado em uma cadeira enorme que parecia ter sido confeccionada com barro branco, e mais duas pilhas de barro se erguiam onde deveriam estar os seus pés. Usava uma túnica como a de Sexta-Feira, de cujo cinto pendia uma concha similar à da menina, e sua voz soou tão cordial quanto a de Sexta-Feira quando ele sorriu para as três crianças.

"O que temos aqui?", disse ele.

"Encontrei três náufragos na plataforma costeira", disse Sexta-Feira orgulhosamente.

"Bem-vindos, náufragos!", disse Ishmael. "Perdoem-me por permanecer sentado, mas os meus pés estão bastante inflamados hoje, por isso estou fazendo uso do nosso barro curativo. É um prazer conhecê-los."

"É um prazer conhecê-lo, Ishmael", disse Violet, que achava que o barro curativo tinha dúbia eficácia científica, uma frase que aqui significa "provavelmente não adiantava nada para pés inflamados".

"Me chamem de Ish", disse Ishmael, inclinando-se para coçar a cabeça de um carneiro. "E como devo chamá-los?"

"Violet, Klaus e Sunny Baudelaire", interveio Sexta-Feira antes que os irmãos pudessem se apresentar.

"Baudelaire?", Ishmael repetiu e ergueu as sobrancelhas. Ele olhou para

as três crianças em silêncio enquanto tomava um longo gole de cordial da sua concha, e por apenas um momento o seu sorriso desapareceu. Então o homem olhou para os irmãos e sorriu calorosamente. “Há um bom tempo que não admitimos novos ilhéus. Vocês são bem-vindos para ficar o tempo que quiserem, a não ser que sejam indelicados, é claro.”

“Muito obrigado”, disse Klaus, da forma mais delicada que podia. “Sexta-Feira nos contou algumas coisas sobre a ilha. Parece muito interessante.”

“Depende de como você encara as coisas”, disse Ishmael. “Mesmo que vocês queiram partir, só terão a oportunidade de fazê-lo uma vez por ano. Nesse meio-tempo, Sexta-Feira, por que você não os leva a uma tenda, para que possam trocar de roupa? Devemos ter algumas túnicas novas de lã que servirão perfeitamente.”

“Nós agradeceríamos”, disse Violet. “Os nossos uniformes de *concierge* estão um tanto encharcados por causa da tempestade.”

“Estou certo que sim”, disse Ishmael, torcendo uma mecha de barba entre os dedos. “Além disso, o nosso costume é não usar nada que não seja branco, para combinar com a areia das ilhas, o barro curativo da lagoa e a lã dos carneiros selvagens. Sexta-Feira, estou surpreso por você ter optado por romper com a tradição.”

Sexta-Feira enrubesceu e sua mão subiu para os óculos escuros que estava usando.

“Encontrei isso entre os destroços”, disse ela. “O sol é tão forte na ilha que achei que poderia ser útil.”

“Não vou forçá-la”, disse Ishmael calmamente, “mas me parece que você poderia preferir se vestir de acordo com o costume, em vez de exibir o seu novo adorno ocular.”

“Tem razão, Ishmael”, disse Sexta-Feira mansamente, tirando os óculos escuros com uma das mãos enquanto a outra mergulhava dentro de um dos bolsos fundos da túnica.

“Assim está melhor”, disse Ishmael, e sorriu para os Baudelaire. “Espero que vocês gostem de viver nesta ilha”, disse ele. “Somos todos náufragos aqui, de uma ou outra tempestade; em vez de tentar retornar ao mundo, construímos uma colônia segura contra a perfídia do mundo.”

“Havia uma pessoa pérfida com eles”, manifestou-se Sexta-Feira, pressurosa. “Seu nome era conde Olaf, mas ele foi tão detestável que não o

deixei vir conosco."

"Olaf?", perguntou Ishmael, e suas sobrancelhas se ergueram novamente. "Esse homem *é* amigo de vocês?"

"Shemchance", disse Sunny.

"Não, não é", Violet traduziu depressa. "Para dizer a verdade, estamos tentando escapar do conde Olaf há um bom tempo."

"Ele é um homem horroroso", disse Klaus. "Mesmo barco", disse Sunny.

"Hummm", fez Ishmael, pensativo. "E essa é a história inteira, irmãos Baudelaire?"

As crianças se entreolharam. É claro, as poucas frases que tinham pronunciado não eram a história inteira. Havia muito, muito mais na história dos Baudelaire e do conde Olaf; se as crianças a tivessem recitado inteira, Ishmael provavelmente teria chorado até as lágrimas derreterem o barro, o que deixaria seus pés expostos, além de privá-lo de um local onde sentar. Os Baudelaire poderiam ter contado ao facilitador da ilha sobre todos os esquemas do conde Olaf, desde o assassinato selvagem do tio Monty até a traição de madame Lulu no Parque Caligari. Poderiam ter lhe contado sobre os disfarces do conde, desde a sua falsa perna-de-pau, quando fingia ser o capitão Sharn, até os tênis e o turbante, quando chamava a si mesmo de instrutor Genghis. Eles poderiam ter contado a Ishmael sobre os muitos comparsas de Olaf, desde a sua namorada Esmé Squalor até as mulheres de cara branca que desapareceram nas Montanhas de Mão-Morta; poderiam ter contado a Ishmael sobre todos os mistérios sem solução que ainda faziam os Baudelaire ficar acordados à noite, desde o desaparecimento do capitão Andarré de uma caverna submarina até o estranho chofer de táxi que se aproximara das crianças do lado de fora do Hotel Desenlace; e é claro que poderiam ter contado a Ishmael sobre aquele dia horripilante na Praia de Sal, quando ouviram pela primeira vez a notícia sobre a morte de seus pais. Mas se os Baudelaire tivessem contado a história inteira a Ishmael, teriam de contar as partes que os punham sob uma luz desfavorável, frase que aqui significa que "as coisas que os Baudelaire fizeram eram talvez tão pérfidas quanto as feitas por Olaf". Eles teriam falado sobre seus próprios esquemas, desde cavar um buraco para capturar Esmé até provocar o incêndio que destruiu o Hotel Desenlace. Precisariam mencionar seus disfarces, desde Sunny fingindo ser Chabo, a Bebê-Lobo, até Violet e Klaus fingindo ser

Escoteiros da Neve, e os camaradas deles, desde a juíza Strauss, que provara ser mais útil do que tinham pensado de início, até Fiona, que provara ser mais pérfida do que eles imaginaram. Se os órfãos Baudelaire tivessem contado a Ishmael a história inteira, poderiam ter aparentado ser tão vilanescos quanto o conde Olaf. Os Baudelaire não queriam estar de volta à plataforma costeira, com todos os detritos da tempestade. Eles queriam estar a salvo da perfídia e do mal, mesmo que os costumes da ilha não fossem exatamente do agrado deles, e assim, em vez de contar a Ishmael a história inteira, os Baudelaire simplesmente assentiram com a cabeça e disseram a coisa mais segura em que puderam pensar.

"Depende de como você encara as coisas", disse Violet, e seus irmãos balançaram a cabeça em concordância.

"Muito bem", disse Ishmael. "Agora andem, vão escolher as suas túnicas e, depois que se trocarem, por favor entreguem todos os seus velhos pertences a Sexta-Feira, para que os levemos ao arboreto."

"Tudo?", disse Klaus.

Ishmael assentiu: "E o nosso costume".

"Occulaklaus?", perguntou Sunny, e seus irmãos rapidamente explicaram que ela queria dizer alguma coisa como: "E os óculos de Klaus?".

"Ele mal pode ler sem eles", acrescentou Violet.

Ishmael ergueu as sobrancelhas de novo.

"Bem, aqui não há biblioteca", disse ele depressa, com uma olhadela nervosa para Sexta-Feira, "mas suponho que os óculos dele tenham uma certa utilidade. Agora, vão depressa, irmãos Baudelaire, a não ser que antes queiram tomar um gole de cordial."

"Não, obrigado", disse Klaus, perguntando-se quantas vezes iriam oferecer aquela estranha e doce beberagem a ele e a suas irmãs. "Minhas irmãs e eu já experimentamos um pouco, e não apreciamos muito o sabor."

"Não vou forçá-los", disse novamente Ishmael, "mas a sua opinião inicial a respeito de quase tudo poderá mudar com o tempo. Eu os vejo em breve, irmãos Baudelaire."

Ele fez um pequeno aceno para eles, e os Baudelaire acenaram de volta enquanto Sexta-Feira os levava para fora da tenda e, mais adiante, ladeira acima, onde outras tendas tremulavam à brisa matinal.

"Escolham qualquer tenda que lhes agrade", disse Sexta-Feira. "Nós todos trocamos de tenda todos os dias — exceto Ishmael, por causa dos pés

dele."

"As pessoas não ficam confusas de dormir em um lugar diferente a cada noite?", perguntou Violet.

"Depende de como você encara as coisas", disse Sexta-Feira, tomando um gole da sua concha. "Eu nunca dormi de nenhum outro jeito."

"Você passou a sua vida inteira nesta ilha?", disse Klaus.

"Sim", disse Sexta-Feira. "Minha mãe e meu pai viajavam num cruzeiro oceânico quando ela estava grávida, e eles enfrentaram uma tempestade horrível. Meu pai foi devorado por um peixe-boi, e minha mãe foi jogada na praia, grávida, comigo em sua barriga. Logo vocês vão conhecê-la. Agora, por favor, troquem de roupa depressa."

"Dimediato", assegurou Sunny, e Sexta-Feira tirou a mão do bolso e apertou a de Sunny. Os Baudelaire entraram na tenda mais próxima, onde havia uma pilha de túnicas dobradas em um canto. Rapidamente, eles vestiram suas roupas novas, felizes por descartar os uniformes de *concierge,* que estavam encharcados e salgados por causa da tempestade da noite anterior. Ao terminar, no entanto, eles olharam por um momento para a pilha de roupas molhadas. Os Baudelaire se sentiam estranhos usando as vestes doutrinais, uma frase que aqui significa "vestindo as roupas quentes e pouco elegantes que eram normalmente usadas por pessoas que mal conheciam". A sensação era de que os três irmãos estavam jogando fora tudo o que lhes acontecera antes de sua chegada à ilha. As roupas, é claro, não eram a história inteira dos Baudelaire, pois roupas nunca são a história inteira de ninguém, exceto talvez no caso de Esmé Squalor, cujas roupas vilanescas e da última moda revelavam exatamente o quão vilanesca e da última moda ela era. Mas os Baudelaire não podiam deixar de sentir que estavam abandonando as suas vidas anteriores, a favor de vidas novas em uma ilha de estranhos costumes.

"Não vou jogar fora esta fita", disse Violet enrolando o fino pedaço de tecido nas pontas dos dedos. "Ainda vou inventar coisas, não importa o que diga Ishmael."

"Eu não vou jogar fora o meu livro de lugar-comum", disse Klaus, segurando o caderno azul-escuro. "Ainda vou pesquisar coisas, mesmo que aqui não haja biblioteca."

"Não jogar isto", disse Sunny, e ergueu um utensílio metálico para que os irmãos pudessem ver. Uma extremidade era um cabo pequeno e simples, perfeito para as mãozinhas de Sunny, e a outra se dividia em diversos arames

reforçados que se entrecruzavam como os ramos de um pequeno arbusto.

"O que é isso?", perguntou Violet.

"Batedor", disse Sunny, e ela estava precisamente certa. Um batedor é um utensílio de cozinha usado para misturar ingredientes rapidamente, e a mais jovem dos Baudelaire estava feliz por estar de posse de um objeto tão útil.

"Sim", disse Klaus. "Eu me lembro do nosso pai usando um quando preparava ovos mexidos. Mas de onde veio isso?"

"Menina Sexta-Feira", disse Sunny.

"Ela sabe que Sunny cozinha", disse Violet, "mas deve ter pensado que Ishmael a faria jogar fora o batedor."

"Acho que ela não está assim tão ansiosa por seguir todos os costumes da colônia", disse Klaus.

"Também", concordou Sunny, e pôs o batedor em um dos bolsos fundos da sua túnica. Klaus fez o mesmo com o livro de lugar-comum, Violet fez o mesmo com a sua fita, e os três ficaram parados juntos por um momento, compartilhando os seus segredos embolsados. Dava uma sensação estranha guardar segredos de pessoas que os receberam com tanta delicadeza, assim como dava uma sensação estranha não contar a Ishmael a sua história inteira. Os segredos da fita, do livro de lugar-comum e do batedor davam às crianças a sensação de estar submersos, uma palavra para "escondidos" — que usualmente se aplica a coisas embaixo d'água, tais como um submarino submerso no mar, ou a figura de proa de uma embarcação submersa em uma plataforma costeira —, e, a cada passo que os Baudelaire davam para fora da tenda, sentiam os seus segredos submersos batendo contra eles de dentro dos bolsos das suas túnicas.

A palavra "fermentar" — como as palavras *bear, yarn* e *hard* — pode significar duas coisas completamente diferentes. Um significado é o processo químico pelo qual o suco de certas frutas se torna mais doce e mais forte, como Klaus explicara às irmãs na plataforma costeira. Mas "fermentar" também se refere a alguma coisa que está crescendo dentro de alguém, como um segredo que pode ser por fim descoberto, ou um esquema que alguém está planejando há um bom tempo. Quando os três Baudelaire saíram da tenda e entregaram os detritos de sua vida anterior a Sexta-Feira, eles sentiram os seus próprios segredos fermentando dentro deles, e se perguntaram que outros segredos e esquemas jaziam desconhecidos. Os

órfãos Baudelaire seguiram Sexta-Feira descendo de volta à praia inclinada, e se perguntaram o que mais estaria fermentando naquela ilha estranha que era o novo lar deles.



CAPÍTULO QUATRO

Quando os órfãos Baudelaire retornaram à tenda de Ishmael, o lugar estava à cunha, uma expressão que aqui significa “cheio de ilhéus de túnicas brancas, todos eles trazendo itens que tinham coletado na plataforma costeira”. Os carneiros não estavam mais cochilando, estavam rigidamente em pé, em duas longas filas, e as cordas que os amarravam levavam a um grande trenó de madeira — um meio de transporte inusitado em um clima tão quente. Sexta-Feira seguiu na frente das crianças em meio aos colonos e carneiros, que chegavam para o lado e olhavam curiosos para os três novos náufragos.

Embora fosse a primeira vez que os Baudelaire eram náufragos, eles estavam acostumados a ser estranhos em uma comunidade, desde os tempos da Escola Preparatória Prufrock até os tempos que passaram na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, mas ainda não gostavam de ser encarados. Porém, uma das estranhas verdades da vida é que praticamente ninguém gosta de ser encarado tampouco consegue deixar de encarar, e enquanto abriam caminho em direção a Ishmael, que ainda estava sentado na sua enorme cadeira de barro, os Baudelaire não conseguiram deixar de olhar de volta para os ilhéus com a mesma curiosidade, perguntando a si mesmos como tantas pessoas puderam ter se tornado náufragos na mesma ilha. Era como se o mundo estivesse cheio de pessoas com vidas tão desventuradas quanto as dos Baudelaire, e que foram todas parar no mesmo lugar.

Sexta-Feira levou os Baudelaire até a base da cadeira de Ishmael, e o facilitador sorriu para as crianças quando elas se sentaram aos seus pés

cobertos de barro.

"Essas túnicas brancas estão muito elegantes em vocês, irmãos Baudelaire", disse ele. "Muito melhor que aqueles uniformes que estavam usando antes. Vocês vão ser colonos maravilhosos, tenho certeza."

"Pirrônica?", disse Sunny, o que significava alguma coisa na linha de "Como você pode ter certeza disso baseado apenas nas nossas roupas?", mas, em vez de traduzir, Violet lembrou-se de que a colônia valorizava a delicadeza e decidiu dizer algo agradável.

"Não sei nem como expressar o quanto apreciamos isso", disse Violet, tomando cuidado para não se apoiar nos montes de barro que escondiam os pés de Ishmael. "Nós não sabíamos o que iria acontecer conosco depois da tempestade e estamos gratos a você, Ishmael, por nos acolher."

"Todo mundo é acolhido aqui", disse Ishmael, aparentemente esquecendo que o conde Olaf fora abandonado. "E, por favor, me chamem de Ish. Aceitam um pouco de cordial?"

"Não, obrigado", disse Klaus, que não conseguia convencer-se a tratar o facilitador pelo apelido. "Nós gostaríamos de conhecer os outros colonos, se estiver tudo bem."

"E claro", disse Ishmael, e bateu palmas para chamar a atenção. "Ilhéus!", gritou ele. "Como estou certo de que vocês repararam, hoje temos três novos náufragos conosco: Violet, Klaus e Sunny, os únicos sobreviventes daquela terrível tempestade. Não vou forçá-los, mas, enquanto vocês trazem os seus itens da coleta de despojos pós-borrasca até mim, por que não se apresentam aos nossos novos colonos?"

"Boa idéia, Ishmael", disse alguém do fundo da tenda.

"Me chame de Ish", disse Ishmael cofiando a barba. "Então, quem é o primeiro?"

"Eu, imagino", disse um homem de jeito simpático que segurava o que parecia ser uma grande flor de metal. "É um prazer conhecer vocês três. Meu nome é Alonso, e encontrei uma hélice de aeroplano. O pobre piloto deve ter voado direto para dentro da tempestade."

"Que pena", disse Ishmael. "Bem, não existe nenhum aeroplano na ilha, portanto não creio que uma hélice seja de grande utilidade."

"Desculpe-me", disse Violet, hesitante, "mas eu entendo alguma coisa de dispositivos mecânicos. Se nós acoplarmos a hélice a um simples motor manual, teremos um perfeito ventilador para nos refrescarmos em dias

especialmente quentes.”

Houve um murmúrio de apreciação na multidão, e Alonso sorriu para Violet.

“De fato, costuma fazer um tremendo calor por aqui”, disse ele. “É uma boa idéia.”

Ishmael tomou um gole de cordial da sua concha e depois franziu o cenho para a hélice.

“Depende de como você encara as coisas”, disse ele. “Se fizermos somente um ventilador, vamos começar a discutir sobre quem fica na frente dele.”

“Podemos nos revezar em turnos”, disse Alonso.

“E de quem será o turno no dia mais quente do ano?”, Ishmael objetou, uma palavra que aqui significa “disse em um tom de voz firme e sensato, muito embora não fosse necessariamente uma coisa sensata para se dizer”. “Eu não vou forçá-lo, Alonso, mas não acho que construir um ventilador valha todas as inconveniências que ele poderá causar.”

“Suponho que você esteja certo”, disse Alonso com um encolher de ombros, e pôs a hélice sobre o trenó de madeira. “Os carneiros podem levá-la para o arboreto.”

“Uma excelente decisão”, disse Ishmael, enquanto uma menina talvez um ou dois anos mais velha que Violet deu um passo à frente.

“Eu sou Ariel”, disse ela, “e encontrei isto em uma parte especialmente rasa da plataforma. Acho que é um punhal.”

“Um punhal?”, disse Ishmael. “Você sabe que as armas não são bem-vindas na ilha.”

Klaus estava olhando atentamente para o item que Ariel segurava nas mãos, o qual era feito de madeira entalhada e não de metal.

“Não acho que seja um punhal”, disse Klaus. “Acredito que seja uma antiga ferramenta usada para abrir páginas de livros. Hoje em dia a maior parte dos livros já é vendida com as páginas separadas, mas alguns anos atrás cada página era ligada à seguinte, portanto era necessário um instrumento para cortar as dobras do papel e ler o livro.”

“Interessante”, comentou Ariel.

“Depende de como você encara as coisas”, disse Ishmael. “Não consigo ver que utilidade isso poderia ter aqui. Nunca um único livro foi trazido pelas águas; as tempestades simplesmente despedaçam as páginas.”

Klaus enfiou a mão no bolso e tocou o seu livro de lugar-comum escondido.

"Você nunca sabe quando um livro pode aparecer", observou ele. "Na minha opinião, esse instrumento é útil para se ter por perto."

Ishmael suspirou, olhando primeiro para Klaus e depois para a menina que achara o item.

"Bem, eu não vou forçá-la, Ariel", disse ele, "mas se fosse você eu jogaria essa coisa boba no trenó."

"Com certeza você tem razão", disse Ariel encolhendo os ombros para Klaus, e depositando o cortador de páginas ao lado da hélice enquanto um homem gorducho com o rosto queimado de sol se adiantava.

"Meu nome *é* Sherman", ele disse com uma pequena saudação para os três irmãos. "E eu achei um ralador de queijo. Quase perdi um dedo para arrancá-lo de um ninho de caranguejos!"

"Você não devia ter se dado a tanto trabalho", disse Ishmael. "Não vamos ter muita utilidade para um ralador de queijo sem nenhum queijo."

"Rala coco", disse Sunny. "Bolo delicioso."

"Bolo?", disse Sherman. "Puxa, isso seria delicioso. Não comemos uma sobremesa desde que eu cheguei aqui."

"Cordial de coco *é* mais doce que sobremesa", disse Ishmael, levando a sua concha aos lábios. "Eu decerto não o forçaria, Sherman, mas de fato acho que seria melhor se esse ralador fosse jogado fora."

Sherman tomou um gole da sua própria concha e depois assentiu, olhando para a areia.

"Muito bem", disse ele, e o resto da manhã prosseguiu de modo similar. Os ilhéus, um após o outro, se apresentaram e mostraram os itens encontrados, e quase todas as vezes o facilitador da colônia os desencorajou de guardar alguma coisa. Um homem barbudo chamado Robinson encontrou um macacão, mas Ishmael lembrou a ele que na colônia as pessoas só usavam as túnicas brancas de costume, muito embora Violet pudesse imaginar-se usando aquilo enquanto inventava algum tipo de dispositivo mecânico, para não sujar a túnica. Uma mulher idosa chamada Erewhon mostrou um par de esquis que Ishmael dispensou por considerá-los pouco práticos, muito embora Klaus tivesse lido a respeito de pessoas que usaram esquis para atravessar lama e areia; uma mulher ruiva chamada Weyden ofereceu uma centrifugadora manual de secar alface, mas Ishmael lembrou a ela que as

únicas saladas da ilha eram feitas de algas, que eram lavadas na lagoa e secas ao sol, em vez de centrifugadas, muito embora Sunny quase pudesse sentir o gosto de um petisco de coco seco que um utensílio como aquele teria feito. Ferdinand ofereceu um canhão de bronze, mas Ishmael ficou com medo de que isso pudesse machucar alguém; Larsen apresentou um cortador de grama, apenas para Ishmael lembrá-la de que a praia não precisava ser aparada regularmente. Um menino mais ou menos com a idade de Klaus apresentou-se como Omeros e mostrou um maço de cartas que encontrara, mas Ishmael o convenceu de que um baralho provavelmente levaria ao jogo, então ele despejou o seu item no trenó; assim como uma menina chamada Finn, que achou uma máquina de escrever, avaliada como inútil por Ishmael por estar sem papel. Brewster encontrou uma janela que sobrevivera à tempestade sem quebrar, mas Ishmael salientou que não era preciso dispor de uma janela para admirar as paisagens da ilha; Calypso achou uma porta, e o facilitador insinuou que ela não poderia ser instalada em nenhuma das tendas da ilha. Byam, cujo bigode era inusitadamente encaracolado, descartou algumas pilhas que achara, e Willa, cuja cabeça era inusitadamente grande, decidiu contra uma mangueira de jardim incrustada de cracas. O sr. Pitcairn levou o tampo de uma cômoda para o arboreto, seguido pela srta. Marlow, que tinha um fundo de barril. O dr. Kurtz jogou fora uma bandeja de prata e o professor Fletcher ejetou um candelabro, enquanto madame Nordoff negava à ilha um tabuleiro de xadrez e o rabino Bligh concordava que os serviços de uma grande e ornamentada gaiola de passarinho não eram necessários por lá. Os únicos itens que os ilhéus acabaram guardando foram umas poucas redes, que iriam acrescentar aos seus suprimentos de redes usadas para apanhar peixes, e alguns cobertores, que Ishmael achou que iriam acabar alvejando sob o sol da ilha. Por fim, dois irmãos chamados Jonah e Sadie Bellamy exibiram o barco em que os Baudelaire tinham chegado, com a figura de proa ainda faltando e a placa com o nome CONDE OLAF ainda presa à popa com fita, mas a colônia já tinha quase terminado o seu catamarã de costume para o Dia da Decisão, portanto os Bellamy içaram seus itens para o trenó sem muita discussão. Os carneiros o arrastaram penosamente para fora da tenda, escarpa acima e rumo ao outro lado da ilha, para descarregar os itens no arboreto, e os ilhéus pediram licença para sair, por sugestão de Ishmael, a fim de lavar as mãos antes do almoço. Em minutos, os únicos ocupantes da tenda eram Ishmael, os órfãos Baudelaire e a menina que os levara à tenda na primeira

vez, como se os irmãos fossem meramente mais um destroço de naufrágio a ser coletado para aprovação.

"Tempestade e tanto, não foi?", perguntou Ishmael depois de um breve silêncio. "Coletamos mais refugos do que de costume."

"Foi encontrado algum outro náufrago?", perguntou Violet.

"Você se refere ao conde Olaf?", perguntou Ishmael. "Depois que Sexta-Feira o abandonou, ele nunca se atreveu a chegar perto da ilha. Ou ele está vagando pela plataforma costeira, ou está tentando nadar de volta para qualquer que seja o lugar de onde veio."

Os Baudelaire se entreolharam, sabendo muito bem que o conde Olaf estava provavelmente tramando algum esquema, sobretudo porque nenhum dos ilhéus achara a figura de proa do barco, onde estavam escondidos os esporos letais do Mycelium Medusóide.

"Nós não estávamos pensando só em Olaf", disse Klaus. "Temos alguns amigos que podem ter sido pegos na mesma tempestade: uma mulher grávida chamada Kit Snicket, que estava em um submarino com alguns associados, e um grupo de pessoas que estavam viajando por ar."

Ishmael franziu o cenho e bebeu um pouco de cordial da sua concha.

"Essas pessoas não apareceram", disse ele, "mas não se desesperem, irmãos Baudelaire. Parece que mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nas nossas praias. Talvez as embarcações deles não tenham sido danificadas pela tempestade."

"Talvez", concordou Sunny, tentando não pensar que eles podiam não ter tido essa sorte toda.

"Eles podem aparecer dentro de um dia ou um pouco mais", continuou Ishmael. "Outra tempestade vem vindo nesta direção."

"Como você sabe?", perguntou Violet. "Há um barômetro na ilha?"

"Não há barômetro nenhum", disse Ishmael, referindo-se a um dispositivo que mede a pressão da atmosfera e que vem a ser um modo de se prever o tempo. "Eu simplesmente sei que vem vindo uma tempestade."

"Como você pode saber uma coisa dessas?", perguntou Klaus, contendo-se para não tirar o seu livro de lugar-comum do bolso e fazer anotações. "Eu sempre ouvi dizer que é difícil prever o tempo sem instrumentos avançados."

"Não precisamos de instrumentos avançados nesta colônia", disse Ishmael. "Eu prevejo o tempo usando mágica."

“Meledrub”, disse Sunny, o que queria dizer qualquer coisa do tipo “Acho isso difícil de acreditar”, e seus irmãos concordaram silenciosamente. Os Baudelaire não eram de acreditar em mágica, embora a mãe deles conhecesse um truque com cartas fantástico que de quando em quando era persuadida a executar. Como todas as pessoas que já viram algo do mundo, as crianças se depararam com uma porção de coisas que foram incapazes de explicar, desde as diabólicas técnicas de hipnotismo do dr. Orwell até o modo como uma menina chamada Fiona partira o coração de Klaus, mas elas nunca se sentiram tentadas a resolver esses mistérios com uma explicação sobrenatural, como mágica. Tarde da noite, é claro, quando uma pessoa está sentada na cama, tendo sido acordada por um súbito ruído, ela acredita em toda sorte de coisas sobrenaturais, mas era começo de tarde e os Baudelaire não podiam imaginar que Ishmael fosse algum tipo de meteorologista mágico. A dúvida deles deve ter transparecido em seus rostos, pois o facilitador fez o que fazem muitas pessoas quando alguém não acredita nelas: mudou apressadamente de assunto.

“E você, Sexta-Feira?”, perguntou Ishmael. “Achou alguma coisa além dos náufragos e desses horríveis óculos escuros?”

Sexta-Feira deu uma olhada rápida para Sunny, mas depois balançou a cabeça com firmeza.

“Não”, disse ela.

“Então, por favor, vá ajudar a sua mãe com o almoço”, disse ele, “enquanto eu converso com os nossos novos colonos.”

“Preciso mesmo ir?”, perguntou Sexta-Feira. “Prefiro ficar aqui com os Baudelaire.”

“Não vou forçá-la”, disse Ishmael gentilmente, “mas tenho certeza de que a sua mãe apreciaria um pouco de ajuda.”

Sem mais palavras, Sexta-Feira voltou-se e saiu da tenda, subindo a praia inclinada em direção às outras tendas da colônia, e os Baudelaire ficaram sozinhos com o facilitador, que se inclinou para falar aos órfãos em voz baixa.

“Irmãos Baudelaire”, disse ele, “como seu facilitador, permitam-me oferecer-lhes um conselho agora que começam a sua estada nesta ilha.”

“E qual seria ele?”, perguntou Violet.

Ishmael percorreu a tenda com os olhos, como se espiões espreitassem atrás do tecido branco e ondulante. Ele tomou mais um gole da sua concha e

estalou os nós dos dedos.

"Não balancem o barco", disse ele, usando uma expressão que aqui significa "Não incomodem as pessoas fazendo uma coisa que não é costumeira". O seu tom era muito cordial, mas as crianças podiam ouvir algo menos cordial quase escondido em sua voz, do mesmo modo que a plataforma costeira é quase escondida pela água. "Estamos vivendo de acordo com os nossos costumes há um bocado de tempo. A maior parte de nós mal pode se lembrar de como era a vida antes de nos tornarmos náufragos, e há toda uma geração de ilhéus que nunca viveu em nenhum outro lugar. Meu conselho a vocês é: não façam tantas perguntas nem se intrometam demais nos nossos costumes. Nós os acolhemos, irmãos Baudelaire, o que é uma delicadeza, e esperamos delicadeza em retribuição. Se vocês continuarem bisbilhotando os assuntos da ilha, as pessoas vão pensar que vocês são indelicados — exatamente como Sexta-Feira achou que Olaf era indelicado. Portanto, não balancem o barco. Afinal, foi balançando o barco que vocês vieram parar aqui, não *é* mesmo?"

Ishmael sorriu com a sua piadinha e, apesar de não ver nada de engraçado em fazer graça com um naufrágio que quase as matara, as crianças devolveram um sorriso nervoso a Ishmael e não disseram mais nada. A tenda ficou em silêncio por alguns minutos, até que uma simpática mulher de rosto sardento entrou carregando um enorme pote de barro.

"Vocês devem ser os Baudelaire", disse enquanto Sexta-Feira vinha atrás dela carregando uma pilha de tigelas feitas de casca de coco, "e devem estar mortos de fome, aposto. Sou a senhora Caliban, mãe de Sexta-Feira, e sou eu quem cozinha aqui a maior parte do tempo. Que tal um almoço?"

"Seria maravilhoso", disse Klaus. "Estamos com muita fome."

"Quecefez?", perguntou Sunny.

A sra. Caliban sorriu e abriu o pote para as crianças espiarem o que tinha dentro.

"Ceviche", disse ela. "E um prato sul-americano de frutos do mar crus picados."

"Oh", disse Violet com todo o entusiasmo que foi capaz de manifestar. *Ceviche é* um gosto adquirido, uma frase que aqui significa "uma coisa de que você não gosta nas primeiras vezes em que come", e, embora as crianças já tivessem comido *ceviche* antes — a mãe deles costumava prepará-lo na cozinha dos Baudelaire, para celebrar o começo da estação de caranguejos

—, aquele não era o prato favorito das crianças, nem era bem o que tinham em mente como uma primeira refeição depois de naufragar. Por exemplo, quando eu naufraguei recentemente, tive a boa sorte de ser arrastado a bordo de uma barcaça onde me deleitei com uma ceia tardia de pernil de carneiro assado com polenta cremosa e um fricassê de minialcachofras, seguidos por um pouco de queijo gouda maturado com figos assados; terminei com morangos frescos mergulhados em chocolate ao leite e favos de mel espremidos, e descobri que se trata de um antídoto maravilhoso para quem é jogado como uma boneca de trapo nas águas turbulentas de uma enseada especialmente tempestuosa. Mas os Baudelaire aceitaram as suas tigelas de *ceviche,* bem como os estranhos utensílios que Sexta-Feira lhes entregara, que eram feitos de madeira e pareciam uma combinação de garfo e colher.

"São Colheres multiuso", explicou Sexta-Feira. "Não temos garfos nem facas na colônia, pois podem ser usados como armas."

"Imagino que isso seja sensato", disse Klaus, embora não pudesse deixar de pensar que quase tudo pode ser usado como arma, se a pessoa estiver tomada por uma disposição armamentista.

"Espero que vocês gostem", disse a sra. Caliban. "Não há muitos pratos que se possam preparar com frutos do mar crus."

"Negihama", disse Sunny.

"Minha irmã é uma espécie de chefe de cozinha", explicou Violet, "e está se oferecendo para preparar alguns pratos japoneses para a colônia, se houver algum *wasabi* disponível."

A mais jovem dos Baudelaire inclinou levemente a cabeça para a irmã, percebendo que Violet estava perguntando sobre *wasabi* não só porque poderia permitir que Sunny fizesse algo palatável — uma palavra que aqui significa "que não fosse *ceviche"* —, mas porque o *wasabi,* que é um tipo de raiz-forte freqüentemente usado em comida japonesa, era uma das poucas defesas contra o Mycelium Medusóide, e, com o conde Olaf à espreita, ela queria pensar em estratégias possíveis caso o fungo letal escapasse do capacete.

"Nós não temos nenhum *wasabi,* disse a sra. Caliban. "Na verdade, não temos nenhum tempero. Nenhum tempero foi arrastado para a plataforma costeira."

"E mesmo se tivesse sido", acrescentou depressa Ishmael, "acho que teríamos simplesmente jogado no arboreto. Os estômagos dos colonos estão

acostumados com *ceviche* sem tempero, e não queremos balançar o barco."

Klaus mordeu um pedaço de *ceviche* da sua colher multiuso e fez uma careta ao sentir o gosto. Tradicionalmente, um *ceviche é* marinado em temperos, o que lhe dá um sabor inusitado porém muitas vezes delicioso; mas, sem esses temperos, o *ceviche* da sra. Caliban tinha o gosto daquilo que você encontra na boca de um peixe que está se alimentando.

"Vocês comem *ceviche em* todas as refeições?", perguntou ele.

"Com certeza não", disse a sra. Caliban com uma risadinha. "Seria cansativo, não é? Não, nós só comemos *ceviche* no almoço. Todas as manhãs temos uma salada de algas para o desjejum, e no jantar temos uma sopa suave de cebola servida com um punhado de capim selvagem. Você pode se cansar de uma comida tão insossa, mas o gosto fica melhor se você a engolir com cordial de coco." A mãe de Sexta-Feira enfiou a mão em um bolso fundo na sua túnica branca, tirou de lá três grandes conchas que tinham sido transformadas em cantis e entregou uma para cada Baudelaire.

"Vamos fazer um brinde", sugeriu Sexta-Feira, erguendo a sua própria concha. A sra. Caliban ergueu a dela e Ishmael se remexeu na sua cadeira de barro e abriu a tampa da sua concha mais uma vez.

"Uma idéia excelente", disse o facilitador com um largo, largo sorriso. "Vamos fazer um brinde aos órfãos Baudelaire!"

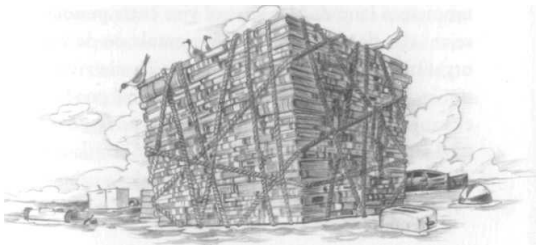
"Aos Baudelaire!", concordou a sra. Caliban, erguendo a sua concha. "Bem-vindos à ilha!"

"Espero que vocês fiquem aqui para todo o sempre!", gritou Sexta-Feira.

Os Baudelaire olharam para os três ilhéus que arreganhavam sorrisos para eles e tentaram retribuir o entusiasmo, embora estivessem com tanta coisa na cabeça que seus sorrisos não foram muito entusiásticos. Os Baudelaire se perguntavam se realmente teriam de comer *ceviche* sem tempero, não só naquele almoço em particular, mas em todos os futuros almoços na ilha. Eles se perguntavam se teriam de beber mais daquele cordial de coco, e, caso se recusassem, seria considerado que eles estavam balançando o barco. Perguntavam-se, ainda, por que a figura de proa do barco não fora encontrada, onde estava o conde Olaf e o que ele estaria tramando; eles se perguntavam acerca dos seus amigos e associados, que estavam em algum lugar no mar, e sobre todas as pessoas que tinham deixado para trás no Hotel Desenlace. Mas, naquele momento, os Baudelaire se perguntavam uma

coisa acima de todas: por que Ishmael os chamara de *órfãos,* sendo que eles não tinham lhe contado a história inteira? Violet, Klaus e Sunny olharam primeiro para as suas tigelas de *ceviche,* depois para Sexta-Feira e a mãe dela, então para as suas conchas, e finalmente para Ishmael, que estava sorrindo para eles de cima da sua enorme cadeira, e se perguntaram se realmente tinham chegado a um lugar que estava longe da perfídia do mundo ou se a perfídia do mundo estava apenas escondida em algum lugar, assim como o conde Olaf estava escondido em algum lugar muito próximo naquele exato momento. Eles ergueram os olhos para o seu facilitador, sem muita certeza de estar em segurança, e se perguntando o que poderiam fazer a respeito caso não estivessem.

"Não vou forçá-los", disse Ishmael mansamente para as crianças, e os órfãos Baudelaire se perguntaram se aquilo seria verdade, afinal.



CAPÍTULO CINCO

A não ser que você seja extraordinariamente impassível — o que é apenas um jeito elegante de dizer "o oposto de curioso" —, ou seja um dos órfãos Baudelaire, é provável que você esteja se perguntando se as três crianças beberam ou não o cordial de coco que lhes foi oferecido um tanto forçadamente por Ishmael. Talvez você mesmo tenha estado em situações em que lhe foi oferecida uma bebida ou comida que você preferiria não consumir, por alguém a quem você preferiria não recusar, ou talvez você tenha sido prevenido a respeito de pessoas que oferecem esse tipo de coisa e o aconselharam a não se deixar sucumbir, uma palavra que aqui significa "aceitar, e não recusar, o que lhe é oferecido". Tais situações são freqüentemente citadas como incidentes de "pressão dos pares", pois "par" é uma palavra para alguém com quem você está associado e "pressão" é uma palavra para a influência que essa pessoa costuma exercer. Se você é um eremita — um termo para alguém que vive sozinho em uma colina —, então a pressão dos pares é razoavelmente fácil de evitar, pois você não tem par, a não ser que algum carneiro ocasional resolva vagar pelos lados da sua caverna e tente pressioná-lo a deixar crescer um manto lanoso. Mas se você vive entre pessoas, sejam elas da sua família, da sua escola ou da sua organização secreta, cada momento da sua vida é um incidente de pressão dos pares, e não é possível evitar isso, assim como um barco não pode evitar uma tempestade que o circunda. Se você acorda em um momento em que preferiria esconder a cabeça embaixo do travesseiro até ficar faminto demais para agüentar, então está sucumbindo à pressão dos pares de seu diretor ou mordomo matinal. Se você toma um desjejum preparado por outra pessoa, ou prepara você mesmo o seu desjejum com comida que comprou, quando preferiria bater o pé e exigir guloseimas de terras distantes, então está sucumbindo à pressão dos pares de seu merceeiro ou daquele que cozinhou

seu desjejum. Durante o dia todo, qualquer pessoa do mundo sucumbe à pressão dos pares, tanto a pressão dos pares na quarta série para jogar queimada na hora do recreio como a pressão dos colegas circenses para equilibrar bolas de borracha na ponta do nariz; e, se tentar evitar cada instância de pressão dos pares, acabará ficando sem par nenhum — assim, o truque é sucumbir à pressão o suficiente para não afastar os seus pares, mas não a ponto de o deixar em uma situação na qual você se encontre morto, ou desconfortável de algum outro modo. Este é um truque difícil, e a maior parte das pessoas nunca chega a dominá-lo: acaba morta ou desconfortável pelo menos uma vez na vida.

Os órfãos Baudelaire estiveram em situações desconfortáveis um número de vezes mais do que suficiente no decurso de suas desventuras, e, como foram parar numa ilha distante com apenas um grupo de pares para escolher, eles sucumbiram à pressão de Ishmael, de Sexta-Feira, da sra. Caliban e de todos os outros ilhéus que viviam com as crianças em seu novo lar. Eles sentaram-se na tenda de Ishmael e beberam um pouco de cordial de coco enquanto comiam o seu almoço de *ceviche* sem tempero, apesar de a bebida os deixar um pouquinho tontos e a comida os deixar um pouquinho viscosos, em vez de sair da colônia e procurar sua própria comida e bebida. Eles vestiam as túnicas brancas, apesar de elas serem um pouquinho pesadas para o clima quente, em vez de tentar confeccionar suas próprias roupas. E eles ficaram calados quanto aos itens desaconselhados que mantinham nos bolsos — a fita de cabelo de Violet, o livro de lugar-comum de Klaus e o batedor de Sunny —, em vez de balançar o barco, como o facilitador da colônia advertira, não se atrevendo nem mesmo a perguntar a Sexta-Feira por que ela dera a Sunny aquele utensílio de cozinha.

Mas a despeito do gosto forte do cordial, do gosto insosso da comida, das túnicas deselegantes e dos itens secretos, os Baudelaire ainda se sentiam mais em casa agora do que há um bocado de tempo. Embora sempre tivessem conseguido encontrar um companheiro ou dois, não importa por onde andassem, os Baudelaire não foram realmente aceitos por nenhum tipo de comunidade desde que Olaf as enquadrara por assassinato, forçando-as a se esconder incontáveis vezes. Os Baudelaire sentiam-se seguros vivendo com a colônia, sabendo que não era permitido ao conde se aproximar deles e que os seus associados, caso também acabassem como náufragos, seriam bem-vindos à tenda desde que sucumbissem à pressão dos pares da ilha. Comidas

sem tempero, roupas deselegantes e beberagens suspeitas pareciam ser um preço justo a pagar por um lugar seguro para chamar de lar, e por um grupo de pessoas que, se não eram exatamente amigas, eram pelo menos companhia pelo tempo que desejassem ficar.

Os dias passaram e a ilha continuou sendo um lugar seguro, se bem que insosso, para os irmãos. Violet teria gostado de ajudar os ilhéus na construção do enorme catamarã, mas por sugestão de Ishmael ela ajudou Sexta-Feira, Robinson e o professor Fletcher a lavar as roupas da colônia, e a maior parte do seu tempo era gasta nas cascatas de água salgada, lavando as túnicas de todo mundo e estendendo-as sobre pedras para secar ao sol. Klaus teria apreciado caminhar para além da escarpa, a fim de catalogar todos os detritos que os colonos tinham recolhido enquanto faziam a coleta de despojos pós-borrasca, mas todo mundo concordara com a idéia do facilitador, de que o Baudelaire do meio deveria ficar ao lado de Ishmael o tempo todo, e assim ele passava os dias empilhando barro nos pés do velho e correndo para reabastecer a concha dele de cordial.

Somente Sunny foi autorizada a fazer alguma coisa na sua área de especialidade, mas ajudar a sra. Caliban na cozinha não era muito interessante, pois as três refeições da colônia eram fáceis de preparar. Todas as manhãs, a mais jovem dos Baudelaire pegava as algas que Alonso e Ariel tinham colhido no mar — depois de lavadas por Sherman e Robinson, e estendidas para secar por Erewhon e Weyden — e simplesmente as jogava em uma gamela para o desjejum. A tarde, Ferdinand e Larsen traziam uma enorme pilha de peixes que tinham capturado com as redes da colônia, para que Sunny e a sra. Caliban pudessem macerá-los com suas Colheres multiuso até virarem *ceviche,* à noite as duas chefes acendiam uma fogueira e ferviam lentamente um caldeirão de cebolas silvestres apanhadas por Omeros e Finn com o capim selvagem ceifado por Brewster e Calypso, que era o único tempero do jantar. A sopa era servida junto com conchas cheias de cordial de coco fermentado por Byam e Willa a partir dos cocos recolhidos pelo sr. Pitcairn e a srta. Marlow nos coqueiros da ilha. O preparo de nenhuma dessas receitas era muito desafiador, e Sunny acabou passando grande parte do dia na ociosidade, uma expressão que aqui significa "preguiçando com a sra. Caliban, bebericando cordial de coco e olhando para o mar". Depois de tantos encontros frenéticos e experiências trágicas, os órfãos não estavam acostumados a uma vida tão calma, e durante os primeiros dias sentiram-se

um pouco inquietos sem a perfídia do conde Olaf com seus mistérios sinistros e sem a integridade de C.S.C. com seus feitos nobres; mas graças a cada boa noite de sono no conforto arejado de uma tenda, ao trabalho cotidiano em tarefas que não lhes impunham dificuldade e a cada gole do doce cordial de coco, a rivalidade e a perfídia na vida das crianças pareciam cada vez mais distantes. Depois de uns poucos dias, outra tempestade chegou — bem como Ishmael havia previsto — e, quando o céu escureceu e a ilha foi coberta por vento e chuva, os Baudelaire se amontoaram com os outros ilhéus na tenda do facilitador e deram graças pela vida plácida na colônia, que substituiu a existência tempestuosa que suportaram desde a morte de seus pais.

"Janicípite", disse Sunny aos seus irmãos na manhã seguinte, enquanto os Baudelaire caminhavam ao longo da plataforma costeira. De acordo com o costume, os ilhéus estavam todos fazendo a coleta de despojos pós-borrasca, aqui e ali no horizonte plano, cutucando os detritos da tempestade. Com "janicípite", a mais jovem dos Baudelaire queria dizer "Me sinto com duas cabeças, uma quer viver aqui e a outra não", uma frase que aqui significa que ela não conseguia decidir se gostava ou não da colônia na ilha.

"Sei o que você quer dizer", disse Klaus, que estava carregando Sunny nos ombros. "A vida não *é* muito empolgante aqui, mas pelo menos não estamos correndo nenhum perigo."

"Suponho que deveríamos ser gratos por isso", disse Violet, "embora a vida na colônia pareça ser muito austera."

"Ishmael vive dizendo que não vai nos forçar a fazer nada", disse Klaus, "mas, de um jeito ou de outro, tudo parece ser meio forçado."

"Pelo menos eles forçaram Olaf a ir embora", salientou Violet, "o que é mais do que C.S.C. conseguiu fazer."

"Diáspora", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Nós vivemos em um lugar tão afastado que a batalha entre C.S.C. e seus inimigos parece algo muito distante".

"O único C.S.C. aqui", disse Klaus, inclinando-se para espiar dentro de uma poça d'água, "é a nossa Comida Sem Condimento."

Violet sorriu.

"Não faz muito tempo", disse ela, "estávamos desesperados para chegar ao último lugar seguro até quinta-feira. Agora, onde quer que olhemos é seguro, e não temos nem idéia de que dia é hoje."

"Saudades de casa ainda", disse Sunny.

“Eu também”, disse Klaus. “Por alguma razão continuo sentindo saudades da biblioteca da Serraria Alto-Astral.”

“A biblioteca de Charles?”, perguntou Violet, com um sorriso surpreso. “Era uma sala bonita, mas só tinha três livros. Por que você haveria de ter saudades daquele lugar?”

“Três livros é melhor do que nenhum”, disse Klaus. “A única coisa que li desde que chegamos aqui foi o meu próprio livro de lugar-comum. Sugeri a Ishmael que ditasse a história da colônia para mim, e eu a escreveria para que os ilhéus soubessem como surgiu este lugar. Outros colonos poderiam escrever as suas histórias, e no fim esta ilha teria a sua própria biblioteca. Ishmael disse que não ia me forçar, mas não achava que seria uma boa idéia escrever um livro que poderia perturbar as pessoas com as suas descrições de tempestades e naufrágios. Eu não quero balançar o barco, mas sinto falta da minha pesquisa.”

“Sei o que quer dizer”, disse Violet. “Eu continuo sentindo saudades da Barraca do Destino da madame Lulu.”

“Com todos aqueles truques de mágica falsificados?”, disse Klaus.

“As invenções dela eram bem ridículas”, admitiu Violet, “mas, se eu tivesse aqueles materiais mecânicos simples, acho que poderia fazer um sistema de filtragem de água simples. Se pudéssemos produzir água fresca, os ilhéus não teriam de beber cordial de coco o dia inteiro. Mas Sexta-Feira disse que o hábito de beber cordial está inveterado.”

“Semcoluna?” perguntou Sunny.

“Ela quis dizer que as pessoas estão bebendo isso há tanto tempo que não vão querer parar”, disse Violet. “Eu não quero balançar o barco, mas sinto falta de trabalhar em invenções. E você, Sunny? Do que sente falta?”

“Fonte”, disse Sunny.

“O Chafariz Corvídeo, da cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos?”, perguntou Klaus.

“Não”, disse Sunny sacudindo a cabeça. “Na cidade.”

“A Fonte das Finanças Vitoriosas?”, perguntou Violet. “Por que você haveria de ter saudades daquilo?”

“Primeira nadada”, disse Sunny, e seus irmãos engasgaram.

“Você não pode se lembrar disso”, disse Klaus.

“Você só tinha algumas semanas de idade”, disse Violet.

“Eu me lembro”, disse Sunny com firmeza, e os Baudelaire mais velhos

fizeram um movimento de assombro com a cabeça. Sunny estava falando de uma tarde, muito tempo atrás, durante um outono inusitadamente quente na cidade. Os pais Baudelaire tinham alguns assuntos para tratar e levaram as crianças com eles, prometendo passar por uma sorveteria a caminho de casa. Após chegar ao distrito financeiro, a família havia parado para descansar na Fonte das Finanças Vitoriosas, e a mãe dos Baudelaire entrara apressadamente em um edifício com torres altas e curvas projetando-se em todas as direções, enquanto o pai aguardava do lado de fora com os filhos. O tempo quente deixou Sunny muito irritada, e ela começou a ficar irrequieta. Para acalmá-la, o pai dos Baudelaire mergulhou os pés descalços da menina na água, e Sunny sorriu com tanto entusiasmo que ele mergulhou o corpo dela de roupa e tudo na fonte, até deixar a mais jovem dos Baudelaire gritando de alegria. Como você deve saber, o riso dos bebês freqüentemente é muito contagioso, e pouco depois não só Violet e Klaus estavam pulando na fonte, como o pai dos Baudelaire também, todos eles rindo e rindo enquanto Sunny se mostrava cada vez mais deliciada. Logo a mãe dos Baudelaire saiu do edifício, olhou atônita para a sua família encharcada e, rindo à toa por um momento, antes de pôr a bolsa no chão, chutou fora os sapatos e se juntou a eles na água refrescante. Eles riram durante todo o caminho de volta para casa, cada passo um *squish* molhado, e sentaram-se nos degraus da entrada para secar ao sol. Foi um dia maravilhoso, porém muito tempo atrás — tanto tempo que os próprios Violet e Klaus já tinham quase esquecido. Mas quando Sunny os lembrou, quase puderam ouvir o seu riso de recém-nascida e ver os olhares incrédulos dos banqueiros que passavam.

"É difícil acreditar", disse Violet, "que os nossos pais eram capazes de rir daquele jeito, quando já estavam envolvidos com C.S.C. e todos os seus problemas."

"A cisão deve ter parecido estar a um mundo de distância naquele dia", disse Klaus.

"E agora...", disse Sunny, e seus irmãos balançaram a cabeça concordando. Com o sol da manhã chamejando acima e o mar faiscando na margem da plataforma costeira, o ambiente em que se encontravam parecia tão longe dos problemas e da perfídia quanto naquela tarde na Fonte das Finanças Vitoriosas. Mas, mesmo no mais límpido dos dias, os problemas e a perfídia raramente estão tão longe quanto a gente pensa. Naquela tarde distante no distrito financeiro, por exemplo, os problemas podiam ser

encontrados nos corredores do edifício com torres — onde entregaram à mãe dos Baudelaire um boletim meteorológico e uma carta náutica que revelaram, quando ela os estudou à luz de vela na noite, problemas muito maiores do que tinha imaginado — e a perfídia podia ser encontrada logo além da fonte — onde uma mulher disfarçada de vendedora de *pretzel* tirou uma fotografia da família a gargalhar e passou a câmera furtivamente para o bolso do paletó de um perito financeiro que se dirigia apressado a um restaurante, onde o rapaz do vestiário removeria a câmera e a esconderia em uma enorme taça de sorvete com frutas que certo dramaturgo iria pedir de sobremesa, apenas para uma garçonete de raciocínio rápido fingir que o creme do molho *zabaglione* tinha azedado e jogar o prato inteiro em uma lata de lixo no beco, onde eu estava sentado havia horas, fingindo procurar uma cadelinha perdida, que na verdade estava correndo para a entrada dos fundos do edifício com torres, removendo o seu disfarce, dobrando e guardando na bolsa — e naquela manhã na plataforma costeira não foi diferente. Os Baudelaire deram mais alguns passos em silêncio, apertando os olhos contra o sol, e então Sunny bateu com delicadeza na cabeça do irmão e apontou para o horizonte. As três crianças olharam atentamente e viram um objeto repousando meio torto na margem da plataforma costeira, e isso era problema, muito embora não parecesse problema no momento. Era difícil dizer com o que se parecia; dava só para afirmar que era grande, quadrado e irregular, e as crianças correram mais para perto, a fim de ver melhor. Violet foi na frente, pisando com cuidado em volta de alguns caranguejos que estalavam as pinças junto à plataforma; Klaus seguiu atrás com Sunny ainda nos ombros e, mesmo quando chegaram ao objeto, acharam difícil identificá-lo.

A primeira vista, o grande, quadrado e irregular objeto dava a impressão de ser uma combinação de tudo do que os Baudelaire sentiam falta. Parecia uma biblioteca, porque o objeto era nada menos que montes e montes de livros, cuidadosamente empilhados uns por cima dos outros em um enorme cubo. Mas também parecia uma invenção, porque, envolvendo o cubo de livros, do mesmo modo que um barbante envolve um pacote, havia tiras grossas que pareciam feitas de borracha, em vários tons de verde, e de um lado do cubo fora afixada uma grande aba de madeira deteriorada. E parecia igualmente uma fonte, pois vertia água por todos os lados, vazando através das páginas intumescidas dos livros e pingando na areia da plataforma costeira. Contudo, embora se tratasse de uma visão inusitada, as crianças não

olharam para o cubo, e sim para alguma coisa no topo daquela estranha geringonça. Era um pé descalço, caído sobre um lado do cubo como se houvesse alguém dormindo em cima de todos aqueles livros, e os Baudelaire puderam ver, bem no tornozelo, a tatuagem de um olho.

"Olaf?", perguntou Sunny, mas seus irmãos sacudiram a cabeça. Eles já tinham visto o pé do conde Olaf mais vezes do que gostariam de contar, e aquele pé era muito mais estreito e limpo que o do vilão.

"Suba nas minhas costas", disse Violet para o irmão. "Talvez consigamos içar Sunny para o topo."

Klaus assentiu, subiu cautelosamente nas costas da irmã, e então, muito devagarinho, pôs-se em pé nos ombros de Violet. Os dois Baudelaire formaram uma torre trêmula e Sunny esticou as mãozinhas e ergueu-se do mesmo modo como se içara para fora do poço do elevador na Avenida Sombria 667 não faz tanto tempo, e viu a mulher que estava deitada inconsciente no topo do monte de livros. Estava usando um vestido de veludo vermelho-escuro, raiado e encharcado por causa da chuva, e seus cabelos se esparramavam atrás dela como um largo leque emaranhado. O pé caído por cima de um lado do cubo estava torcido de um modo estranho, errado, mas afora isso ela parecia ótima. Os olhos estavam fechados e a boca franzida, mas a barriga, distendida e arredondada por causa da gravidez, subia e descia com a respiração calma e funda; as mãos, cobertas por longas luvas brancas, estavam docemente pousadas sobre o peito, como se ela estivesse reconfortando a si mesma, ou à sua criança.

"Kit Snicket!", gritou Sunny para os irmãos abaixo dela, com a voz velada de espanto.

"Sim?", respondeu uma voz esganiçada e rascante — uma palavra que aqui significa "irritante e tristemente familiar". Saindo de trás do cubo de livros, uma figura avançou para saudar as crianças; Sunny olhou para baixo e franziu a testa enquanto a torre de Baudelaire mais velhos se virava para ficar de frente para a pessoa que os confrontava. Essa pessoa também estava usando um vestido talar — uma palavra que aqui significa "chegando até os calcanhares" —, raiado e encharcado, muito embora o vestido não fosse só vermelho, mas também laranja e amarelo, as cores se fundindo enquanto a pessoa se aproximava cada vez mais das crianças. Essa pessoa não estava de luvas, no entanto uma pilha de algas fora arrumada de forma a lembrar cabelos longos, que cascateavam horrendamente por suas costas, e apesar de

a barriga da pessoa também ser distendida e arredondada, era distendida e arredondada de um modo estranho e pouco convincente. Teria sido muito inusitado se a barriga fosse genuína, pois era óbvio só de olhar para a cara da pessoa que não se tratava de uma mulher, e a gravidez só ocorre em machos raramente, muito embora o cavalo-marinho seja um animal que fica grávido de tempos em tempos.

Mas essa pessoa, chegando mais e mais perto da torre dos Baudelaire maiores e olhando furiosamente para a mais jovem, não era um cavalo-marinho, é claro. Se o estranho cubo de livros era um problema, então aquele homem era a perfídia, e como tão freqüentemente *é* o caso em se tratando de perfídia, seu nome era conde Olaf. Violet e Klaus olharam para o vilão, Sunny olhou para Kit e então as três crianças olharam para o horizonte, onde outros ilhéus tinham avistado o estranho objeto e estavam vindo na direção deles. Por fim, os Baudelaire se entreolharam e se perguntaram se a cisão estaria assim tão distante, ou se eles tinham viajado um mundo de distância apenas para encontrar todos os problemas e perfídias do mundo olhando-os bem na cara.



CAPÍTULO SEIS

A esta altura, você pode estar reconhecendo a melancólica marca registrada da melancólica história dos órfãos Baudelaire. A expressão "marca registrada" refere-se às características distintivas de alguma coisa, como o colarinho espumante e o chiado forte que são a marca registrada de um *ice-cream soda,* ou as fotografias manchadas de lágrimas e o chiado forte que são a marca registrada de um coração partido. Certamente os próprios Baudelaire — que até onde eu sei não leram a sua própria história melancólica, mas são, é claro, seus participantes principais — tiveram uma sensação de enjôo no estômago quando os ilhéus se aproximaram deles, segurando vários itens que tinham achado durante a coleta de despojos pós-borrasca. Parecia que mais uma vez, depois de chegar a um estranho novo lar, o conde Olaf iria enganar todo mundo com o seu mais recente disfarce, e os Baudelaire, mais uma vez, estariam em grave perigo. De fato, o disfarce talar do conde Olaf não chegava sequer a cobrir o olho tatuado no tornozelo, pois os ilhéus, vivendo tão longe do mundo, nada saberiam sobre aquela marca notória e, portanto, poderiam ser enganados ainda mais facilmente. Mas quando os colonos chegaram perto do cubo de livros sobre o qual Kit Snicket jazia inconsciente, a história dos Baudelaire de repente contrariou as suas expectativas, uma frase que aqui significa "a menininha que os encontrara pela primeira vez na plataforma costeira reconheceu o conde Olaf imediatamente".

"E Olaf!", gritou Sexta-Feira apontando um dedo acusador para o vilão. "Por que está vestido de mulher grávida?"

"Estou vestida de mulher grávida porque sou uma mulher grávida", retrucou o conde Olaf com uma voz esganiçada disfarçada. "Meu nome é Kit Snicket, e estive procurando essas crianças por toda parte."

"Você não é Kit Snicket!", bradou a sra. Caliban.

“Kit Snicket está em cima dessa pilha de livros”, disse Violet indignada, ajudando Sunny a descer de cima do cubo. “E nossa amiga e pode estar ferida ou doente. Mas este é o conde Olaf, que não é nosso amigo.”

“Ele também não é nosso amigo”, disse Sexta-Feira, e houve um murmúrio de assentimento entre os ilhéus. “Só porque você pôs alguma coisa dentro do vestido para parecer grávido e jogou um punhado de algas em cima do cabelo para fazer de conta que é uma peruca, não quer dizer que não pode ser reconhecido.” A menina virou-se de frente para as três crianças, e elas repararam pela primeira vez que a ilhotazinha tinha uma protuberância suspeita embaixo da túnica, como se ela também tivesse escondido alguma coisa sob as vestes. “Espero que Olaf não os esteja incomodando. Eu disse a ele que fosse embora.”

O conde Olaf deu uma olhada furiosa para Sexta-Feira, mas depois voltou-se para tentar lançar a sua perfídia para cima dos outros ilhéus.

“Vocês, pessoas primitivas, não vão dizer para uma mulher grávida ir embora, vão?”, perguntou ele. “Minha condição é muito delicada.”

“Você não está em uma condição muito delicada”, disse Larsen com firmeza. “Você está é em um disfarce muito transparente. Se Sexta-Feira diz que você é esse tal de Olaf, então eu tenho certeza de que é, e você não *é* bem-vindo aqui por causa da sua indelicadeza.”

“Eu nunca fui indelicada na minha vida”, disse Olaf, passando a mão ossuda por suas algas. “Nada mais sou que uma donzela razoavelmente inocente com uma barriga cheia de bebê. Os Baudelaire é que foram indelicados, juntamente com aquela impostora que está dormindo em cima dessa biblioteca encharcada.”

“Biblioteca?”, disse Fletcher com uma engasgada. “Nós nunca tivemos uma biblioteca na colônia.”

“Ishmael nos disse que uma biblioteca forçosamente levaria a problemas”, disse Brewster, “portanto tivemos sorte por livro nenhum jamais ter vindo parar nas nossas praias.”

“Estão vendo?”, disse Olaf, o vestido laranja e amarelo farfalhando na brisa da manhã. “Aquela mulher pérfida lá em cima arrastou estes livros para a sua colônia, só para ser indelicada com vocês, pobre gente primitiva. E os Baudelaire são amigos dela! São eles que vocês deviam abandonar aqui, e eu devia ser bem recebida em Olaflândia e ganhar presentes.”

“Esta ilha não se chama Olaflândia!”, gritou Sexta-Feira. “E foi você

que nós abandonamos!”

“Isto está confuso!”, gritou Omeros. “Precisamos de um facilitador para esclarecer as coisas!”

“Omeros tem razão”, disse Calypso. “Não devíamos decidir nada até falar com Ishmael. Venham, vamos levar todos esses detritos para a tenda de Ishmael.”

Os colonos assentiram, e uns poucos aldeões caminharam juntos até o cubo e começaram a empurrá-lo pela plataforma. Era um trabalho difícil, e o cubo trepidava ao ser arrastado sobre a superfície irregular. Os Baudelaire viram o pé de Kit ser sacudido violentamente para cima e para baixo, e ficaram com medo de que sua amiga pudesse cair.

“Parem”, disse Klaus. “Não é seguro mover uma pessoa que pode estar seriamente ferida, sobretudo se ela estiver grávida.”

“Klaus está certo”, disse o dr. Kurtz. “Eu me lembro disso dos tempos da escola de veterinária.”

“Se Maomé não vai à montanha”, disse o rabino Bligh, usando uma expressão que os ilhéus entenderam de cara, “a montanha vai a Maomé.”

“Mas como Ishmael poderia vir até aqui?”, disse Erewhon. “Ele não poderia andar por toda essa distância com os pés feridos.”

“Os carneiros podem arrastá-lo para cá”, disse Sherman. “Podemos pôr a cadeira dele no trenó. Sexta-Feira, você fica guardando Olaf e os Baudelaire, enquanto o resto de nós vai buscar o nosso facilitador.”

“E mais um pouco de cordial de coco”, disse madame Nordoff. “Estou com sede e a minha concha está quase vazia.”

Houve um murmúrio de aprovação entre os ilhéus, e eles começaram a caminhar de volta para a ilha, carregando todos os itens que acharam na coleta de despojos pós-borrasca. Em poucos minutos, os colonos eram apenas formas vagas no horizonte nevoento e os Baudelaire estavam sozinhos com o conde Olaf e Sexta-Feira, que tomou um grande gole da sua concha e depois sorriu para as crianças.

“Não se preocupem, irmãos Baudelaire”, disse a menina, colocando a mão sobre a protuberância na sua túnica. “Vamos esclarecer isso. Eu prometo que esse homem horrível será abandonado de uma vez por todas.”

“Eu não sou um homem”, insistiu Olaf com sua voz disfarçada. “Sou uma dama com um bebê dentro dela.”

“Pelúcida histrionice”, disse Sunny.

“Minha irmã está certa”, disse Violet. “O seu disfarce não está funcionando.”

“Oh, eu não acho que vocês queiram que eu pare de fingir”, disse o vilão, ainda falando com sua ridícula voz esganiçada, mas os olhos brilhavam muito atrás dos cachos de algas. Ele estendeu o braço para trás e revelou o lançador de arpões, com seu gatilho vermelho vivo e um último arpão pronto para ser disparado. “Se eu dissesse que sou o conde Olaf, em vez de Kit Snicket, poderia começar a me comportar como um vilão, e não como uma pessoa nobre.”

“Você nunca se comportou como uma pessoa nobre”, disse Klaus, “não importa o nome que estivesse usando. E essa arma não nos assusta. Você só tem um arpão, e esta ilha está cheia de pessoas que sabem o quanto você é mau e indelicado.”

“Klaus tem razão”, disse Sexta-Feira. “Você pode muito bem pôr a sua arma de lado. Ela é inútil em um lugar como este.”

O conde Olaf olhou primeiro para Sexta-Feira, depois para os três Baudelaire, e abriu a boca como se fosse dizer alguma outra coisa pérfida com sua voz disfarçada. Mas então ele fechou a boca de novo e olhou furibundo para as poças da plataforma costeira.

“Estou cansado de ficar vagando por aqui”, resmungou ele. “Não há nada para comer além de algas e peixe cru, e tudo o que tinha valor foi levado por todos esses idiotas de túnica.”

“Se você não se comportasse de um modo tão horrível”, disse Sexta-Feira, “poderia viver na ilha.”

Os Baudelaire se entreolharam, nervosos. Embora parecesse um pouco cruel abandonar Olaf na plataforma, eles não gostaram da idéia de que ele pudesse ser bem recebido na colônia. Sexta-Feira, é claro, não sabia da história inteira do conde Olaf e só experimentara na pele a sua indelicadeza uma vez, no primeiro dia em que o encontrara, mas os Baudelaire não podiam contar a Sexta-Feira a história inteira de Olaf sem mencionar tudo sobre eles mesmos, e não sabiam o que Sexta-Feira iria pensar da indelicadeza e da perfídia deles próprios.

O conde Olaf olhou para Sexta-Feira como se estivesse pensando melhor em alguma coisa. Então, com um sorriso ambíguo, voltou-se para os Baudelaire e ofereceu o lançador de arpões.

“Suponho que vocês estejam certos”, disse ele. “O lançador de arpões é

inútil em um lugar como este.” Ele ainda estava falando com uma voz disfarçada, e sua mão acariciou a falsa gravidez como se realmente houvesse um bebê crescendo dentro dele.

Os Baudelaire olharam para Olaf, depois para a arma. Na última vez que as crianças tinham tocado no lançador de arpões, o penúltimo arpão fora disparado e um homem nobre de nome Dewey fora morto. Violet, Klaus e Sunny jamais esqueceriam a visão de Dewey afundando nas águas da lagoa enquanto morria, e olhar para o vilão que lhes oferecia a arma apenas os lembrou de que arma perigosa e terrível era aquela.

“Nós não queremos isso”, disse Violet.

“Obviamente, é algum truque seu”, disse Klaus.

“Não é truque”, disse Olaf com sua voz esganiçada. “Estou desistindo dos meus hábitos vilanescos e quero viver com vocês na ilha. Lamento ouvir que não acreditam em mim.”

Seu rosto estava muito sério, como se ele lamentasse muito ouvir aquilo, mas seus olhos estavam brilhantes e perspicazes, do jeito que ficam os olhos de alguém que está contando uma piada.

“Loroteiro”, disse Sunny.

“Assim a madame me insulta”, disse Olaf. “Sou tão honesto quanto o dia é longo.”

O vilão estava usando uma expressão que é utilizada por muita gente a despeito do fato de não querer dizer absolutamente nada. Alguns dias são longos — como no auge do verão, quando o sol brilha por um tempo muito longo, ou no dia de Halloween, que sempre parece durar eternamente até que chegue a hora de vestir a fantasia e exigir doces de estranhos — e alguns dias são curtos — sobretudo durante o inverno ou quando a pessoa está fazendo alguma coisa agradável, como ler um bom livro ou seguir pessoas aleatoriamente na rua para ver aonde vão —; e, portanto, se alguém diz que é tão honesto quanto o dia é longo, pode ser que esse alguém não seja totalmente honesto. As crianças ficaram aliviadas ao ver que Sexta-Feira não fora enganada pelo uso de uma expressão vaga de Olaf, e ela franziu o cenho com severidade para o vilão.

“Os Baudelaire me disseram que você não é digno de confiança”, disse a menininha, “e posso ver que eles falaram a verdade. Você fica exatamente aqui, Olaf, até os outros chegarem e decidirmos o que fazer com você.”

“Eu não sou o conde Olaf”, disse ele, “mas, enquanto isso, posso tomar

um gole desse cordial de coco de que ouvi falar?"

"Não", disse Sexta-Feira, virando as costas para o vilão e olhando pensativa para o cubo de livros. "Eu nunca tinha visto um livro antes", confessou ela aos Baudelaire. "Espero que Ishmael concorde com que fiquemos com eles."

"Você nunca viu um livro?", disse Violet, perplexa. "Você sabe ler?"

Sexta-Feira deu uma rápida olhada pela plataforma costeira e depois assentiu com a cabeça rapidamente.

"Sim", disse ela. "Ishmael não achava que fosse uma boa idéia nos ensinar, mas o professor Fletcher discordou e começou a dar aulas em segredo na plataforma costeira para aqueles dentre nós que nasceram na ilha. De tempos em tempos, eu pratico desenhando o alfabeto na areia com um graveto, mas sem uma biblioteca não há muito que eu possa fazer. Espero que Ishmael não sugira que deixemos os carneiros arrastarem todos esses livros para o arboreto."

"Mesmo que ele faça isso, você não precisa jogá-los fora", lembrou Klaus. "Ele não vai forçá-la."

"Eu sei", disse Sexta-Feira com um suspiro. "Mas quando Ishmael sugere alguma coisa, todo mundo concorda, e *é* difícil não sucumbir a esse tipo de pressão dos pares."

"Batedor", lembrou Sunny, e tirou o utensílio de cozinha do bolso.

Sexta-Feira sorriu para a mais jovem dos Baudelaire, mas rapidamente pôs o item de volta no bolso de Sunny.

"Eu dei esse batedor a você porque disse que se interessava por cozinha", a menina falou. "Pensei que seria uma pena negar os seus interesses só porque Ishmael poderia não achar que um utensílio de cozinha fosse algo apropriado. Vocês vão guardar o meu segredo, não vão?"

"É claro", disse Violet, "mas também é uma pena negar o seu interesse pela leitura."

"Talvez Ishmael não tenha objeções", disse Sexta-Feira.

"Talvez", disse Klaus, "ou talvez possamos tentar um pouco da nossa própria pressão dos pares."

"Eu não quero balançar o barco", disse Sexta-Feira com uma carranca. "Desde a morte do meu pai, minha mãe quer me ver segura, por isso deixamos o mundo bem longe para trás e decidimos ficar aqui na ilha. Mas, quanto mais velha fico, mais segredos parece que tenho. Em segredo, o

professor Fletcher me ensinou a ler. Em segredo, Omeros me ensinou a pular nas pedras, apesar de Ishmael dizer que isso é perigoso. Em segredo, eu dei um batedor para Sunny." Ela enfiou a mão dentro da túnica e sorriu. "E agora eu tenho mais um segredo, só para mim. Olhem o que eu achei, enroscada em um caixote quebrado de madeira."

O conde Olaf estava olhando em furioso silêncio para as crianças, mas quando Sexta-Feira revelou o seu segredo ele deixou escapar um guincho ainda mais esganiçado que a sua falsa voz. Os órfãos Baudelaire não guincharam, apesar de Sexta-Feira estar segurando uma coisa de aparência assustadora, escura tal qual uma mina de carvão e grossa como um cano de esgoto, que se desenroscou e disparou célere em direção às crianças. Mesmo quando a criatura abriu a boca, o sol matinal lampejando em seus dentes aguçados, os Baudelaire não guincharam; na verdade eles se maravilharam com o fato de que, mais uma vez, sua história estava contrariando as expectativas.

"Incrí!", exclamou Sunny, e era verdade, pois a enorme serpente que estava se enrolando em torno dos Baudelaire era, por incrível que pareça, uma criatura que eles não viam há um bocado de tempo e que nunca pensaram que voltariam a ver na vida.

"É a Víbora Incrivelmente Mortífera!", disse Klaus, assombrado. "Como será que ela veio parar aqui?"

"Ishmael disse que mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nas praias desta ilha", disse Violet, mas eu achava que nunca mais veria este réptil de novo."

"Mortífera?", perguntou Sexta-Feira, nervosa. "Ela é venenosa? A mim, pareceu amigável."

"Ela é amigável, sim", assegurou Klaus. "E uma das criaturas menos mortíferas e mais amigáveis do reino animal. Seu nome é inapropriado."

"Como você pode ter certeza?", perguntou Sexta-Feira.

"Nós conhecemos o homem que a descobriu", disse Violet. "Seu nome era doutor Montgomery Montgomery, e ele era um herpetologista brilhante."

"Era um homem maravilhoso", disse Klaus. "Sentimos muita falta dele."

Os Baudelaire abraçaram a serpente, especialmente Sunny, que tinha uma ligação especial com o réptil brincalhão, e pensaram por um momento no bondoso tio Monty e nos tempos que passaram com ele. Então,

lentamente, lembraram-se de como aqueles tempos tinham terminado e voltaram-se para olhar o conde Olaf, que assassinara Monty como parte de um plano pérfido. O conde fechou a cara e encarou-os de volta. Era estranho ver o vilão ali sentado, tremendo de medo de uma serpente, depois de todo o esquema infernal que armou para ter os órfãos em suas garras. Agora, tão longe do mundo, era como se Olaf não tivesse mais garras, e seus esquemas infernais fossem tão inúteis quanto o lançador de arpões que estava em suas mãos.

"Eu sempre quis conhecer um herpetologista", disse Sexta-Feira, que, é claro, não sabia a história inteira de Monty e seu assassinato. "Não há um especialista em serpentes na ilha. Há tanta coisa no mundo que estou perdendo por viver aqui."

"O mundo é um lugar perverso", disse o conde Olaf mansamente, e foi a vez de os Baudelaire tremerem. Mesmo com o sol quente batendo forte sobre eles, e com o peso da Víbora Incrivelmente Mortífera no colo, as crianças sentiram um calafrio com as palavras do vilão, e todos ficaram em silêncio, olhando para os ilhéus que se aproximavam com os carneiros, os quais traziam Ishmael a reboque, uma expressão que aqui significa "arrastado atrás deles em cima do trenó, sentado em sua cadeira branca como se fosse um rei, com os pés ainda cobertos por pedaços de barro e a barba lanuda esvoaçando ao vento". A medida que os colonos e os carneiros chegavam cada vez mais perto, as crianças puderam ver que os carneiros carregavam mais alguma coisa a reboque, que também estava no trenó, atrás da cadeira do facilitador. Era a grande gaiola de passarinho ornamentada que fora encontrada depois da última tempestade, rebrilhando ao sol como um pequeno incêndio.

"Conde Olaf", disse Ishmael com uma voz retumbante assim que a sua cadeira chegou. Ele baixou os olhos para o vilão com desdém, mas também com atenção, como se estivesse memorizando a sua cara.

"Ishmael", disse o conde Olaf em seu tom disfarçado.

"Me chame de Ish", disse Ishmael.

"Me chame de Kit Snicket", disse Olaf.

"Não vou chamá-lo de coisa nenhuma", rosnou Ishmael. "O seu reinado de perfídia acabou, Olaf." Com um movimento rápido, o facilitador inclinou-se para baixo e arrancou a peruca de algas da cabeça de Olaf. "Fui informado dos seus esquemas e disfarces, e nós não vamos tolerar isso. Você será

trancafiado imediatamente.”

Jonah e Sadie ergueram a gaiola de passarinho do trenó, depositaram-na no chão e abriram a porta, olhando ameaçadoramente para o conde Olaf. A um aceno de cabeça de Ishmael, Weyden e a srta. Marlow se aproximaram do vilão, tomaram o lançador de arpões das suas mãos e o arrastaram para a gaiola de passarinho, enquanto os Baudelaire se entreolhavam, sem muita certeza de como se sentiam. Por um lado, parecia que as crianças estiveram esperando a vida inteira por alguém que pronunciasse as palavras que Ishmael pronunciara, e estavam ansiosas para ver o conde Olaf ser finalmente punido por seus atos hediondos, desde o recente rapto da juíza Strauss até a vez em que ele jogara Sunny em uma gaiola de passarinho e a pendurara em uma janela na torre. Mas elas não estavam convencidas de que o conde devia ser trancafiado numa gaiola, mesmo sendo uma gaiola tão grande quanto aquela que fora arrastada para a praia. Não estava claro para os órfãos se o que estava acontecendo agora, na plataforma costeira, era por fim o advento da justiça, ou apenas mais uma das suas desventuras em série. Durante toda a sua história, os Baudelaire esperaram que o conde Olaf fosse acabar nas mãos das autoridades, e que ele fosse punido pela Corte Suprema após um julgamento. Mas os membros da Corte Suprema provaram ser tão corruptos e sinistros quanto o próprio Olaf, e as autoridades estavam muito, muito longe da ilha, e à procura dos Baudelaire, a fim de acusá-los de incêndio criminoso e assassinato. Era difícil dizer, tão distantes que estavam do mundo, como as três crianças se sentiam ao ver o conde sendo arrastado para uma gaiola, entretanto, como ocorria freqüentemente, não importava como os três se sentiam a respeito, porque acontecia assim mesmo.

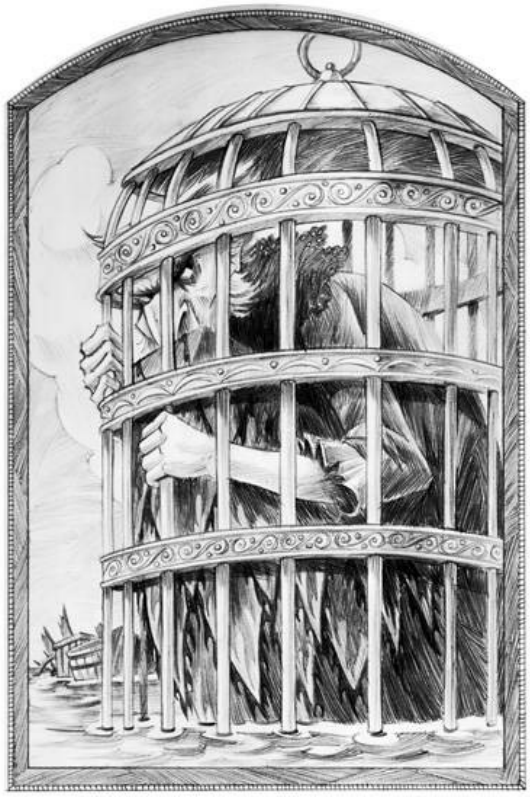
Weyden e a srta. Marlow arrastaram o esperneante vilão para a porta da gaiola de passarinho e o forçaram a se abaixar e entrar. Ele rosnou, envolveu com os braços a falsa gravidez, encostou a cabeça nos joelhos e encurvou as costas, e os irmãos Bellamy fecharam a porta da gaiola e aferrolharam firmemente. O vilão mal cabia na gaiola — era preciso olhar de perto para ver que aquela massa de membros, cabelo e tecido laranja e amarelo era uma pessoa.

“Não é justo”, disse Olaf. Sua voz estava abafada dentro da gaiola, mas as crianças notaram que ele ainda falava com uma voz esganiçada, como se não pudesse parar de fingir que era Kit Snicket. “Sou uma mulher inocente e grávida, e essas crianças são os verdadeiros vilões. Vocês não ouviram a

história inteira.”

“Depende de como você encara as coisas”, disse Ishmael com firmeza. “Sexta-Feira me contou que você foi indelicado, e isso é tudo o que precisamos ouvir. E essa peruca de algas é tudo o que precisamos ver!'

“Ishmael está certo”, disse a sra. Caliban com firmeza. “Você só foi o que há de pérfido, Olaf, e os Baudelaire só foram o que há de bom.”



“Só foram o que há de bom”, repetiu Olaf. “Há! Por que vocês não procuram nos bolsos da bebê, já que acham que ela é tão boa? A menina está escondendo um utensílio de cozinha que um dos seus preciosos ilhéus deu a ela!”

Ishmael baixou os olhos para a mais jovem dos Baudelaire de cima do seu ponto de vantagem, uma expressão que aqui significa “cadeira empoleirada em um trenó arrastado por carneiros”.

“É verdade, Sunny?”, perguntou ele. “Você está escondendo um segredo de nós?”

Sunny ergueu os olhos para o facilitador, e então olhou para a gaiola de passarinho, lembrando-se de como era desconfortável estar trancafiada.

“Sim”, ela admitiu, e tirou o batedor do bolso enquanto os ilhéus reprimiam um grito de surpresa.

“Quem deu isso para você?”, perguntou Ishmael.

“Ninguém deu isso para ela”, disse Klaus depressa, não se atrevendo a olhar para Sexta-Feira. “É apenas algo que sobreviveu à tempestade conosco.” Ele enfiou a mão no bolso e tirou de lá o seu livro de lugar-comum. “Cada um de nós tem alguma coisa, Ishmael. Eu tenho este caderno, e minha irmã tem uma fita que ela gosta de usar para prender o cabelo.”

Houve outro grito reprimido da assembléia de colonos, e Violet tirou a fita do bolso.

“Não queríamos fazer nenhum mal”, disse ela.

“Vocês foram informados dos costumes da ilha”, disse severamente o facilitador, “e escolheram ignorá-los. Fomos muito delicados com vocês, lhes demos comida, roupas e abrigo, e até deixamos você ficar com os seus óculos. E, em retribuição, vocês foram indelicados conosco.”

“Eles cometeram um erro”, disse Sexta-Feira, recolhendo rapidamente os itens proibidos dos Baudelaire e dando a Sunny uma olhadela breve e agradecida. “Vamos deixar que os carneiros levem essas coisas embora, e esquecer tudo isso.”

“Parece justo”, disse Sherman.

“Eu concordo”, disse o professor Fletcher.

“Eu também”, disse Omeros, que segurava o lançador de arpões.

Ishmael franziu o cenho, porém como mais e mais ilhéus expressavam a sua anuência, ele sucumbiu à pressão dos pares e deu um sorrisinho para os órfãos.

“Suponho que eles possam ficar”, disse o facilitador, “caso não balancem mais o barco.” Ele suspirou e então, de repente, fechou a cara para uma poça. Durante a conversa, a Víbora Incrivelmente Mortífera decidira dar uma rápida nadada, e agora olhava para o facilitador de dentro de uma poça de água do mar.

“O que é isso?”, perguntou o sr. Pitcairn, com um gritinho assustado.

“É uma serpente amigável que encontramos”, disse Sexta-Feira.

“Quem disse que ela é amigável?”, indagou Ferdinand.

Sexta-Feira trocou um rápido olhar desalentado com os Baudelaire. Depois de tudo o que acontecera, eles sabiam que não havia esperança de convencer Ishmael de que ficar com a serpente era uma boa idéia.

“Ninguém me falou”, disse Sexta-Feira mansamente. “Ela simplesmente parece amigável.”

“Ela parece incrivelmente mortífera”, disse Erewhon com uma carranca. “Eu digo que devemos jogá-la no arboreto.”

“Nós não queremos uma serpente se arrastando pelo arboreto”, disse Ishmael cofiando sua barba. “Ela poderia machucar os carneiros. Não vou forçá-los, mas acho que devemos abandoná-la aqui com o conde Olaf. Vamos, já é quase hora do almoço. Irmãos Baudelaire, por favor, empurrem aquele cubo de livros para o arboreto, e...”

“Nossa amiga não pode ser removida”, interrompeu Violet, com um gesto para a figura inconsciente de Kit. “Precisamos ajudá-la.”

“Eu não me dei conta de que havia uma náufraga lá em cima”, disse o sr. Pitcairn, olhando para o pé descalço que ainda pendia sobre um lado do cubo. “Olhem, ela tem a mesma tatuagem que o vilão!”

“Ela é minha namorada”, disse Olaf de dentro da gaiola. “Vocês devem castigar os dois, ou então libertar os dois.”

“Ela não é sua namorada!”, gritou Klaus. “Ela é nossa amiga e está em dificuldades!”

“Parece que a partir do momento em que vocês se juntaram a nós, a ilha está sendo ameaçada por segredos e perfídia”, disse Ishmael com um suspiro cansado. “Jamais tivemos de punir ninguém aqui antes de vocês chegarem, e agora temos outra pessoa suspeita movendo-se furtivamente pela ilha.”

“Dreyfuss?”, disse Sunny — o que queria dizer “Do que, precisamente, você está nos acusando?” —, mas o facilitador continuou falando como se ela não tivesse pronunciado nenhuma palavra.

“Não vou forçá-los”, disse Ishmael, “mas se vocês querem ser parte do lugar seguro que construímos, acho que devem abandonar essa tal de Kit Snicket também, muito embora eu nunca tenha ouvido falar dela.”

“Nós não vamos abandoná-la”, disse Violet. “Ela precisa da nossa ajuda.”

“Como eu falei, não vou forçá-los”, disse Ishmael, com uma última puxada na barba. “Adeus, irmãos Baudelaire. Vocês podem ficar aqui na plataforma costeira, com a sua amiga e os seus livros, se essas coisas são tão importantes para vocês.”

“Mas o que vai acontecer com eles?”, perguntou Willa. “O Dia da Decisão está chegando, e a plataforma costeira vai ficar inundada.”

“Isso é problema deles”, disse Ishmael, e deu para os ilhéus uma imperiosa — a palavra “imperiosa”, como você provavelmente sabe, significa “poderosa e um pouco esnobe” — encolhida de ombros. Quando os ombros dele subiram, um pequeno objeto rolou para fora da manga da sua túnica e caiu com um pequeno *plop!* em uma poça, por pouco não acertando a gaiola de passarinho onde Olaf fora feito prisioneiro. Os Baudelaire não conseguiram identificar o objeto, mas o que quer que fosse, foi o bastante para Ishmael bater palmas apressadamente, a fim de distrair a atenção de quem quer tivesse ficado intrigado com aquilo.

“Vamos!”, gritou ele, e os carneiros começaram a arrastá-lo de volta para a sua tenda. Alguns ilhéus lançaram aos Baudelaire olhares de quem pede desculpas, como se discordassem das sugestões de Ishmael, mas não ousassem resistir à pressão dos pares de seus colegas colonos. O professor Fletcher e Omeros, que tinham os seus próprios segredos, se mostraram especialmente pesarosos, e Sexta-Feira parecia que ia chorar. Ela até começou a dizer alguma coisa aos Baudelaire, mas a sra. Caliban deu um passo à frente e envolveu firmemente com o braço os ombros da menina, que pôde dar aos irmãos apenas um aceno triste, indo embora com a mãe. Por um momento, os Baudelaire ficaram atordoados demais para dizer alguma coisa. Contrariando as expectativas, o conde Olaf não enganara os habitantes daquele lugar tão distante do mundo; em vez disso, fora capturado e punido. Mas ainda assim os Baudelaire não estavam em segurança e certamente não estavam felizes em se ver abandonados na plataforma costeira como qualquer detrito.

“Isto não é justo”, disse Klaus afinal, mas o fez tão baixinho que os ilhéus de partida provavelmente não ouviram. Apenas suas irmãs o ouviram, e a serpente que os Baudelaire pensaram que jamais veriam de novo e, é claro, o conde Olaf, que, comprimido na grande gaiola de passarinho ornamentada como uma fera enjaulada, foi a única pessoa que reagiu a Klaus.

“A vida não é justa”, disse ele com sua voz não disfarçada e, desta vez, os órfãos Baudelaire concordaram com cada palavra dita pelo homem.



CAPÍTULO SETE

O apuro dos órfãos Baudelaire ali sentados, abandonados na plataforma costeira, com Kit Snicket acima deles inconsciente, no topo de um cubo de livros, o conde Olaf trancafiado numa gaiola e a Víbora Incrivelmente Mortífera aos seus pés, é uma excelente oportunidade para usar a expressão "sob uma nuvem negra". As três crianças estavam certamente sob uma nuvem negra naquela tarde, e não só pelo fato de uma solitária aglomeração de vapor d'água condensado — identificado por Klaus como pertencente à variedade cúmulo — estar pairando acima delas no céu como mais um náufrago da tempestade da noite anterior. A expressão "sob uma nuvem negra" refere-se a pessoas desfavorecidas em uma determinada comunidade, do mesmo modo como a maioria das salas de aula tem pelo menos uma criança muito impopular, ou a maioria das organizações secretas tem sob suspeita pelo menos um analista de discurso. A única comunidade da ilha certamente pusera Violet, Klaus e Sunny sob uma nuvem negra, e mesmo debaixo do sol ardente da tarde os órfãos sentiram o calafrio da suspeita e da desaprovação da colônia.

"Eu não posso acreditar", disse Violet. "Eu não posso acreditar que fomos abandonados."

"Pensamos que poderíamos jogar fora tudo o que aconteceu conosco antes de chegarmos aqui", disse Klaus, "mas este lugar não é mais seguro que qualquer outro onde já estivemos."

"Mas que fazer?", perguntou Sunny.

Violet correu os olhos por toda a plataforma costeira.

"Imagino que podemos pescar peixes e colher algas para comer", disse ela. "Nossas refeições não serão muito diferentes das da ilha."

"Com fogo", disse Sunny, pensativa, "carpassada".

"Não podemos viver aqui", observou Klaus. "O Dia da Decisão está chegando, e a plataforma costeira vai ficar debaixo d'água. Ou teremos de viver na ilha, ou achar um jeito de voltar para o lugar de onde viemos."

"Nunca conseguiríamos sobreviver a uma viagem por mar sem barco", disse Violet, desejando ter a sua fita de volta para poder prender o cabelo.

"Kit conseguiu", ressaltou Sunny.

"A biblioteca deve ter servido como uma espécie de balsa", disse Klaus, passando a mão pelos livros, "mas ela não poderia ter ido longe em um barco de papel."

"Espero que ela tenha se encontrado com os Quagmire", disse Violet.

"Espero que ela acorde e nos conte o que aconteceu", disse Klaus.

"Você acha que ela está seriamente ferida?", perguntou Violet.

"Não há como dizer sem um exame médico completo", disse Klaus, "mas, a não ser pelo tornozelo, ela parece estar bem. Provavelmente está apenas exausta por causa da tempestade."

"Preocupada", disse Sunny tristemente, desejando que houvesse um cobertor quente e seco na plataforma costeira que os Baudelaire pudessem usar para cobrir a amiga inconsciente.

"Não podemos nos preocupar só com Kit", disse Klaus. "Precisamos nos preocupar com nós mesmos."

"Temos de pensar em um plano", disse Violet com a voz cansada, e os três Baudelaire suspiraram. Até mesmo a Víbora Incrivelmente Mortífera pareceu suspirar e pousou a cabeça no pé de Sunny, solidária. Os irmãos ficaram parados no meio da plataforma costeira, pensando em seus apuros anteriores, e em todos os planos que engendraram a fim de encontrar segurança, apenas para acabar envolvidos em mais uma desventura em série. A nuvem sob a qual estavam parecia aumentar e escurecer cada vez mais, e as crianças poderiam ter ficado lá sentadas por um longo tempo se o silêncio não tivesse sido quebrado pela voz do homem que estava trancafiado na gaiola.

"Eu tenho um plano", disse o conde Olaf. "Deixem-me sair, e contarei o que é."

Embora não estivesse mais usando a sua voz esganiçada, Olaf ainda soava abafado dentro da gaiola, e quando os Baudelaire se voltaram para olhar, foi como se ele estivesse lançando mão de um de seus disfarces. O vestido amarelo e laranja que estava trajando cobria a maior parte do corpo, e as crianças não podiam ver a curva da sua falsa gravidez nem o olho tatuado em seu tornozelo. Somente alguns dedos dos pés e das mãos se projetavam por entre as grades da gaiola, e, se os irmãos olhassem de perto, poderiam ver a curva molhada da boca dele e um olho piscante espiando para fora do cativeiro.

"Não vamos deixá-lo sair", disse Violet. "Já temos problemas suficientes sem você vagando solto por ai".

"Como queira", disse Olaf, e o seu vestido farfalhou quando ele tentou encolher os ombros. "Mas vocês vão se afogar tão certamente quanto eu quando a plataforma costeira inundar. Não podem construir um barco, porque os ilhéus coletaram tudo o que sobrou da tempestade. E não podem viver na ilha, porque os colonos os abandonaram. Muito embora tenhamos naufragado, ainda estamos no mesmo barco."

"Não precisamos da sua ajuda, Olaf", disse Klaus. "Se não fosse por você, não estaríamos aqui, para começo de conversa."

"Não tenha tanta certeza disso", disse o conde, e sua boca se retorceu num sorriso. "Mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nestas praias, só para ser julgado por aquele idiota de túnica. Vocês acham que são os primeiros Baudelaire a vir parar aqui?"

"Que quer dizer?", perguntou Sunny.

"Deixem-me sair", disse Olaf com uma risadinha abafada, "e eu lhes direi."

Os Baudelaire se entreolharam em dúvida.

"Você está tentando nos enganar", disse Violet.

"É claro que estou tentando enganá-los!", exclamou Olaf. "Assim é o mundo, jovens Baudelaire. Todos correm de um lado para outro, cada qual com seus segredos e esquemas, um tentando ser mais esperto que o outro. Ishmael foi mais esperto que eu e me pôs nesta gaiola. Mas eu sei como ser mais esperto que ele e todos os seus amigos ilhéus. Se vocês me soltarem, eu poderei ser o rei de Olaflândia, e vocês três poderão ser os meus novos comparsas."

"Nós não queremos ser seus comparsas", disse Klaus. "Só queremos

estar seguros.”

“Nenhum lugar do mundo é seguro”, disse Olaf.

“Não com você por perto”, concordou Violet.

“Eu não sou pior que qualquer outro”, disse o conde Olaf. “Ishmael *é* tão pérfido quanto eu.”

“Grandíloquo”, disse Sunny.

“É verdade!”, insistiu Olaf, embora provavelmente não tenha entendido o que Sunny disse. “Olhem para mim! Estou enfiado numa gaiola sem nenhuma boa razão! Soa familiar, seu bebê estúpido?”

“Minha irmã não é um bebê”, disse Violet com firmeza, “e Ishmael não é pérfido. Ele pode estar mal orientado, mas só está tentando fazer da ilha um lugar seguro.”

“É mesmo?”, disse Olaf, e a gaiola chacoalhou quando ele riu. “Por que vocês não vão até aquela poça para ver o que Ishmael deixou cairia?”

Os Baudelaire se entreolharam. Tinham quase esquecido do objeto que rolara para fora da manga do facilitador. As três crianças olharam para a poça, mas foi a Víbora Incrivelmente Mortífera que coleou para o fundo daquelas águas turvas e voltou com um pequeno objeto na boca, que ela depositou na mão estendida de Sunny.

“Brigui”, disse Sunny, agradecendo à serpente e coçando-lhe a cabeça.

“O que é?”, disse Violet, inclinando-se para olhar o que a víbora tinha recuperado.

“E um miolo de maçã”, Klaus respondeu, e suas irmãs viram que era isso mesmo. Sunny estava segurando o miolo de uma maçã, que tinha sido tão meticulosamente mordido que não restara quase nada.

“Estão vendo?”, perguntou Olaf. “Enquanto os outros ilhéus têm de fazer todo o trabalho, Ishmael sai furtivamente para o arboreto com seus pés perfeitamente saudáveis e come todas as maçãs sozinho! O seu bem-amado facilitador não só tem barro nos pés como tem os pés de barro!”

A gaiola de passarinho se sacudiu de tanto rir, e os órfãos Baudelaire olharam primeiro para o miolo de maçã e depois um para o outro. “Pés de barro” é uma expressão que se refere a uma pessoa que parece ser honesta e leal, mas que mostra ter uma fraqueza oculta ou um segredo pérfido. Se uma pessoa mostra ter pés de barro, a sua opinião sobre ela pode vir abaixo, assim como uma estátua virá abaixo se a sua base mostrar ter sido mal construída. Os Baudelaire acharam que Ishmael estava errado em abandoná-los na

plataforma costeira, é claro, mas acreditaram que ele tinha feito isso para resguardar os outros ilhéus do mal, assim como a sra. Caliban não queria que Sexta-Feira se aborrecesse aprendendo a ler, e, embora não concordassem com grande parte da filosofia do facilitador, ao menos respeitavam o fato de que ele estava procurando fazer a mesma coisa que os Baudelaire vinham tentando desde aquele dia terrível na praia em que ficaram órfãos: encontrar ou construir um lugar seguro para chamar de lar. Agora, porém, olhando para o miolo de maçã, as crianças se deram conta de que o que Olaf dissera era verdade. Ishmael tinha pés de barro. Estava mentindo quanto aos seus ferimentos, fora egoísta quanto às maças do arboreto, e pérfido em pressionar os outros na ilha a fazer todo o trabalho. Olhando para as pérfidas marcas de mordidas que o facilitador deixara para trás, os irmãos se lembraram da sua alegação de prever o tempo por mágica, além do brilho estranho nos seus olhos quando insistiu que não havia biblioteca na ilha, e os Baudelaire se perguntaram que outros segredos estaria escondendo o facilitador barbudo. Violet, Klaus e Sunny deixaram-se afundar em um monte de areia molhada, como se eles mesmos tivessem pés de barro, e se encostaram no cubo de livros, perguntando-se como podiam ter viajado para tão longe do mundo somente para encontrar a mesma desonestidade e perfídia de sempre.

"Qual é o seu plano?", Violet perguntou ao conde Olaf depois de um longo silêncio.

"Deixem-me sair desta gaiola", disse Olaf, "e lhes direi."

"Conte-nos primeiro", disse Klaus, "e talvez o deixemos sair."

Deixem-me sair primeiro", insistiu Olaf.

"Conte-nos primeiro", insistiu Sunny, com a mesma firmeza.

"Posso ficar discutindo com vocês o dia inteiro", resmungou o vilão. "Deixem-me sair, estou dizendo, ou levarei o plano comigo para o túmulo!"

"Podemos pensar em um plano sem você", disse Violet, esperando soar mais confiante do que se sentia. "Já conseguimos escapar de uma extensa lista de situações difíceis sem a sua ajuda."

"Eu tenho a única arma que pode ameaçar Ishmael e seus seguidores", disse o conde Olaf.

"O lançador de arpões?", disse Klaus. "Omeros levou aquilo embora."

"Não o lançador de arpões, seu intelectual retardado", disse o conde Olaf com desdém, uma expressão que aqui significa "enquanto tentava coçar o nariz dentro dos confins da gaiola de passarinho". "Eu estou falando do

Mycelium Medusóide!”

“Fungo!”, gritou Sunny. Seus irmãos engasgaram, e até a Víbora Incrivelmente Mortífera pareceu perplexa do seu jeito reptiliano quando o vilão lhes contou o que você já deve ter adivinhado.

“Eu não estou realmente grávido”, ele confessou com um sorriso amarelo engaiolado. “O capacete de mergulho contendo os esporos do Mycelium Medusóide está escondido neste vestido que estou usando. Se vocês me deixarem sair, poderei ameaçar a colônia inteira com estes cogumelos letais. Todos aqueles idiotas de túnica serão meus escravos!”

“E se eles se recusarem?”, perguntou Violet.

“Então arrebentarei o capacete”, exultou Olaf, “e esta ilha inteira será destruída.”

“Mas nós seremos destruídos junto”, disse Klaus. “Os esporos nos infectarão, como a todos os outros.”

“Yomhashoah”, disse Sunny, o que queria dizer “Nunca mais”. A mais jovem dos Baudelaire já tinha sido infectada pelo Mycelium Medusóide não fazia muito tempo, e as crianças não gostavam de pensar no que teria acontecido se não tivessem encontrado um pouco de *wasabi* para diluir o veneno.

“Escaparemos no catamarã, seu bobo”, disse Olaf. “Os imbecis da ilha estiveram construindo aquilo o ano inteiro. E perfeito para deixar este lugar e voltar para onde está a ação.”

“Talvez eles simplesmente nos deixem ir”, disse Violet. “Sexta-Feira nos contou que qualquer um que deseje abandonar a colônia pode embarcar no catamarã no Dia da Decisão.”

“Aquela menininha não está aqui há muito tempo”, ironizou o conde Olaf, “por isso ainda acredita que Ishmael permite que as pessoas façam o que quiserem. Não sejam tão palermas quanto ela, órfãos.”

Klaus desejou desesperadamente que seu livro de lugar-comum estivesse aberto em seu colo, para que ele pudesse fazer anotações, e não no outro lado da ilha, com os demais itens proibidos.

“Como você sabe tanta coisa sobre este lugar, Olaf?”, o menino perguntou. “Você está aqui há apenas alguns dias, exatamente como nós!”

“Exatamente como vocês”, repetiu o vilão, zombeteiro, e a gaiola sacudiu-se de novo de tanto rir. “Vocês acham que a sua história patética é a única história do mundo? Vocês acham que esta ilha estava aqui, no meio do

mar, aguardando que vocês fossem arrastados para as suas praias? Vocês acham que eu fiquei em minha casa na cidade, aguardando sentado que vocês, órfãos miseráveis, atravessassem o meu caminho?"

"Boswell", disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa do gênero "A sua vida não me interessa", e a Víbora Incrivelmente Mortífera pareceu silvar concordando.

"Eu poderia lhes contar histórias, órfãos Baudelaire", disse o conde Olaf com uma voz rouca e abafada. "Eu poderia lhes contar segredos sobre pessoas e lugares que vocês nunca sonharam. Eu poderia lhes contar sobre brigas e cisões que começaram antes de vocês nascerem. Eu poderia lhes contar sobre vocês mesmos coisas que não poderiam nem imaginar. Apenas abram a porta da minha gaiola, órfãos, e lhes contarei coisas que vocês jamais descobririam sozinhos."

Os Baudelaire se entreolharam e estremeceram. Mesmo em plena luz do dia, preso em uma gaiola, o conde Olaf ainda era assustador. Havia no conde algo de vilanesco, capaz de ameaçá-los mesmo se ele estivesse bem trancafiado, muito longe do resto do mundo. Os três irmãos sempre foram crianças curiosas. Violet era ávida por descobrir os segredos do mundo mecânico com a sua mente inventiva, desde quando o primeiro alicate foi colocado no berço dela. Klaus era sôfrego por ler tudo o que lhe caía nas mãos desde que o alfabeto fora desenhado pela primeira vez na parede do seu quarto por alguém que estava de visita à casa dos Baudelaire. E Sunny estava sempre explorando o universo com a boca, primeiro mordendo qualquer coisa que lhe interessasse e mais tarde provando comida cuidadosamente, a fim de aprimorar suas habilidades de cozinheira. A curiosidade era um dos costumes mais importantes dos Baudelaire, e pode-se pensar que eles ficariam realmente muito curiosos em ouvir mais sobre os mistérios mencionados pelo vilão. Mas havia algo de muito, muito sinistro nas palavras de Olaf. Ouvi-lo falar dava a impressão de estar em pé à beira de um poço fundo, ou caminhando no alto de um penhasco na calada da noite, ou ouvindo um estranho som farfalhante do lado de fora da janela do quarto, sabendo que a qualquer momento algo perigoso e enorme poderia acontecer. Aquilo fez os Baudelaire pensarem naquele terrível ponto de interrogação na tela do radar do *Queequeg* — um segredo tão gigantesco e importante que não poderia caber em seus corações ou em suas mentes, algo que estivera escondido durante a vida inteira e que poderia destruí-los, uma vez revelado. Não era

um segredo que os órfãos Baudelaire quisessem ouvir, do conde Olaf nem de ninguém, e apesar da sensação de ser um segredo que não podia ser evitado, as crianças queriam evitá-lo de todo modo; assim, sem mais uma palavra para o homem na gaiola, os irmãos se puseram de pé e contornaram o cubo de livros até chegar ao lado oposto, de onde Olaf e sua gaiola de passarinho não podiam ser vistos. Então, em silêncio, os três sentaram-se de novo, recostaram-se contra a estranha balsa, e ficaram olhando para o horizonte plano do mar, tentando não pensar no que Olaf dissera. Ocasionalmente, tomavam pequenos goles de cordial de coco das conchas penduradas em suas cinturas, esperando que a forte e estranha bebida os distraísse dos fortes e estranhos pensamentos em suas cabeças. Durante toda a tarde, até o sol se pôr sobre o horizonte ondulante do mar, os órfãos Baudelaire ficaram sentados bebendo e se perguntando se ousariam tomar conhecimento do que jazia no âmago das suas tristes vidas, depois que todos os segredos, todos os mistérios e todas as desventuras fossem removidos como as camadas de uma cebola.



CAPÍTULO OITO

Pensar em alguma coisa é como apanhar uma pedra ao caminhar pulando entre as rochas na praia, por exemplo, ou procurar um modo de estilhaçar as portas de vidro de um museu. Quando você pensa em alguma coisa, isso acrescenta um pouquinho de peso ao seu caminhar, e, à medida que pensa em mais e mais coisas, você corre o risco de se sentir mais e mais pesado, até ficar tão sobrecarregado que não consegue mais dar nem um passo; você pode apenas sentar-se e ficar olhando para os movimentos suaves das ondas do oceano ou dos seguranças, pensando muito intensamente sobre coisas demais para fazer qualquer outra coisa. Quando o sol se pôs, lançando longas sombras sobre a plataforma costeira, os órfãos Baudelaire sentiam-se tão pesados com seus pensamentos que mal conseguiam se mexer. Eles pensaram na ilha, na terrível tempestade que os conduzira até lá, no barco que os guiara através da tempestade, e na sua própria perfídia no Hotel Desenlace que os levara a escapar no barco com o conde Olaf, que parara de gritar pelos Baudelaire e agora roncava alto na gaiola de passarinho. Eles pensaram na colônia, na nuvem negra sob a qual os colonos os puseram, na pressão dos pares que levara os ilhéus a decidir abandoná-los, no facilitador que começou a pressão dos pares e no miolo de maçã secreto que não parecia diferente dos itens secretos que os tinham metido naquela enrascada para começo de conversa. Eles pensaram em Kit Snicket, na tempestade que a deixara inconsciente em cima da estranha biblioteca-balsa, nos seus amigos — os trigêmeos Quagmire, que também podem ter sido pegos no mesmo mar borrascoso —, no submarino do capitão Andarré que jazia embaixo do mar e na misteriosa cisão que jazia embaixo de tudo como um enorme ponto de interrogação. E os Baudelaire pensaram, como faziam a cada vez que viam o céu ficar escuro, em seus pais.

Se você já perdeu alguém, sabe que às vezes, ao pensar nessa pessoa, a gente tenta imaginar onde ela pode estar, e os Baudelaire pensaram em quão longe sua mãe e seu pai pareciam estar, enquanto toda a maldade do mundo

estava tão perto, trancada em uma gaiola a apenas alguns metros de onde eles estavam sentados. Violet pensou, Klaus pensou, Sunny pensou e, quando a tarde foi se tornando noite, os irmãos se sentiram tão sobrecarregados pelos seus pensamentos que acharam que dificilmente poderiam admitir outro pensamento, e contudo, quando os últimos raios do sol desapareceram no horizonte, eles encontraram outra coisa em que pensar, pois na escuridão ouviram uma voz familiar e tiveram de pensar no que fazer.

"Onde estou?", perguntou Kit Snicket, e as crianças ouviram, por cima dos roncos, o ruído leve do corpo dela se mexendo na camada superior de livros.

"Kit!", disse Violet, levantando-se rapidamente. "Você está acordada!"

"Somos os Baudelaire", disse Klaus.

"Baudelaire?", repetiu Kit com a voz débil. "São mesmo vocês?"

"Anais", disse Sunny, o que queria dizer: "Em carne e osso".

"Onde estamos?", disse Kit.

Os Baudelaire ficaram em silêncio por um momento e se deram conta pela primeira vez de que nem mesmo sabiam o nome do lugar onde estavam.

"Estamos numa plataforma costeira", disse Violet por fim, porém decidiu não acrescentar que eles tinham sido abandonados ali.

"Há uma ilha aqui perto", disse Klaus. O Baudelaire do meio não explicou que eles não eram bem-vindos e não podiam pôr o pé nela.

"Seguro", disse Sunny, mas não mencionou que o Dia da Decisão se aproximava, e que logo a área inteira seria inundada pelo mar. Sem discutir o assunto, os Baudelaire decidiram não contar a Kit a história inteira, não ainda.

"E claro", murmurou Kit. "Eu devia saber que estaria aqui. Mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nestas praias."

"Você já esteve aqui antes?", perguntou Violet.

"Não", disse Kit, "mas ouvi falar deste lugar. Meus associados me contaram histórias sobre as maravilhas mecânicas que existem aqui, a enorme biblioteca e os pratos de alta culinária que os ilhéus preparam. Ora, irmãos Baudelaire, no dia anterior ao meu encontro com vocês, compartilhei um café turco com um associado que disse nunca ter comido Ostras Rockefeller melhores do que durante a sua estada na ilha. Vocês devem estar se divertindo muito aqui."

"Janicípite", disse Sunny, reafirmando uma opinião prévia.

“Acho que este lugar mudou desde que o seu associado esteve aqui”, disse Klaus.

“Isso provavelmente é verdade”, disse Kit, pensativa. “Quinta-Feira de fato disse que a colônia tinha sofrido uma cisão, como C.S.C. sofreu.”

“Outra cisão?”, perguntou Violet.

“Cisões incontáveis dividiram o mundo com o correr dos anos”, respondeu Kit no escuro. “Vocês acham que a história de C.S.C. é a única história do mundo? Mas não vamos falar do passado, irmãos Baudelaire. Contem-me como vocês vieram dar nestas praias.”

“Do mesmo modo que você”, disse Violet. “Somos náufragos. O único jeito de sairmos do Hotel Desenlace foi de barco.”

“Soube que vocês correram perigo lá”, disse Kit. “Estávamos observando o céu. Vimos a fumaça e soubemos que vocês estavam sinalizando para nós, mas não seria seguro nos juntarmos a vocês. Obrigada, irmãos Baudelaire. Eu sabia que vocês não iriam nos decepcionar. Digam-me, Dewey está com vocês?”

As palavras de Kit quase foram mais do que os Baudelaire podiam agüentar. A fumaça que ela vira, *é* claro, era do incêndio que as crianças tinham provocado na lavanderia do hotel, que rapidamente se espalhara pelo edifício inteiro, interrompendo o julgamento do conde Olaf e pondo em risco a vida de todos os que estavam lá dentro, fossem vilões ou voluntários. E Dewey, me entristece lembrar, não estava com os Baudelaire, mas morto no fundo de uma lagoa, ainda apertando nas mãos o arpão que os três irmãos dispararam em seu coração. No entanto, Violet, Klaus e Sunny não conseguiram decidir-se a contar a história inteira para Kit, não agora. Eles não agüentariam contar-lhe o que acontecera com Dewey, e com todas as outras pessoas nobres que tinham encontrado, não ainda. Não agora, não ainda, talvez nunca.

“Não”, disse Violet. “Dewey não está aqui.” “O conde Olaf está conosco”, disse Klaus, “mas está trancafiado.”

“Víbora”, acrescentou Sunny.

“Oh, fico feliz em saber que Ink está em segurança”, disse Kit, e os Baudelaire pensaram que quase podiam ouvi-la sorrir. “É o meu apelido especial para a Víbora Incrivelmente Mortífera. Ink foi uma boa companhia para mim nesta balsa depois que nos separamos dos outros.”

“Os Quagmire?”, perguntou Klaus. “Você os encontrou?”

“Sim”, disse Kit, e tossiu um pouco. “Mas eles não estão aqui.”

“Talvez eles também sejam arrastados para cá”, disse Violet.

“Talvez”, disse Kit, insegura. “E talvez Dewey também venha se juntar a nós. Precisamos reunir o maior número de associados que pudermos, se quisermos retornar ao mundo e assegurar que a justiça seja feita. Mas antes vamos achar essa colônia de que tanto ouvi falar. Preciso de um banho e uma refeição quente, e depois quero ouvir a história inteira do que aconteceu com vocês.” Ela começou a descer da balsa, mas então parou com um grito de dor.

“Você não deve se mexer”, disse Violet depressa, contente com a desculpa para manter Kit na plataforma costeira. “O seu pé está ferido.”

“Meus dois pés estão feridos”, corrigiu Kit, infeliz, deitando novamente na balsa. “O dispositivo telegráfico caiu em cima das minhas pernas quando o submarino foi atacado. Eu preciso da ajuda de vocês, irmãos Baudelaire. Preciso ir para algum lugar seguro.”

“Faremos tudo o que pudermos”, disse Klaus.

“Talvez a ajuda esteja a caminho”, disse Kit. “Posso ver alguém vindo para cá.”

Os Baudelaire se voltaram para olhar e viram uma luz no escuro, muito pequena e muito brilhante, que deslizava roçando a água, vindo do oeste em direção a eles. De início parecia não ser nada mais que um vaga-lume, voando para cá e para lá na plataforma costeira, mas pouco a pouco as crianças puderam distinguir um farolete, em torno do qual se apertavam várias figuras de túnica branca, andando cautelosamente por entre as poças e os detritos. O brilho do farolete lembrou a Klaus todas as noites que passara lendo embaixo das cobertas na mansão Baudelaire, enquanto do lado de fora se ouviam ruídos misteriosos e seus pais sempre insistiam que não era nada senão o vento, mesmo em noites sem vento. Em algumas manhãs, o pai entrava no quarto de Klaus para acordá-lo e o encontrava adormecido, ainda segurando o farolete em uma das mãos e o livro na outra; e, à medida que o farolete chegava mais e mais perto, o Baudelaire do meio não podia deixar de pensar que era o pai dele, andando pela plataforma costeira para socorrer os filhos, depois de todo aquele tempo. Mas é claro que não era o pai dos Baudelaire. As figuras alcançaram o cubo de livros e as crianças puderam ver o rosto de dois ilhéus: Finn, que estava segurando o farolete, e Erewhon, que carregava uma grande cesta coberta.

“Boa noite, irmãos Baudelaire”, disse Finn. A luz pálida do farolete, ela

parecia ainda mais jovem do que era.

"Nós trouxemos jantar para vocês", disse Erewhon, e estendeu a cesta para as crianças. "Ficamos preocupadas, pensando que vocês poderiam estar com muita fome aqui fora."

"Nós estamos", admitiu Violet. Os Baudelaire, é claro, desejariam que os ilhéus tivessem expressado sua preocupação na frente de Ishmael e dos outros, quando a colônia estava decidindo abandonar as crianças na plataforma costeira, mas quando Finn abriu a cesta e as crianças sentiram o cheiro do costumeiro jantar de sopa de cebola não quiseram olhar os dentes de um cavalo dado, frase que aqui significa "recusar a oferta de uma refeição quente, não importa o quão desapontadas estivessem com a pessoa que a estava oferecendo".

"Há o bastante para a nossa amiga?", perguntou Klaus. "Ela recobrou a consciência."

"Alegra-me saber isso", disse Finn. "Há comida suficiente para todos."

"Desde que vocês guardem o segredo da nossa vinda aqui", disse Erewhon. "Ishmael pode achar que não foi apropriado."

"Estou surpresa por ele não ter proibido o uso de faroletes", disse Violet enquanto Finn lhe entregava uma casca de coco cheia de sopa fumegante.

"Ishmael não proíbe nada", disse Finn. "Ele nunca me forçou a jogar fora este farolete. No entanto, ele sugeriu que eu deixasse que os carneiros o levassem para o arboreto. Em vez disso, eu o enfiei furtivamente dentro da túnica, como um segredo, e madame Nordoff vem me fornecendo as pilhas em segredo, em troca de eu ensiná-la em segredo a cantar a tirolesa, o que Ishmael diz que poderia assustar os outros ilhéus."

"E a senhora Caliban, em segredo, me passou furtivamente esta cesta de piquenique", disse Erewhon, "em troca de eu ensiná-la em segredo a nadar de costas, o que Ishmael diz não ser o modo usual de nadar."

"Senhora Caliban?", disse Kit no escuro. "Miranda Caliban está aqui?"

"Sim", disse Finn. "Você a conhece?"

"Conheço o marido dela", disse Kit. "Ele e eu estivemos juntos em um momento de grande luta e ainda somos bons amigos."

"A sua amiga deve estar um pouco confusa depois da sua difícil jornada", Erewhon disse aos Baudelaire, ficando na ponta dos pés para poder entregar um pouco de sopa a Kit. "O marido da senhora Caliban faleceu muitos anos atrás na tempestade que a trouxe aqui."

“Isso *é* impossível”, disse Kit, estendendo a mão para baixo a fim de pegar a tigela. “Eu acabei de tomar café turco com ele.”

“A senhora Caliban não é do tipo de pessoa que guarda segredos”, disse Finn. “E por isso que ela vive na ilha. É um lugar seguro, longe da perfídia do mundo.”

“Enigmorama”, disse Sunny, pondo a sua casca de coco com sopa no chão para dividi-la com a Víbora Incrivelmente Mortífera.

“Minha irmã quer dizer que esta ilha parece ter um grande número de segredos”, disse Klaus, pensando tristonho no seu livro de lugar-comum e em todos os segredos que suas páginas continham.

“Receio que tenhamos mais um segredo para discutir”, disse Erewhon. “Apague o farolete, Finn. Não queremos ser vistas da ilha.”

Finn assentiu e apagou o farolete. Os Baudelaire se entreolharam um instante, antes de a escuridão engolfá-los, e por um momento todos ficaram em silêncio, como se estivessem com medo de falar.

Muitos, muitos anos atrás, quando até os tataravôs da pessoa mais velha que você conhece eram bebês com menos de um ano, e quando a cidade onde os Baudelaire nasceram nada mais era senão um punhado de choupanas de barro, e o Hotel Desenlace não passava de um esboço arquitetônico, e a ilha distante tinha nome, e não era de todo considerada muito distante, havia um grupo de pessoas conhecido como os cimérios. Era um povo nômade, o que significa que viajavam constantemente, e muitas vezes viajavam à noite, quando o sol não os deixava com queimaduras e quando as plataformas costeiras na área em que viviam não estavam inundadas. Como viajavam nas sombras, somente poucas pessoas chegaram a dar uma boa olhada nos cimérios; acreditava-se que eles eram furtivos e misteriosos, e até hoje as coisas feitas no escuro tendem a ter uma reputação um tanto sinistra. Um homem cavando um buraco no seu quintal durante a tarde, por exemplo, parece um jardineiro, mas um homem cavando um buraco à noite parece estar enterrando um segredo horrível; uma mulher que olha pela janela de dia parece estar apreciando a vista, mas fica parecendo muito mais uma espiã se aguardar até o anoitecer. O cavador noturno pode, na verdade, estar plantando uma árvore para fazer uma surpresa à sua sobrinha enquanto ela dá risadinhas para ele da janela; e a janeleira matinal pode, na verdade, estar planejando chantagear o assim chamado jardineiro enquanto ele enterra a prova dos seus crimes bárbaros; mas, graças aos cimérios, as trevas fazem até

a mais inocente das atividades parecer suspeita. Por isso, nas trevas da plataforma costeira, os Baudelaire suspeitaram que a pergunta feita por Finn fosse sinistra, muito embora pudesse ter sido algo que um dos seus professores tivesse perguntado em classe.

"Vocês sabem o significado da palavra 'motim'?", perguntou ela com uma voz calma e tranqüila.

Violet e Sunny sabiam que Klaus iria responder, não obstante elas mesmas estivessem muito seguras quanto ao significado da palavra.

"Um motim é quando um grupo de pessoas toma medidas contra um líder."

"Sim", disse Finn. "O professor Fletcher me ensinou a palavra."

"Estamos aqui para contar a vocês que um motim terá lugar durante o desjejum", disse Erewhon. "Cada vez mais colonos estão fartos do modo como as coisas são conduzidas na ilha, e Ishmael é a raiz do problema."

"Tubérculo?", perguntou Sunny.

"'Raiz do problema' quer dizer 'a causa dos problemas dos ilhéus'", explicou Klaus.

"Exatamente", disse Erewhon, "e quando o Dia da Decisão chegar nós finalmente teremos a oportunidade de ficar livres dele."

"Livres dele?", repetiu Violet, pois a frase soou sinistra no escuro.

"Vamos forçá-lo a embarcar no catamarã logo após o desjejum", disse Erewhon, "e empurrá-lo para o mar aberto quando a plataforma costeira inundar."

"Um homem viajando sozinho no oceano tem pouca chance de sobreviver", disse Klaus.

"Ele não estará sozinho", disse Finn. "Inúmeros ilhéus apóiam Ishmael. Se necessário, nós os forçaremos a deixar a ilha também."

"Quantos?", perguntou Sunny.

"E difícil dizer quem apóia e quem não apóia Ishmael", disse Erewhon, e as crianças ouviram a velha mulher tomar um gole da sua concha. "Vocês viram como ele age. Diz que não força ninguém, mas todo mundo acaba concordando com ele de um jeito ou de outro. Porém, não mais. Na hora do desjejum, vamos descobrir quem está do lado dele e quem não está."

"Erewhon diz que lutaremos o dia inteiro e a noite inteira se for preciso", disse Finn. "Todos terão de escolher um lado."

As crianças ouviram um enorme, triste suspiro vindo do topo da balsa

de livros.

"Cisão", disse Kit mansamente.

"Saúde", disse Erewhon. "E por isso que viemos a vocês, irmãos Baudelaire. Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir."

"Depois do modo como Ishmael os abandonou, imaginamos que vocês estariam do nosso lado", disse Finn. "Não concordam que ele é a raiz do problema?"

Os Baudelaire ficaram juntos em silêncio, pensando em Ishmael e em tudo o que sabiam sobre ele. Pensaram no modo como ele os acolhera tão delicadamente quando chegaram à ilha, mas também em quão rápido os abandonara na plataforma costeira. Pensaram em como ele estava ansioso por manter os Baudelaire em segurança, mas também em quão ansioso estava por trancar o conde Olaf em uma gaiola de passarinho. Pensaram em sua desonestidade quanto aos pés feridos e às maçãs que comia em segredo, mas enquanto pensavam em tudo o que sabiam sobre o facilitador, as crianças também pensavam em quanta coisa não sabiam, e depois de ouvir tanto o conde Olaf como Kit Snicket falarem sobre a história da ilha, os órfãos Baudelaire se deram conta de que não conheciam a história inteira. Eles poderiam até concordar que Ishmael era a raiz do problema, mas não podiam ter certeza.

"Eu não sei", disse Violet.

"Você não sabe?", Erewhon repetiu, incrédula. "Nós lhe trouxemos jantar, Ishmael os deixou aqui para passar fome, e vocês não sabem de que lado estão?"

"Nós confiamos em vocês quando disseram que o conde Olaf era uma pessoa horrível", disse Finn.

"Por que vocês não podem confiar em nós, irmãos Baudelaire?"

"Forçar Ishmael a deixar a ilha parece um pouco drástico", disse Klaus.

"É um pouco drástico pôr um homem numa gaiola", ressaltou Erewhon, "mas eu não os ouvi reclamando na ocasião."

"*Quid pro quo?"* perguntou Sunny.

"Se nós os ajudarmos", traduziu Violet, "vocês ajudarão Kit?"

"Nossa amiga está ferida", disse Klaus. "Ferida e grávida."

"E transtornada", acrescentou Kit fracamente de cima da balsa.

"Se vocês nos ajudarem em nosso plano para derrotar Ishmael," prometeu Finn, "nós a levaremos para um lugar seguro."

“E se não?”, perguntou Sunny,

“Não vamos forçá-los, irmãos Baudelaire”, disse Erewhon, soando como o facilitador que ela queria derrotar, “mas o Dia da Decisão se aproxima, e a plataforma costeira inundará. Vocês precisam fazer uma escolha.”

Os Baudelaire não disseram nada, e por um momento todos mantiveram um silêncio que era quebrado unicamente pelos roncos do conde Olaf. Violet, Klaus e Sunny não estavam interessados em ser parte de uma cisão, depois de testemunhar todas as desgraças que se seguiram à cisão de C.S.C. mas não viam como evitar isso. Finn dissera que eles precisavam fazer uma escolha; mas, escolher entre viver sozinhos em uma plataforma costeira — pondo em risco a si mesmos e à sua amiga ferida — e participar do motim na ilha, não parecia de fato uma escolha em absoluto, e eles se perguntaram quantas outras pessoas já se sentiram assim, durante as incontáveis cisões que dividiram o mundo ao longo dos anos.

“Vamos ajudá-los”, disse Violet finalmente. “O que querem que façamos?”

“Precisamos que vocês entrem furtivamente no arboreto”, disse Finn. “Você mencionou as suas habilidades mecânicas, Violet, e Klaus parece ter lido muito. Todos aqueles itens proibidos que recolhemos durante anos viriam realmente a calhar.”

“Até a bebê teria a possibilidade de cozinhar alguma coisa”, disse Erewhon.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou Klaus. “O que faremos com todos os detritos?”

“Precisamos de armas, é claro”, disse Erewhon no escuro.

“Esperamos forçar Ishmael a deixar a ilha pacificamente”, Finn disse depressa, “mas Erewhon diz que vamos precisar de armas, só por precaução. Ishmael vai perceber se formos para o outro lado da ilha, mas vocês três devem ser capazes de passar sorrateiramente por cima da escarpa, encontrar ou construir algumas armas no arboreto e trazê-las aqui para nós antes do desjejum, para que possamos dar início ao motim.”

“Absolutamente não!”, gritou Kit do topo da balsa. “Não quero que vocês empreguem seus talentos para fins tão nefandos, irmãos Baudelaire. Estou certa de que a ilha pode resolver as suas dificuldades sem recorrer à violência.”

“Você resolveu as suas dificuldades sem recorrer à violência?”, perguntou Erewhon bruscamente. “Foi assim que você sobreviveu à grande luta que mencionou, e acabou naufragando em uma balsa de livros?

“Minha história não é importante”, retrucou Kit. “Estou preocupada com os Baudelaire.”

“E nós estamos preocupados com você, Kit”, disse Violet. “Precisamos reunir o maior número de associados que pudermos, se quisermos retornar ao mundo e garantir que a justiça seja feita.”

“Você precisa ir para um lugar seguro, para se recuperar dos seus ferimentos”, disse Klaus.

“E bebê”, disse Sunny.

“Isso não é razão para se envolver em perfídias”, disse Kit, mas ela não pareceu muito segura. Sua voz estava fraca e debilitada, e as crianças ouviram os livros crepitando quando ela desconfortavelmente mexeu o pé ferido.

“Por favor, ajude-nos”, disse Finn, “e nós ajudaremos a sua amiga.”

“Tem de existir uma arma que possa ameaçar Ishmael e seus seguidores”, disse Erewhon, que não soava mais como Ishmael. Os Baudelaire tinham ouvido quase exatamente as mesmas palavras da boca aprisionada do conde Olaf, e ficaram arrepiados só de pensar na arma que ele estava escondendo na gaiola de passarinho.

Violet pôs de lado a sua tigela de sopa vazia e abraçou a irmãzinha no colo, enquanto Klaus pegava o farolete da velha.

“Estaremos de volta assim que possível, Kit”, prometeu a mais velha dos Baudelaire. “Deseje-nos sorte.”

A balsa tremeu quando Kit soltou um longo e triste suspiro.

“Boa sorte”, disse ela afinal. “Eu gostaria que as coisas fossem diferentes, irmãos Baudelaire.”

“Nós também”, replicou Klaus, e as três crianças seguiram o facho estreito do farolete de volta à colônia que os abandonara. Seus passos chapinhavam de leve na água da plataforma costeira, e os Baudelaire podiam ouvir o quieto colear da Víbora Incrivelmente Mortífera, seguindo-os lealmente em sua missão. Não havia sinal de lua, e as estrelas estavam encobertas pelas nuvens que restaram da tempestade passada, ou que anunciavam, talvez, uma nova, e assim o mundo inteiro parecia desaparecer fora da luz proibida do farolete secreto. A cada passo molhado e incerto, as

crianças sentiam-se mais pesadas, como se os seus pensamentos fossem pedras que tinham de carregar para o arboreto, onde todos os itens proibidos jaziam à sua espera. Eles pensaram nos ilhéus e na cisão de amotinados que em breve iria dividir a colônia. Pensaram em Ishmael e se perguntaram se os seus segredos e trapaças significavam que ele merecia ficar no mar. E pensaram no Mycelium Medusóide, fermentando no capacete em poder de Olaf, e se perguntaram se os ilhéus não iriam descobrir aquela arma antes que eles mesmos construíssem outra. As crianças caminhavam no escuro, como tantas outras pessoas já tinham feito antes delas, desde as andanças nômades dos cimérios até as viagens desesperadas dos trigêmeos Quagmire, que naquele exato momento estavam em circunstâncias igualmente sombrias, embora um bocado mais úmidas que as dos Baudelaire. A medida que iam chegando mais e mais perto da ilha que as abandonara, seus pensamentos as tornavam mais e mais pesadas, e os órfãos Baudelaire gostariam que as coisas fossem, de fato, muito diferentes.



CAPÍTULO NOVE

A expressão “no escuro”, como eu tenho certeza de que você sabe, pode se referir não apenas aos arredores sombrios, mas também aos segredos sombrios dos quais uma pessoa pode não estar consciente. Se você está tomando banho de sol em um parque, por exemplo, mas não sabe que um armário trancado está enterrado quinze metros abaixo de sua esteira, então você *está* no escuro, mesmo que, não esteja realmente no escuro; ao passo que, se você está fazendo uma caminhada à meia-noite, sabendo muito bem que uma porção de bailarinas vem vindo logo atrás, então você *não está* no escuro, mesmo que esteja de fato no escuro. É claro que é perfeitamente possível estar no escuro no escuro, bem como estar não no escuro não no escuro, mas há tantos segredos no mundo que é provável que você esteja sempre no escuro em relação a uma coisa ou outra, esteja você no escuro no escuro ou não no escuro não no escuro, muito embora o sol possa se pôr tão depressa que você pode ficar no escuro quanto a estar no escuro no escuro, somente para olhar em volta e descobrir que não está mais no escuro quanto a estar no escuro no escuro, como no escuro no escuro não obstante, não só por causa do escuro, mas por causa das bailarinas no escuro, que não estão no escuro quanto ao escuro, mas também não estão no escuro quanto ao armário trancado, e você pode estar no escuro quanto às bailarinas estarem desenterrando o armário trancado no escuro, apesar de não estar mais no escuro quanto a estar no escuro, portanto pode cair no buraco que as bailarinas cavaram, que é escuro, no escuro, e obscuro.

Os órfãos Baudelaire, é claro, já tinham estado no escuro muitas vezes

antes de seguir caminho no escuro por cima da escarpa até o outro lado da ilha, onde o arboreto guardava os seus muitos, muitos segredos. Havia o escuro da casa tenebrosa do conde Olaf, e o escuro do cinema, onde o tio Monty os levara para ver um filme maravilhoso chamado *Zumbis na neve.* Havia as nuvens escuras do Furacão Hermano quando ele atravessou rugindo o Lago Lacrimoso, e o escuro da Floresta Finita quando um trem levou as crianças para trabalhar na Serraria Alto-Astral. Havia as noites escuras que os irmãos passaram na Escola Preparatória Prufrock, participando da Disciplina para Órfãos Rápidos, e as escaladas escuras no poço do elevador da Avenida Sombria 667. Havia a cela escura na prisão onde eles passaram algum tempo quando viviam na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, e o porta-malas escuro do carro do conde Olaf, que os transportou do Hospital Heimlich para o sertão, onde as barracas escuras do Parque Caligari os aguardavam. Havia o buraco escuro da armadilha que os órfãos construíram no alto das Montanhas de Mão-Morta, e a escotilha escura por onde desceram para entrar a bordo do *Queequeg,* e o saguão escuro do Hotel Desenlace, onde eles pensaram que seus dias poderiam terminar. Havia os olhos escuros do conde Olaf e de seus associados, e os cadernos escuros dos trigêmeos Quagmire, e todas as passagens escuras que as crianças descobriram, que levavam à mansão Baudelaire, para fora da Biblioteca de Registros, subindo para a Sede de Operações de C.S.C. descendo para as escuras, escuras profundezas do mar, e todas as passagens escuras que elas não descobriram, por onde outras pessoas viajavam em missões igualmente desesperadas. Porém, mais que tudo, os órfãos Baudelaire estiveram no escuro em relação à sua própria triste história. Eles não entendiam como o conde Olaf entrara em suas vidas, nem como conseguira permanecer lá, engendrando esquema após esquema sem que ninguém o detivesse. Eles não entendiam C.S.C. nem mesmo depois de terem se juntado à organização, nem como a organização, com todos os seus códigos, missões e voluntários, fracassara em derrotar as pessoas más que pareciam triunfar seguidamente, deixando cada lugar seguro em ruínas. E tampouco entendiam como puderam perder seus pais e seu lar em um incêndio, ou como essa enorme injustiça, esse mau começo de sua triste história, fora seguida por outra injustiça, e outra, e outra. Os órfãos Baudelaire não entendiam como a injustiça e a perfídia podiam prosperar, mesmo assim tão longe de casa, em uma ilha no meio de um vasto mar, nem como a felicidade e a inocência — a felicidade e a inocência daquele dia na

Praia de Sal, antes de o sr. Poe lhes trazer as pavorosas notícias — podiam estar sempre tão fora de alcance. Os Baudelaire estavam no escuro com relação aos mistérios de suas próprias vidas, e é por isso que foi um choque tão profundo pensar, afinal, que eles poderiam ser resolvidos. Os órfãos Baudelaire piscaram com a luz do sol nascente e olharam para a vastidão do arboreto, e se perguntaram se poderiam não estar mais no escuro. "Biblioteca" é mais uma palavra que pode significar duas coisas diferentes, o que quer dizer que, mesmo em uma biblioteca, você pode não estar a salvo da confusão e do mistério do mundo. O uso mais comum da palavra "biblioteca", é claro, refere-se a uma coleção de livros e documentos, tais como as bibliotecas que os Baudelaire encontraram durante as suas viagens e desventuras, desde a biblioteca legal da juíza Strauss até o Hotel Desenlace, que era em si uma enorme biblioteca — com, revelou-se, outra biblioteca escondida por perto. Mas a palavra "biblioteca" também pode se referir a uma massa de conhecimento, ou a uma fonte de aprendizado, assim como Klaus Baudelaire é uma espécie de biblioteca com a massa de conhecimento armazenada em seu cérebro, ou Kit Snicket, que foi uma fonte de aprendizado para os Baudelaire quando lhes contou sobre C.S.C. e suas nobres missões. Assim, quando escrevo que os órfãos Baudelaire se encontravam na maior biblioteca que já tinham visto, é esta a definição da palavra que estou usando, porque o arboreto era uma enorme massa de conhecimento, e uma fonte de aprendizado, mesmo sem um pedaço sequer de papel visível. Os itens que tinham sido arrastados para as praias da ilha no decorrer dos anos podiam responder a qualquer pergunta que os Baudelaire tivessem, e a mais milhares de outras perguntas nas quais jamais pensaram. Estendendo-se tão longe quanto os olhos podiam ver, havia pilhas de objetos, montanhas de itens, torres de evidências, fardos de materiais, aglomerados de detalhes, acúmulos de substâncias, séries de pedaços, exércitos de artigos, constelações de detalhes, galáxias de objetos e universos de coisas — um acúmulo, uma agregação, uma compilação, uma concentração, uma multidão, uma manada, um rebanho e um registro de aparentemente tudo o que existe sobre a Terra. Havia tudo o que o alfabeto podia conter — automóveis e alarmes, bandagens e bolinhas, cabos e chaminés, discos e dominós, eixos e elásticos, filigranas e fogões, garrotes e gamelas, halteres e holofotes, ícones e instrumentos, jóias e joelheiras, *karts* e kanangas, laminados e lampiões, máquinas e magnetos, nutrientes e nitroglicerina, osciloscópios e otomanas,

petecas e pilares, queixadas e quepes, rabecas e rodas-dágua, serrotes e samburás, tapetes e turbantes, urnas e uqueleles, valetes e violoncelos, *walkie-talkiese water closets,* xilogravuras e xilofones, *yin* e *yang,* zarabatanas e zabras — palavra que aqui significa "pequenas embarcações normalmente usadas nas costas da Espanha e de Portugal" —, bem como tudo o que podia conter o alfabeto, de uma caixa de papelão perfeita para guardar vinte e seis cubos de madeira a um quadro-negro perfeito para escrever vinte e seis letras. Havia qualquer número de coisas, de uma única motocicleta a incontáveis *hashis,* e coisas com qualquer número, de placas de licença a calculadoras. Havia objetos de todos os climas, de sapatos de neve a ventiladores de teto; e para qualquer ocasião, de menorás a bolas de futebol; havia coisas que poderiam ser usadas em certas ocasiões e climas, como um conjunto para *fondue* à prova d'água. Havia regimentos internos e privadas externas, lençóis de cima e roupas de baixo, sobrenomes e submarinos, chapas quentes e cremes frios, berços e ataúdes, irremediavelmente destruídos, um tanto danificados, em estado de ligeiro desarranjo e novos em folha. Havia objetos que os Baudelaire reconheceram, incluindo uma moldura de quadro triangular e uma lâmpada de latão em forma de peixe, havia objetos que os Baudelaire nunca tinham visto antes, incluindo o esqueleto de um elefante e uma máscara verde rebrilhante que poderia ser usada como parte de uma fantasia de libélula, e havia objetos que os Baudelaire não sabiam se já tinham visto antes, como um cavalinho de balanço feito de madeira e um pedaço de borracha, que parecia uma correia de ventilador. Havia itens que pareciam ser parte da história dos Baudelaire, como uma réplica em plástico de um palhaço e um poste telegráfico quebrado, e havia itens que pareciam parte de alguma outra história, como a escultura de um pássaro preto e uma pedra preciosa que brilhava tal qual uma lua indiana; e todos os itens e todas as suas histórias estavam esparramados pela paisagem de tal modo que os órfãos Baudelaire pensaram que, ou o arboreto tinha sido organizado de acordo com princípios tão misteriosos que não podiam ser descobertos, ou não tinha sido organizado coisa nenhuma. Em suma, os órfãos Baudelaire se encontravam na maior biblioteca que já tinham visto, mas não sabiam por onde começar a pesquisa. As crianças ficaram plantadas em silêncio reverenciai, sondaram a interminável paisagem de objetos e histórias, e depois ergueram os olhos para o maior objeto de todos, que se elevava acima do arboreto e o cobria de sombra. Era a macieira, cujo tronco

era tão enorme quanto uma mansão e com galhos tão longos quanto uma rua de uma cidade. Ela abrigava a biblioteca das freqüentes tempestades e oferecia as suas maçãs amargas, pungentes, a quem ousasse colher uma.

"Estou sem palavras", disse Sunny em um sussurro abafado.

"Eu também", concordou Klaus. "Não posso acreditar no que estamos vendo. Os ilhéus nos contaram que mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nestas praias, mas eu nunca imaginei que o arboreto pudesse conter tantas coisas."

Violet pegou um item caído aos seus pés — uma fita cor-de-rosa com margaridinhas de plástico — e começou a enrolá-la no cabelo. Para aqueles que não a conheciam há muito tempo, o gesto não significaria nada; mas aqueles que estavam familiarizados com ela sabiam que quando a mais velha dos Baudelaire prendia os cabelos com uma fita para mantê-los fora dos olhos, significava que as engrenagens e alavancas do seu cérebro inventivo estavam funcionando a todo vapor.

"Pensem no que eu poderia construir aqui", disse ela. "Poderia construir talas para os pés de Kit, um barco que nos leve para fora da ilha, um sistema de filtragem para que pudéssemos beber água fresca..." Sua voz emudeceu e ela ficou olhando para os galhos da árvore lá em cima. "Eu poderia inventar qualquer coisa, e todas as coisas."

Klaus pegou o objeto que estava aos pés dele — uma capa feita de seda escarlate — e o segurou nas mãos.

"Deve haver incontáveis segredos em um lugar como este", disse ele. "Mesmo sem um livro, eu poderia investigar qualquer coisa, e todas as coisas."

Sunny olhou em volta.

"Serviço *à Ia Russe",* disse ela, o que queria dizer alguma coisa do tipo: "Mesmo com os ingredientes mais simples, eu poderia preparar uma refeição extremamente elaborada".

"Não sei por onde começar", disse Violet, passando a mão em uma pilha de madeira branca quebrada que parecia ter sido parte de um gazebo.

"Começamos com armas", disse Klaus em tom soturno. "É por isso que estamos aqui. Erewhon e Finn estão nos esperando para ajudá-las a se amotinar contra Ishmael."

A mais velha dos Baudelaire balançou a cabeça.

"Não parece direito", disse ela. "Não podemos usar um lugar como este

para começar uma cisão.”

“Talvez uma cisão seja necessária”, disse Klaus. “Há milhões de itens aqui que poderiam ajudar a colônia, mas graças a Ishmael foram todos abandonados.”

“Ninguém forçou ninguém a abandonar nada”, disse Violet.

“Pressão dos pares”, salientou Sunny.

“Podemos tentar exercer um pouco da nossa própria pressão dos pares”, disse Violet com firmeza. “Já derrotamos pessoas piores que Ishmael com bem menos materiais.”

“Mas nós realmente queremos derrotar Ishmael?”, perguntou Klaus. “Ele fez da ilha um lugar seguro, mesmo sendo um pouco maçante, e manteve o conde Olaf afastado, mesmo sendo um pouco cruel. Seus pés são de barro, mas não tenho certeza se ele é a raiz do problema.”

“Qual é a raiz do problema?”, perguntou Violet.

“Ink”, disse Sunny, no entanto, quando seus irmãos se voltaram para ela com uma expressão zombeteira, viram que a mais jovem dos Baudelaire não respondia à pergunta deles, mas apontava para a Víbora Incrivelmente Mortífera, que estava coleando apressadamente para longe das crianças, com os olhos dardejando para um lado e para o outro, e a língua esticada para farejar o ar.

“Parece que ela sabe aonde está indo”, disse Violet.

“Talvez já tenha estado aqui antes”, disse Klaus.

“Trasdela”, disse Sunny, o que queria dizer: “Vamos seguir o réptil e ver para onde se dirige”. Sem esperar para ver se os irmãos concordavam, ela saiu apressada atrás da serpente, e Violet e Klaus correram apressados atrás dela. O caminho da víbora era tão curvo e sinuoso quanto a própria serpente, e os Baudelaire se viram passando por cima de toda sorte de itens descartados, desde uma caixa de papelão totalmente encharcada pela tempestade e que estava cheia de alguma coisa branca e rendada, até um pano de fundo com um pôr-do-sol pintado, que não faria feio na apresentação de uma ópera. As crianças observaram que o caminho já tinha sido trilhado antes, pois a terra estava coberta de pegadas. A serpente coleava tão depressa que os Baudelaire não conseguiram acompanhá-la, mas podiam seguir seu rastro, que estava polvilhado em volta das bordas com um pó branco. Era barro seco, é claro, e logo eles alcançaram o fim do caminho, no encalço das pegadas de Ishmael, e chegaram à base da macieira bem a tempo de ver a

cauda da serpente desaparecer dentro de um vão nas raízes da árvore. Se vocês já estiveram junto à base de uma árvore velha, então sabem que as raízes freqüentemente estão perto da superfície da terra e que seus ângulos encurvados podem criar um espaço oco no tronco da árvore. Foi nesse espaço oco que a Víbora Incrivelmente Mortífera desapareceu e, depois de uma pausa mínima, foi nesse espaço que os Baudelaire entraram atrás dela, se perguntando que segredos iriam encontrar na raiz da árvore que abrigava um local tão misterioso. Primeiro Violet, depois Klaus e logo após Sunny desceram através do vão para dentro do lugar secreto. Estava escuro embaixo das raízes da árvore, e por um momento as crianças tentaram se acostumar à penumbra e entender aquele espaço, mas então o Baudelaire do meio se lembrou do farolete e o acendeu, para que ele e as irmãs não estivessem mais no escuro no escuro.

Os órfãos Baudelaire estavam em um lugar muito maior do que teriam imaginado e muito mais bem abastecido. Ao longo de uma parede havia um grande banco de pedra forrado de ferramentas simples e limpas, inclusive diversas lâminas de barbear aparentemente afiadas, um pote de vidro com grude e diversos pincéis de madeira com pontas estreitas e finas. Junto à parede havia uma enorme estante, que estava atulhada de livros de todos os formatos e tamanhos, bem como de documentos sortidos que estavam empilhados, enrolados e grampeados com extremo cuidado. Suas prateleiras se estendiam para além das crianças, ultrapassando o facho do farolete e desaparecendo nas trevas; não havia, portanto, meio de saber o comprimento da estante nem o número de livros e documentos que continha. Do lado oposto à estante de livros estendia-se uma elaborada cozinha, com um enorme fogão barrigudo, várias pias de porcelana e um alto e ronronante refrigerador, bem como uma mesa quadrada de madeira coberta de utensílios que iam de um liquidificador a um conjunto para *fondue.* Acima da mesa estava pendurado um pandeiro do qual pendiam todos os tipos de utensílios de cozinha e panelas, bem como raminhos de ervas secas, uma variedade de peixes secos inteiros e até umas poucas carnes curadas, tais como salame e *prosciutto,* um presunto italiano que os órfãos Baudelaire apreciaram certa vez em um piquenique siciliano ao qual a família comparecera. Pregada à parede, havia uma impressionante prateleira de temperos cheia de potes com ervas e garrafas de condimentos, e um armário com portas de vidro através das quais se viam pilhas de pratos, tigelas e canecas. Por fim, no centro desse

enorme espaço, havia duas grandes e confortáveis poltronas de leitura, uma com um livro gigantesco em cima do assento, muito mais alto que um atlas e muito mais grosso que um dicionário completo, e a outra simplesmente aguardando alguém se sentar. Por fim, havia um curioso dispositivo feito de latão que parecia um grande tubo com um binóculo na ponta, que subia até penetrar no espesso palio de raízes que formava o teto. Enquanto a Víbora Incrivelmente Mortífera silvava orgulhosamente, como um cão abana a cauda depois de fazer um truque difícil, as três crianças correram os olhos pelo recinto, cada qual se concentrando em sua área de especialidade, uma expressão que aqui significa "a parte do recinto em que cada Baudelaire mais gostaria de passar o seu tempo".

Violet foi até o dispositivo de latão e espiou através do binóculo.

"Posso ver o oceano", disse ela, surpresa. "Isto é um enorme periscópio, muito maior que o do *Queequeg*. Ele deve subir por todo o tronco da árvore e se projetar para fora do galho mais alto."

"Mas por que alguém iria querer olhar para o oceano daqui?", perguntou Klaus.

"Dessa altura", explicou Violet, "podem-se ver quaisquer nuvens de tempestade que estivessem vindo nesta direção. E assim que Ishmael prevê o tempo — não por mágica, mas com equipamento científico".

"E estas ferramentas são usadas para consertar livros", disse Klaus. "É claro que livros são arrastados para a ilha. Mais cedo ou mais tarde, tudo acaba sendo. Mas as páginas e a encadernação dos livros são freqüentemente danificadas pela tempestade que os trouxe, então Ishmael os conserta e os guarda em prateleiras aqui." Ele pegou um caderno azul-escuro de cima do banco e o mostrou. "E o meu livro de lugar-comum", disse. "Ele devia estar atento a que nenhuma das páginas ficasse molhada."

Sunny pegou um objeto familiar na mesa de madeira — o seu batedor — e o levou ao nariz. "Bolinhos de frutas", disse ela. "Com canela."

"Ishmael caminha até o arboreto para controlar as tempestades, ler livros e cozinhar comida condimentada", disse Violet. "Por que ele finge ser um facilitador ferido que prevê o tempo por mágica, alega que a ilha não tem biblioteca e prefere refeições insossas?"

Klaus foi até as duas poltronas de leitura e ergueu o livro pesado e grosso.

"Talvez isto possa nos contar", disse ele, e iluminou o livro com o

farolete para que suas irmãs pudessem ver o título longo e um tanto prolixo impresso na capa.

"O que quer dizer?", perguntou Violet. "Esse título pode significar qualquer coisa."

Klaus notou um fino pedaço de pano preto, enfiado no livro para marcar um ponto em que alguém parou a leitura e abriu naquela página. O marcador era a fita de cabelo de Violet, que a mais velha dos Baudelaire rapidamente agarrou, pois a fita cor-de-rosa com margaridinhas de plástico não era do seu agrado.

"Eu acho que isto é a história da ilha", disse Klaus, "escrita como se fosse um diário. Veja, aqui está o que diz o registro mais recente: *Mais um vulto do passado sombrio foi arrastado para a praia — Kit Snicket* (*vide página 667). Convenci os outros a abandoná-la, e aos Baudelaire, que já balançaram o barco mais que demais, receio. Também consegui que prendessem Olaf em uma gaiola. Nota para mim mesmo: Por que ninguém me chama de Ish?"*

"Ishmael afirmou que nunca tinha ouvido falar em Kit Snicket", disse Violet, "mas aqui escreve que ela é um vulto do passado sombrio."

"Meia-meia-sete", disse Sunny, e Klaus balançou a cabeça. Entregando o farolete à sua irmã mais velha, ele começou a virar rapidamente as páginas do livro, folheando a história para trás até chegar à página que Ishmael mencionara.

"*Inky aprendeu a laçar carneiros",* leu Klaus, *"e na noite passada a tempestade trouxe um cartão-postal de Kit Snicket, endereçado a Olívia Caliban. Kit, é claro, é a irmã de..."*

A voz do Baudelaire do meio emudeceu, e suas irmãs olharam para ele, curiosas.

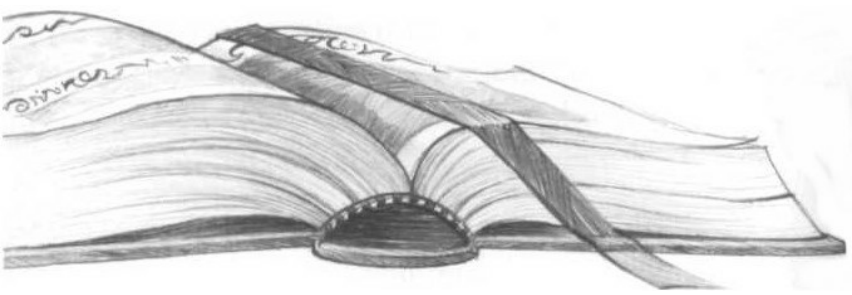
"O que há de errado, Klaus?", perguntou Violet. "Esse registro não parece ser especialmente misterioso."

"Não é o registro", disse Klaus, tão baixo que Violet e Sunny mal puderam ouvir. "É a letra."

"Familiar?", perguntou Sunny, e todos os três Baudelaire chegaram o mais perto que podiam um do outro. Em silêncio, as crianças se juntaram em volta do facho do farolete, como se ele fosse uma quente fogueira de acampamento em uma noite gélida, e olharam para as páginas do livro estranhamente intitulado. Até mesmo a Víbora Incrivelmente Mortífera

rastejou para cima e empoleirou-se nos ombros de Sunny, como se estivesse tão curiosa quanto os órfãos Baudelaire para saber quem escrevera aquelas palavras tanto tempo atrás.

"Sim, irmãos Baudelaire", disse uma voz do outro lado do recinto. "E a letra da sua mãe."



CAPÍTULO DEZ

Ishmael saiu das trevas, passando a mão pelas prateleiras da estante, e caminhou lentamente até onde estavam os órfãos Baudelaire. A luz pálida do farolete, as crianças não puderam ver se o facilitador estava sorrindo ou com a cara fechada atrás da sua barba desgrenhada e lanuda, e Violet se lembrou de algo que já tinha esquecido quase completamente. Muito tempo atrás, antes de Sunny ter nascido, Violet e Klaus tinham começado uma discussão durante o café-da-manhã sobre de quem era a vez de levar o lixo para fora. Era um assunto bobo, porém uma daquelas ocasiões em que os discutidores estão se divertindo demais para parar, e o dia inteiro os dois irmãos circularam pela casa fazendo as tarefas que lhes foram designadas mal falando um com o outro. Por fim, depois de uma longa e silenciosa refeição, durante a qual seus pais tentaram fazer com que se reconciliassem — uma palavra que aqui significa "admitir que não importava o mínimo de quem era a vez, pois a única coisa importante era tirar o lixo da cozinha antes que o cheiro se espalhasse pela mansão inteira" —, Violet e Klaus foram mandados para a cama sem sobremesa e sem cinco minutos de leitura sequer. De repente, bem quando estava quase pegando no sono, Violet teve uma idéia para uma invenção que faria com que ninguém jamais tivesse de levar o lixo para fora, então acendeu uma luz e começou a desenhar a sua idéia em um bloco de papel. Estava tão interessada em sua invenção que não ficou atenta aos passos no corredor lá fora, e quando sua mãe abriu a porta ela não teve tempo de apagar a luz e fingir que estava dormindo. Violet olhou para a mãe, e a mãe olhou para ela, e sob aquela luz pálida a mais velha dos Baudelaire não pôde ver se a mãe estava sorrindo ou com a cara fechada — se ela estava zangada com Violet por ficar acordada além da hora de dormir, ou se, na verdade, não se importava. Então, finalmente, Violet viu que a sua mãe estava trazendo uma xícara de chá quente.

“Aqui está, querida”, disse ela gentilmente. “Eu sei como o chá de anis-estrelado ajuda você a pensar.” Violet pegou a xícara fumegante de suas mãos e, naquele instante, deu-se conta de que, afinal, tinha sido dela a vez de levar o lixo para fora.

Ishmael não ofereceu chá nenhum para os Baudelaire, e quando ele acionou um interruptor na parede e iluminou o espaço embaixo da macieira com luzes elétricas, as crianças puderam ver que o facilitador não estava nem sorrindo nem com a cara fechada, mas exibia uma estranha combinação das duas coisas, como se estivesse tão nervoso a respeito dos Baudelaire quanto eles estavam a respeito dele.

“Eu sabia que vocês viriam aqui”, disse Ishmael por fim, depois de um longo silêncio. “Está no seu sangue. Nunca conheci um Baudelaire que não balançasse o barco.”

Os Baudelaire sentiram todas as suas perguntas tropeçarem umas por cima das outras em sua cabeça, como passageiros frenéticos abandonando um navio que está afundando.

“O que é este lugar?”, perguntou Violet. “Como você conheceu os nossos pais?”

“Por que você mentiu para nós sobre tantas coisas?”, perguntou Klaus. “Por que está guardando tantos segredos?”

“Quem é você?”, perguntou Sunny.

Ishmael deu mais um passo em direção aos Baudelaire e baixou os olhos para Sunny, que encarou de volta o facilitador, e então olhou para o barro ainda apertado em volta dos seus pés.

“Vocês sabiam que eu fui professor?”, perguntou ele. “Foi há muitos anos, na cidade. Havia sempre umas poucas crianças nas minhas aulas de química que tinham o mesmo brilho nos olhos que vocês, Baudelaire. Aqueles estudantes sempre entregavam os trabalhos mais interessantes.” Ele suspirou e se sentou em uma das poltronas de leitura no centro do recinto. “Eles também eram os que me causavam mais problemas. Lembro-me de uma criança, em particular, que tinha o cabelo preto, desgrenhado, e uma única sobrancelha.”

“Conde Olaf”, disse Violet.

Ishmael fechou a cara e piscou para a mais velha dos Baudelaire.

“Não”, disse ele. “Era uma menininha. Tinha uma única sobrancelha e, graças a um acidente no laboratório do pai dela, uma única orelha. Era órfã e

vivia com os irmãos em uma casa de propriedade de uma mulher horrível, uma bêbada violenta famosa por ter matado um homem na juventude, sem nada a não ser as mãos nuas e um melão-cantalupo muito maduro. O cantalupo foi cultivado em uma fazenda que não está mais em operação, a Fazenda de Melões Alto-Astral, cujo dono era..."

"Sir", disse Klaus.

Ishmael fechou a cara de novo.

"Não", disse ele. "A fazenda era propriedade de dois irmãos, um dos quais foi depois assassinado em uma pequena cidade, onde três crianças inocentes foram acusadas do crime."

"Jacques", disse Sunny.

"Não", disse Ishmael novamente fechando a cara. "Houve uma certa discussão a respeito do seu nome, na verdade, pois ele parecia usar diversos nomes, dependendo do que estava vestindo. Qualquer que seja o caso, a estudante da minha classe começou a ficar muito desconfiada do chá que o seu tutor servia para ela quando chegava em casa da escola. Em vez de beber, ela o despejava em uma planta ornamental usada na decoração de um conhecido e elegante restaurante, com um tema písceo."

"Café Salmonela", disse Violet.

"Não", disse Ishmael, e fechou a cara mais uma vez. "O Bistrô Salmônidas. Minha estudante, é claro, percebeu que não poderia continuar oferecendo chá à planta ornamental, especialmente depois que ela murchou e o dono da planta foi escamoteado para o Peru a bordo de um navio misterioso."

"O *Próspero',* disse Klaus.

Ishmael ofereceu aos jovens mais uma cara fechada.

"Sim", disse ele, "embora na época o navio se chamasse *Péricles.* Mas minha estudante não sabia disso. Ela só queria evitar ser envenenada, e eu tive uma idéia, de que um antídoto poderia estar escondido..."

"Despiste", interrompeu Sunny, e seus irmãos balançaram a cabeça concordando. Com despiste, a menininha queria dizer "A história de Ishmael é tangencial", uma palavra que aqui significa "responder a perguntas diferentes das que foram feitas pelos Baudelaire".

"Nós queremos saber o que está acontecendo aqui na ilha agora, neste exato momento", disse Violet, "e não o que aconteceu em uma sala de aula muitos anos atrás."

“Mas o que está acontecendo agora e o que aconteceu antes são parte da mesma história”, disse Ishmael. “Se eu não lhes contar como vim a preferir chá tão amargo como absinto, então vocês não vão saber como eu vim a ter uma conversa muito importante com um garçom em uma cidade lacustre. E se eu não lhes contar sobre aquela conversa, então vocês não vão saber como fui parar em um certo batiscafo, nem como acabei naufragando aqui, nem como vim a conhecer os seus pais, nem nada mais do que está contido nesse livro.” Ele pegou o pesado volume das mãos de Klaus e correu os dedos pela lombada, onde o longo e um tanto prolixo título estava gravado em ouro em letras de forma. “As pessoas vêm escrevendo histórias neste livro desde que os primeiros náufragos vieram dar na ilha, e todas as histórias são ligadas de um modo ou de outro. Se você faz uma pergunta, ela o leva a outra, e outra, e outra. É como descascar uma cebola.”

“Mas você não poderia ler todas as histórias e responder a todas as perguntas”, disse Klaus, “mesmo que quisesse.”

Ishmael sorriu e puxou a barba.

“Foi exatamente o que os seus pais me disseram”, disse ele. “Quando cheguei aqui, eles já estavam na ilha havia alguns meses, mas tinham se tornado os facilitadores e sugerido alguns novos costumes. O seu pai sugeriu que uns poucos náufragos que eram operários de construção instalassem o periscópio na árvore, para procurar tempestades, e a sua mãe sugeriu que um náufrago encanador bolasse um sistema de filtragem de água, para que a colônia pudesse ter água fresca diretamente na pia da cozinha. Seus pais tinham começado uma biblioteca com todos os documentos que havia aqui, e estavam acrescentando centenas de histórias ao livro de lugar-comum. Refeições *gourmet* eram servidas, e seus pais convenceram alguns dos outros náufragos a expandir este espaço subterrâneo.” Ele fez um gesto para a longa estante que desaparecia no escuro. “Eles queriam escavar uma passagem que levasse a uma central de pesquisas marinhas e serviços de aconselhamento retórico a algumas milhas de distância.”

Os Baudelaire trocaram olhares espantados. O capitão Andarré descrevera um lugar assim e, de fato, as crianças tinham passado algumas horas desesperadoras no seu subsolo arruinado.

“Você quer dizer que se caminharmos acompanhando a estante”, disse Klaus, “chegaremos à Aquáticos Anwhistle?”

Ishmael sacudiu a cabeça.

“A passagem nunca chegou a ser terminada”, disse ele, “e isso é bom, também. A central de pesquisas foi destruída em um incêndio, que poderia ter se propagado através da passagem e atingido a ilha. E revelou-se que um fungo extremamente letal estava contido naquele lugar. Tremo só de pensar no que poderia acontecer se o Mycelium Medusóide chegasse a estas praias.”

Os Baudelaire se entreolharam de novo, mas não disseram nada, preferindo guardar um dos seus segredos, mesmo que Ishmael tivesse contado alguns dos dele. A história das crianças Baudelaire poderia ter conectado a história de Ishmael com a dos esporos contidos no capacete de mergulho que o conde Olaf estava escondendo embaixo do seu vestido na gaiola de passarinho em que era prisioneiro, mas os irmãos não viram nenhuma razão para oferecer voluntariamente essa informação.

“Alguns ilhéus acharam que a passagem era uma idéia maravilhosa”, continuou Ishmael. “Os seus pais queriam transportar todos os documentos que vieram dar aqui para a Aquáticos Anwhistle, onde poderiam ser enviados a um sub-sub-bibliotecário que tinha uma biblioteca secreta. Outros queriam manter a ilha segura, longe da perfídia do mundo.

Na época em que cheguei, alguns ilhéus queriam se amotinar e abandonar os seus pais na plataforma costeira.” O facilitador soltou um grande suspiro e fechou o pesado livro no seu colo. “Eu entrei no meio dessa história”, disse ele, “assim como vocês entraram no meio da minha história. Alguns ilhéus acharam armas entre os detritos, e a situação teria ficado violenta se eu não tivesse convencido a colônia a simplesmente abandonar os seus pais. Nós permitimos que eles pusessem alguns livros em um barco pesqueiro que seu pai construíra, e pela manhã os dois partiram com alguns dos seus camaradas quando a plataforma costeira se inundou. Deixaram para trás tudo o que tinham criado aqui, do periscópio que uso para prever o tempo ao livro de lugar-comum, onde continuo a pesquisa deles.”

“Você expulsou nossos pais?”, perguntou Violet, atônita.

“Eles ficaram muito tristes em partir”, disse Ish-mael. “Sua mãe estava grávida de você, Violet, e depois de todos os anos que passaram com C.S.C. seus pais não estavam certos de que queriam ver os filhos expostos à perfídia do mundo. Mas eles não entenderam que, se a passagem tivesse sido terminada, vocês teriam sido expostos à perfídia do mundo do mesmo modo. Cedo ou tarde, um ou dois eventos desafortunados ocorrem na história de todo mundo — uma cisão ou uma morte, a perda de um lar ou a destruição de

um conjunto de chá. A única solução, é claro, é ficar o mais longe possível do mundo e levar uma vida segura e simples."

"É por isso que você mantém tantos itens longe dos outros", disse Klaus.

"Depende de como você encara as coisas", disse Ishmael. "Eu queria que este lugar fosse tão seguro quanto possível, então, quando me tornei facilita-dor da ilha, sugeri alguns novos costumes. Mudei a colônia para o outro lado da ilha, treinei os carneiros para arrastar as armas para longe, depois os livros e os dispositivos mecânicos, para que nenhum detrito do mundo interfirisse em nossa segurança. Sugeri que todos nos vestíssemos do mesmo modo e comêssemos a mesma comida, para evitar quaisquer cisões futuras."

"Jojishoji", disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como "Eu não acredito que restringir a liberdade de expressão e o livre exercício decorrente seja um modo apropriado de conduzir uma comunidade".

"Sunny tem razão", disse Violet. "Os outros ilhéus não podiam ter concordado com esses novos costumes.

"Eu não os forcei", disse Ishmael, "mas, é claro, o cordial de coco ajudou. A beberagem fermentada é tão forte que serve como uma espécie de opiáceo para as pessoas daqui."

"Letes?", perguntou Sunny.

"Um opiáceo é algo que deixa as pessoas sonolentas e inativas", disse Klaus, "e até esquecidas."

"Quanto mais cordial os ilhéus bebiam", explicou Ishmael, "menos pensavam no passado ou se queixavam das coisas de que sentiam falta."

"É por isso que dificilmente alguém deixa este lugar", disse Violet. "Eles estão sonolentos demais para pensar em partir."

"Ocasionalmente alguém parte", disse Ishmael, e baixou os olhos para a Víbora Incrivelmente Mortífera, que lhe deu um breve silvo. "Algum tempo atrás, duas mulheres zarparam com esta mesma serpente, e alguns anos depois um homem chamado Quinta-Feira partiu com alguns camaradas."

"Então Quinta-Feira está vivo", disse Klaus, "bem como disse Kit."

"Sim", admitiu Ishmael, "mas, por sugestão minha, Miranda disse à filha que ele morreu em uma tempestade, para que ela não se preocupasse com a cisão que dividiu seus pais."

"Electra", disse Sunny, o que queria dizer "Uma família não devia

guardar segredos tão terríveis", mas Ishmael não pediu uma tradução.

"Com exceção daqueles encrenqueiros", disse ele, "todo mundo ficou aqui. E por que não deveriam? Na sua maioria, os náufragos são órfãos, como eu, e como vocês. Eu conheço a sua história, irmãos Baudelaire, de todos os artigos de jornal, relatórios policiais, boletins financeiros, telegramas, correspondência particular e biscoitos da sorte que vieram dar aqui. Vocês andaram perambulando por este mundo pérfido desde que a sua história começou e nunca encontraram um lugar tão seguro como este. Por que não ficam? Desistam de suas invenções mecânicas, de suas leituras e de sua culinária. Esqueçam o conde Olaf e C.S.C. Abandonem a sua fita de cabelo, o seu livro de lugar-comum, o seu batedor, a sua balsa-biblioteca, e levem uma vida simples e segura nas nossas praias."

"E quanto a Kit?", perguntou Violet.

"Pela minha experiência, os Snicket são tão problemáticos quanto os Baudelaire", disse Ishmael. "Foi por isso que sugeri que vocês a deixassem na plataforma costeira, para que ela não causasse problemas para a colônia. Mas se vocês podem ser convencidos a escolher uma vida mais simples, suponho que ela também possa."

Os Baudelaire se entreolharam em dúvida. Já sabiam que Kit queria retornar ao mundo e certificar-se de que a justiça seria feita e, como voluntários, deviam estar ansiosos por juntar-se a ela. Mas Violet, Klaus e Sunny não tinham certeza de que poderiam abandonar o primeiro lugar seguro que encontraram, mesmo sendo um pouco maçante.

"Não podemos ficar aqui", perguntou Klaus, "e levar uma vida mais complicada, com os itens e documentos aqui no arboreto?"

"E temperos?", acrescentou Sunny.

"E manter isso em segredo para os outros ilhéus?", disse Ishmael com a cara fechada.

"É o que você está fazendo", Klaus não pôde deixar de ressaltar. "Você fica o dia inteiro sentado na sua cadeira e certifica-se de que a ilha está a salvo dos detritos do mundo, mas depois escapa sorrateiramente para o arboreto com os seus pés perfeitamente saudáveis e escreve em um livro de lugar-comum enquanto faz um lanche de maças pungentes, amargas. Você quer que todo mundo leve uma vida simples — todo mundo, menos você."

"Ninguém deve levar a vida que eu levo", disse Ishmael com uma longa e triste puxada na barba. "Eu passei anos incontáveis catalogando todos os

objetos que foram arrastados para estas praias e todas as histórias que esses objetos contam. Consertei todos os documentos que as tempestades danificaram e fiz anotações de todas as minúcias. Li mais sobre a história pérfida do mundo do que quase qualquer um e, como disse certa vez um dos meus colegas, essa história é de fato pouco mais que o registro de crimes, desatinos e desventuras da humanidade."

"Gibbon", disse Sunny. Ela queria dizer algo como "Nós queremos ler essa história, não importa o quão miserável seja", e seus irmãos foram rápidos em traduzir. Mas Ishmael puxou a sua barba de novo e sacudiu a cabeça firmemente para as três crianças.

"Não estão vendo?", perguntou ele. "Eu não sou apenas o facilitador da ilha. Eu sou o pai da ilha. Mantenho esta biblioteca afastada das pessoas sob meus cuidados, para que elas nunca venham a ser perturbadas pelos terríveis segredos do mundo." O facilitador enfiou a mão em um bolso da sua túnica e mostrou um pequeno objeto. Os Baudelaire viram que era um anel floreado, brasonado com a inicial R, e olharam para ele, um tanto intrigados.

Ishmael abriu o enorme volume no seu colo e virou algumas páginas para ler as suas anotações.

"Este anel", disse ele, "pertenceu outrora à duquesa de Winnipeg, que o deu à sua filha, que também era a duquesa de Winnipeg, que o deu à sua filha, e assim por diante, e assim por diante, e assim por diante. Por fim, a última duquesa de Winnipeg juntou-se a C.S.C. e deu o anel ao irmão de Kit Snicket. Ele o deu à sua mãe. Por razões que ainda não entendo, ela o devolveu a ele, e ele o deu a Kit, e Kit o deu ao pai de vocês, que o deu à mãe de vocês, quando eles se casaram. Ela o manteve trancado em uma caixa de madeira, que só podia ser aberta com uma chave que era mantida em uma caixa de madeira, que só podia ser aberta por um código, que Kit Snicket aprendeu com o avô dela. A caixa de madeira se transformou em cinzas no incêndio que destruiu a mansão Baudelaire, e o capitão Andarré achou o anel nos destroços, para então perdê-lo em uma borrasca que acabou por arrastá-lo para as nossas praias."

"Neiklot?", perguntou Sunny, o que queria dizer "Por que você está nos contando sobre esse anel?".

"O ponto da história não é o anel", disse Ishmael. "É o fato de que vocês nunca o viram até este momento. Este anel, com sua longa história secreta, esteve na sua casa por anos, e seus pais jamais o mencionaram. Seus

pais nunca contaram a vocês sobre a duquesa de Winnipeg, ou o capitão Andarré, ou os irmãos Snicket, ou C.S.C. Seus pais nunca contaram a vocês que viveram aqui, nem que foram forçados a partir, nem qualquer outro detalhe da sua desafortunada história. Eles nunca contaram a história deles inteira."

"Então deixe-nos ler esse livro", disse Klaus, "para que possamos descobrir nós mesmos."

Ishmael balançou a cabeça.

"Vocês não entendem", disse ele, frase que o Baudelaire do meio nunca gostou que lhe dissessem. "Seus pais não lhes contaram essas coisas porque queriam protegê-los, assim como esta macieira protege os itens no arboreto contra as freqüentes tempestades da ilha, assim como eu protejo a colônia contra a complicada história do mundo. Pais sensatos jamais deixariam que seus filhos lessem sequer o título desta crônica triste e assustadora, quando em vez disso pudessem mantê-los longe da perfídia do mundo. Agora que vocês vieram parar aqui, não querem respeitar a vontade deles?" Ele fechou o livro de novo e levantou-se, olhando fixamente para os três Baudelaire, um por um. "Só porque seus pais morreram", disse ele mansamente, "não quer dizer que eles os desapontaram. Não se vocês ficarem aqui e levarem a vida que eles queriam que vocês levassem".

Violet pensou novamente em sua mãe, trazendo a xícara de chá de anis-estrelado naquela noite agitada.

"Você tem certeza de que é isso que nossos pais iriam querer?", perguntou ela, sem saber se poderia confiar na resposta.

"Se eles não quisessem mantê-los seguros", disse ele, "teriam contado tudo a vocês, para que pudessem acrescentar mais um capítulo a essa desventurada história." Ele colocou o livro de volta na poltrona de leitura e pôs o anel na mão de Violet. "Vocês pertencem a este lugar, irmãos Baudelaire, a esta ilha, sob os meus cuidados. Vou dizer aos ilhéus que vocês mudaram de idéia e que estão abandonando o seu passado perturbador."

"Eles vão apoiá-lo?", perguntou Violet, pensando em Erewhon e Finn, e o plano delas para começar o motim no desjejum.

"E claro que vão", disse Ishmael. "A vida que levamos aqui na ilha é melhor do que a perfídia do mundo. Deixem o arboreto comigo, crianças, e poderão se juntar a nós para o desjejum."

"E cordial", disse Klaus.

“Sem maçãs”, disse Sunny.

Ishmael deu às crianças um último aceno de cabeça e as levou para cima através do vão nas raízes da árvore, apagando as luzes ao passar. Os Baudelaire saíram para o arboreto, e voltaram-se para trás a fim de olhar pela última vez para o espaço secreto. A luz pálida, eles só podiam distinguir as formas da Víbora Incrivelmente Mortífera, que coleou por cima do livro de lugar-comum de Ishmael e os seguiu para o ar matinal. O sol filtrou-se através da sombra da enorme macieira e luziu sobre as letras de ouro na lombada do livro. Os irmãos se perguntaram se as letras tinham sido gravadas ali pelos seus pais, ou talvez pelo autor anterior do livro de lugar-comum, ou o autor antes desse, ou o autor antes desse. Eles se perguntaram quantas histórias continha a história estranhamente intitulada, quantas pessoas tinham olhado para as letras de ouro antes de folhear os crimes, desatinos e desventuras anteriores, acrescentando enfim mais dos seus próprios, como as finas camadas de uma cebola. Caminhando para fora do arboreto, liderados pelo seu facilitador de pés de barro, os órfãos Baudelaire se perguntaram sobre a desventurada história deles, a de seus pais e a de todos os outros náufragos que tinham ido parar nas praias daquela ilha, acrescentando capítulo após capítulo às *Desventuras em Série.*



CAPÍTULO ONZE

Talvez uma noite, quando você era muito pequeno, alguém o tenha posto na cama e lido uma história chamada “A pequena locomotiva que podia”, e, se assim ocorreu, sinto por você a mais profunda compaixão, pois se trata de uma das histórias mais chatas sobre a Terra. A história provavelmente o fazia dormir imediatamente — e é essa a razão por que é lida para crianças —, por isso vou lembrar que a história envolve a locomotiva de um trem que, por alguma razão, tem a capacidade de pensar e falar. Alguém pede à Pequena-Locomotiva-que- Podia para realizar uma tarefa difícil, que é maçante demais para eu descrever, e a locomotiva não tem certeza se pode fazê-la, mas começa a sussurrar para si mesma “Acho-que-posso, acho-que-posso, acho-que-posso”, e em pouco tempo ela sussurrou seu caminho para o sucesso. A moral da história é que se diz a si mesmo que pode fazer certa coisa, então pode realmente fazê-la — uma moral facilmente refutada se você disser a si mesmo que pode comer cinco quilos de sorvete de uma só vez, ou que pode naufragar em uma ilha distante se simplesmente navegar em uma canoa alugada com buracos serrados nela.

Só menciono a história da Pequena-Locomotiva-que-Podia para que você possa entender o que quero dizer, quando eu lhes contar que os órfãos Baudelaire, ao saírem do arboreto com Ishmael e retornarem à colônia na ilha, estavam a bordo da Pequena-Locomotiva-que-Podia. Para começar, as crianças estavam sendo arrastadas de volta à tenda de Ishmael no grande trenó de madeira, conduzido pelo facilitador em sua enorme cadeira de barro e arrastado pelos carneiros selvagens da ilha; e se você já se perguntou por que carruagens puxadas por cavalos e trenós puxados por cães são meios de transporte tão mais comuns do que trenós puxados por carneiros, é porque os carneiros não são muito apropriados para o trabalho na indústria de transportes.

Os carneiros meandravam e se desviavam, flanavam e deambulavam, e

paravam ocasionalmente para mordiscar o capim selvagem ou para respirar o ar da manhã. Ishmael tentava convencê-los a ir mais depressa usando as suas habilidades de facilitação, em vez de utilizar os procedimentos padrão de pastoreio.

"Eu não vou forçá-los", ele continuava dizendo, "mas quem sabe vocês, carneiros, pudessem ir um pouco mais depressa". Os carneiros apenas olhavam inexpressivos para o velho e seguiam em frente preguiçosamente.

Mas os órfãos Baudelaire estavam a bordo da Pe-quena-Locomotiva-que- Podia não só por causa dos carneiros langorosos — uma palavra que aqui significa "inabilidade de puxar um grande trenó de madeira a um passo razoável" —, mas porque seus próprios pensamentos não os estimulavam à ação. Diferentemente da locomotiva na história chata, não importava o que Violet, Klaus e Sunny pensassem, não conseguiam imaginar uma solução de sucesso para as suas dificuldades. As crianças tentaram dizer a si mesmas que iriam fazer como Ishmael sugerira, e levar uma vida segura na colônia, porém não podiam imaginar-se abandonando Kit Snicket na plataforma costeira, ou a deixando retornar ao mundo para assegurar-se de que a justiça seria feita sem acompanhar a amiga nessa nobre missão. Os irmãos tentaram dizer a si mesmos que iriam obedecer à vontade dos pais e ficar protegidos da sua desventurada história, mas não acharam que poderiam manter-se afastados do arboreto, ou da leitura daquilo que seus pais tinham escrito no enorme livro. Os Baudelaire tentaram dizer a si mesmos que iriam juntar-se a Erewhon e a Finn no motim do desjejum, contudo não podiam se ver ameaçando o facilitador e seus seguidores com armas, especialmente porque não tinham trazido nenhuma do arboreto. Eles tentaram dizer a si mesmos que pelo menos podiam ficar contentes porque o conde Olaf não era uma ameaça, mas não podiam verdadeiramente aprovar o fato de ele ter sido trancafiado em uma gaiola de passarinho e estremeceram ao pensar no fungo escondido no vestido dele, além do esquema escondido na cabeça dele. E, durante toda a jornada escarpa acima e enquanto rumavam de volta à praia, as três crianças tentaram dizer a si mesmas que tudo estava certo, só que é claro que nada estava certo. Tudo estava totalmente errado, e Violet, Klaus e Sunny não sabiam muito bem como um lugar seguro, longe da perfídia do mundo, se tornara tão perigoso e complicado assim que eles chegaram. Os órfãos Baudelaire estavam sentados no trenó, olhando para os pés cobertos de barro de Ishmael, e não importa quantas vezes pensassem-que-podiam, pensassem-

que-podiam, pensassem-que-podiam pensar em um fim para os seus problemas, eles sabiam que esse simplesmente não era o caso.

Afinal, contudo, os carneiros arrastaram o trenó pelas areias brancas da praia e através da abertura da tenda enorme. Mais uma vez, o lugar estava à cunha, mas os ilhéus reunidos estavam no meio de um bate-boca, uma palavra para "discussão" que é muito menos menos engraçadinha do que parece. A despeito da presença de um opiáceo em conchas penduradas nas cinturas de todos os colonos, os ilhéus estavam tudo menos sonolentos e inativos. Alonso estava agarrando o braço de Willa, que gritava de irritação enquanto pisava no pé do dr. Kurtz. A cara de Sherman estava ainda mais vermelha que de costume quando ele jogou areia no rosto do sr. Pitcairn, que parecia estar tentando morder o dedo de Brewster. O professor Fletcher estava gritando com Ariel, a sra. Marlow estava batendo o pé para Calypso, e a madame Nordoff e o rabino Bligh pareciam prestes a começar a lutar na areia. Byam torceu o bigode para Ferdinand, enquanto Robinson puxava a barba dele para Larsen, e Weyden dava a impressão de arrancar os seus cabelos vermelhos sem razão nenhuma. Jonah e Sadie Bellamy discutiam cara a cara, enquanto Sexta-Feira e a sra. Caliban estavam costas contra costas como se nunca mais fossem falar uma com a outra, e o tempo todo Omeros permaneceu ao lado da cadeira de Ishmael com as mãos para trás de maneira suspeita. Enquanto Ishmael, boquiaberto, olhava perplexo para os ilhéus, as três crianças apearam do trenó e foram rapidamente para perto de Erewhon e Finn, que olhavam para elas na expectativa.

"Onde vocês estavam?", disse Finn. "Aguardamos o máximo que pudemos pela sua volta, mas tivemos de deixar a sua amiga para trás e começar o motim."

"Você deixou Kit lá fora sozinha?", disse Violet. "Você prometeu que ficaria com ela."

"E vocês nos prometeram armas", disse Erewhon. "Onde estão elas, irmãos Baudelaire?"

"Não trouxemos nenhuma", admitiu Klaus. "Ishmael estava no arboreto."

"O conde Olaf tinha razão", disse Erewhon. "Vocês nos decepcionaram, irmãos Baudelaire."

"O que você quer dizer com 'o conde Olaf tinha razão'?", perguntou Violet.

“O que você quer dizer com 'Ishmael estava no arboreto'?”, perguntou Finn.

“O que você quer dizer com o que eu quero dizer?”, perguntou Erewhon.

“O que você quer dizer com o que você quer dizer com o que eu quero dizer?”, perguntou Sunny.

“Por favor, todo mundo!”, gritou Ishmael da sua cadeira de barro. “Eu sugiro que todos nós tomemos alguns goles de cordial e discutamos isso cordialmente!”

“Eu estou cansado de beber cordial”, disse o professor Fletcher, “e estou cansado das suas sugestões, Ishmael!”

“Me chame de Ish”, disse o facilitador.

“Estou chamando você de mau facilitador!”, redargüiu Calypso.

“Por favor, todo mundo!”, gritou Ishmael de novo, com uma puxada nervosa na barba. “Por que todo esse bate-boca?”

“Eu vou lhe dizer por quê”, disse Alonso. “Fui arrastado para estas praias muitos anos atrás, depois de agüentar uma tempestade terrível e um assustador escândalo político.”

“E daí?”, perguntou o rabino Bligh. “Mais cedo ou mais tarde tudo acaba dando nestas praias.”

“Eu queria deixar a minha desventurada história para trás”, disse Alonso, “e viver uma vida pacífica e livre de problemas. Mas agora alguns colonos estão falando em motim. Se não tomarmos cuidado, esta ilha se tornará tão pérfida quanto o resto do mundo!”

“Motim?”, disse Ishmael, horrorizado. “Quem ousa falar em motim?”

“Eu ouso”, disse Erewhon. “Estou cansada da sua facilitação, Ishmael. Vim dar nesta ilha depois de viver em outra ilha ainda mais distante. Eu estava cansada de uma vida pacífica e pronta para me aventurar. Mas sempre que alguma coisa empolgante chega aqui, você imediatamente manda jogar no arboreto!”

“Depende de como você encara as coisas”, protestou Ishmael. “Eu não forço ninguém a jogar nada fora.”

“Ishmael está certo!”, gritou Ariel. “Alguns de nós já tiveram aventuras suficientes para toda uma vida! Eu vim parar nestas praias depois de finalmente escapar da prisão, onde fiquei disfarçada de rapaz durante anos! Fiquei aqui para minha própria segurança, e não para participar de mais

esquemas perigosos!”

“Então você devia juntar-se ao nosso motim!”, gritou Sherman. “Ishmael não é digno de confiança! Nós abandonamos os Baudelaire na plataforma costeira, e agora ele os trouxe de volta!”

“Os Baudelaire jamais deveriam ter sido abandonados, em primeiro lugar!”, gritou a srta. Marlow. “Tudo o que eles queriam era ajudar a amiga deles!”

“A amiga deles é suspeita”, alegou o sr. Pitcairn. “Ela chegou em uma balsa de livros.”

“E daí?”, disse Weyden. “Eu mesma também cheguei em uma balsa de livros.”

“Mas você os abandonou”, salientou o professor Fletcher.

“Ela não fez nada disso!”, gritou Larsen. “Você a ajudou a escondê-los, para poder forçar aquelas crianças a ler!”

“Nós queríamos aprender a ler!”, insistiu Sexta-Feira.

“Você está lendo?”, engasgou de perplexidade a sra. Caliban.

“Você não devia estar lendo!”, gritou madame Nordoff.

“Bem, e você não devia estar solfejando!”, gritou o dr. Kurtz.

“Você está solfejando?”, perguntou o rabino Bligh, atônito. “Talvez estejamos precisando de um motim, afinal!”

“Solfejar é melhor do que carregar um farolete!”, gritou Jonah apontando um dedo acusador para Finn.

“Carregar um farolete é melhor do que esconder uma cesta de piquenique!”, gritou Sadie apontando para Erewhon.

“Esconder uma cesta de piquenique é melhor do que embolsar um batedor!”, disse Erewhon apontando para Sunny.

“Esses segredos vão nos destruir!”, disse Ariel. “A vida aqui deveria ser simples!”

“Não há nada de errado com uma vida complicada”, disse Byam. “Eu vivi uma vida simples como marinheiro por muitos anos e estava entediado a ponto de chorar, até que aconteceu o naufrágio.”

“Entediado a ponto de chorar?”, disse Sexta-Feira, atônita. “Tudo o que eu quero *é* a vida simples que minha mãe e meu pai tinham juntos, sem discutir nem guardar segredos.”

“Já basta”, disse Ishmael depressa. “Eu sugiro que paremos de discutir.”

“Eu sugiro que continuemos a discutir!”, gritou Erewhon.

“Eu sugiro que abandonemos Ishmael e seus seguidores!”, gritou o professor Fletcher.

“Eu sugiro que abandonemos os amotinados!”, gritou Calypso.

“Eu sugiro uma comida melhor!”, gritou outro ilhéu.

“Eu sugiro mais cordial!”, gritou outro.

“Eu sugiro uma túnica mais atraente!”

“Eu sugiro uma casa de verdade, em vez de uma tenda!”

“Eu sugiro água fresca!”

“Eu sugiro comer maçãs pungentes e amargas!”

“Eu sugiro derrubar a macieira!”

“Eu sugiro queimar o catamarã!”

“Eu sugiro um show de calouros!”

“Eu sugiro ler um livro!”

“Eu sugiro queimar todos os livros!”

“Eu sugiro solfejar!”

“Eu sugiro proibir solfejos!”

“Eu sugiro um lugar seguro!”

“Eu sugiro uma vida complicada!”

“Eu sugiro que depende de como você encara as coisas!”

“Eu sugiro justiça!”

“Eu sugiro desjejum!”

“Eu sugiro que a gente fica e você vai!”

“Eu sugiro que você fica e a gente vai!”

“Eu sugiro que voltemos a Winnipeg!”

Os Baudelaire se entreolharam em desespero, enquanto a cisão amotinada se estabelecia na colônia. Conchas abertas pendiam da cintura dos ilhéus, mas não havia evidência de cordialidade e uns se voltavam contra os outros enfurecidos, mesmo os que eram amigos, ou pertencentes à mesma família, ou cúmplices de uma história, ou de uma organização secreta. Os irmãos já tinham visto multidões enfurecidas antes, é claro, desde a psicologia das turbas dos cidadãos na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos até a justiça cega do julgamento no Hotel Desenlace, mas eles nunca tinham visto uma comunidade se dividir tão súbita e completamente. Violet, Klaus e Sunny ficaram vendo a cisão se desdobrar e se puseram a imaginar como deviam ter sido as outras cisões, desde a cisão que dividiu C.S.C. até a cisão que expulsou os seus pais daquela mesma ilha, e todas as

outras cisões na triste história do mundo, com cada pessoa sugerindo alguma coisa diferente, cada história como a camada de uma cebola, e cada desventura como um capítulo em um livro enorme. Os Baudelaire assistiram ao terrível bate-boca e se perguntaram como puderam esperar que a ilha fosse um lugar seguro, longe da perfídia do mundo, quando por fim toda a perfídia acabou dando nas suas praias — como um náufrago atirado por uma borrasca — e dividiu as pessoas que ali viviam. As vozes das pessoas discutindo ficaram cada vez mais altas, todo mundo sugerindo alguma coisa mas ninguém ouvindo as sugestões dos outros, até a cisão se transformar num alarido ensurdecedor que foi finalmente quebrado pela voz mais alta de todas.

"SILÊNCIO!", berrou a figura que entrou na tenda, e os ilhéus pararam de falar de imediato e olharam perplexos para a pessoa que olhava ferozmente para eles, usando um vestido longo com uma protuberância na barriga.

"O que você está fazendo aqui?", bufou alguém no fundo da tenda. "Nós o abandonamos na plataforma costeira!"

A figura marchou para o meio da tenda, e lamento contar que não era Kit Snicket — que ainda estava usando um vestido longo com uma protuberância na barriga no topo da sua balsa-biblioteca —, e sim o conde Olaf, cuja barriga protuberante era constituída pelo capacete de mergulho contendo o Mycelium Medusóide, e cujo vestido laranja e amarelo os Baudelaire subitamente reconheceram como o vestido que Esmé Squalor usara no topo das Montanhas de Mão-Morta, uma coisa abominável confeccionada para parecer um enorme incêndio, e que de algum modo viera dar nas praias da ilha, como tudo o mais. Enquanto Olaf fazia uma pausa para dirigir aos irmãos um sorriso especialmente nefasto, as crianças tentaram imaginar a história secreta do vestido de Esmé e de que maneira, assim como o anel que Violet ainda segurava na mão, ele retornara à história dos Baudelaire depois de todo aquele tempo.

"Você não pode me abandonar", o vilão rosnou para o ilhéu. "Eu sou o rei de Olaflândia."

"Aqui não é Olaflândia", disse Ishmael com uma severa puxada na barba, "e você não é nenhum rei, Olaf."

O conde Olaf jogou a cabeça para trás e riu, com seu vestido esfarrapado fremindo de hilaridade, uma expressão que aqui significa "fazendo desagradáveis ruídos farfalhantes". Com um trejeito de escárnio, ele

apontou para Ishmael, que ainda estava sentado na sua cadeira.

"Oh, Ish", disse ele, os olhos brilhando com força, "eu lhe disse muitos anos atrás que iria triunfar sobre você algum dia, e finalmente esse dia chegou. Certo associado com nome de dia da semana me contou que você ainda estava escondido nesta ilha, e..."

"Quinta-Feira", disse a sra. Caliban.

Olaf fechou a cara e piscou para a mulher sardenta.

"Não", disse ele. "Segunda-Feira. Ela estava tentando chantagear um velho que estava envolvido em um escândalo político."

"Gonzalo", disse Alonso.

Olaf fechou a cara de novo.

"Não", disse ele. "Nós tínhamos saído para observar passarinhos, esse velho e eu, quando decidimos roubar uma escuna de propriedade de..."

"Humphrey", disse Weyden.

"Não", disse Olaf novamente com a cara fechada. "Houve alguma discussão a respeito do seu nome, na verdade, pois um bebê adotado pelos seus filhos órfãos também tinha o mesmo nome."

"Bertrand", disse Omeros.

"Não", disse Olaf, e fechou a cara ainda mais uma vez. "Os papéis da adoção foram escondidos no chapéu de um banqueiro que foi promovido a Vice-Presidente Encarregado dos Assuntos de Órfãos."

"Sr. Poe?", perguntou Sadie.

"Sim", disse Olaf com uma careta, "embora na época ele fosse mais conhecido pelo seu pseudônimo de ator. Mas não estou aqui para discutir o passado. Estou aqui para discutir o futuro. Os seus ilhéus amotinados me tiraram da gaiola, Ishmael, para forçá-lo a sair da ilha e para me coroar rei!"

"Rei?", disse Erewhon. "Isso não estava no plano, Olaf."

"Se você quer viver, velha", disse Olaf rudemente, "sugiro que faça o que eu mandar."

"Você já está fazendo sugestões?", disse Brewster, incrédulo. "Você é exatamente como Ishmael, apesar de a sua roupa ser mais bonita."

"Obrigado", disse o conde Olaf com um sorriso perverso, "mas existe mais uma diferença importante entre mim e esse facilitador ridículo."

"A sua tatuagem?", tentou adivinhar Sexta-Feira.

"Não", disse o conde Olaf com uma fechada de cara. "Se vocês lavarem o barro dos pés de Ishmael, verão que ele tem a mesma tatuagem que eu."

“Delineador?”, adivinhou madame Nordoff.

“Não”, disse o conde Olaf bruscamente. “A diferença é que Ishmael está desarmado. Ele abandonou suas armas há muito tempo, durante a cisão de C.S.C. recusando-se a usar violência de qualquer tipo. Mas hoje todos vocês verão o quanto ele é ridículo.” Ele fez uma pausa e correu as mãos imundas pela barriga protuberante antes de voltar-se para o facilitador, que estava pegando alguma coisa das mãos de Omeros. “Eu tenho a única arma que pode ameaçar você e seus seguidores”, jactou-se ele. “Eu sou o rei de Olaflândia e não há nada que você e os seus carneiros possam fazer a respeito.”

“Não tenha tanta certeza disso”, disse Ishmael, e ergueu um objeto no ar para que todos pudessem ver. Era o lançador de arpões que tinha sido arrastado para a praia junto com Olaf e os Baudelaire, depois de ter sido usado para disparar contra corvos no Hotel Desenlace, contra uma casa móvel auto-sustentável a ar quente na cidade dos Cultores Solidários de Corvídeos, e contra uma máquina de algodão-doce em uma feira de gado quando os pais Baudelaire eram muito, muito jovens. Agora a arma estava acrescentando mais um capítulo à sua história secreta, e estava apontada diretamente para o conde Olaf. “Eu disse a Omeros para manter esta arma à mão”, disse Ishmael, “em vez de jogá-la no arboreto, porque achei que você poderia escapar daquela gaiola, conde Olaf, assim como eu escapei da gaiola onde você me pôs quando incendiou a minha casa.”

“Eu não provoquei aquele incêndio”, disse o conde Olaf, com os olhos brilhando forte.

“Já estou cheio de suas mentiras”, disse Ishmael, e levantou-se da sua cadeira. Percebendo que os pés do facilitador não estavam feridos de todo, os ilhéus inspiraram fundo de susto, o que requer a inalação de grande quantidade de ar, coisa perigosa para fazer quando há esporos de um fungo letal nesse ar. “Vou fazer o que devia ter feito anos atrás, Olaf: matá-lo. Vou disparar este arpão diretamente nessa sua barriga saliente!”

“NÃO!”, gritaram os Baudelaire em uníssono, mas nem as vozes combinadas dos três soaram tão alto quanto a gargalhada vilanesca do conde Olaf, e o facilitador nem chegou a ouvir o grito das crianças quando puxou o gatilho vermelho vivo daquela arma terrível. Os irmãos ouviram um *clique! c* depois um *vuuuuuch!* quando o arpão foi disparado, e então, quando ele atingiu o conde Olaf diretamente onde Ishmael anunciara, elas ouviram um

estilhaçar de vidro, e o Mycelium Medusóide, com a sua própria história secreta de perfídia e violência, estava livre afinal para circular pelo ar, mesmo naquele lugar seguro tão afastado do mundo. Todos na tenda inspiraram fundo de susto — ilhéus e colonos, homens e mulheres, crianças e órfãos, voluntários e vilões, e os de meio-termo. Todo mundo inalou os esporos do fungo letal enquanto o conde Olaf despencava para trás na areia, ainda rindo ao mesmo tempo que ele próprio os inspirava, e num instante a cisão da ilha acabou, pois todos naquele lugar — inclusive os órfãos Baudelaire — se tornaram, subitamente, parte da mesma desventura em série.



CAPÍTULO DOZE

É uma coisa curiosa, mas quando uma pessoa viaja pelo mundo, enquanto fica cada vez mais velha, parece que é mais fácil se acostumar à felicidade do que ao desespero. Na segunda vez que você toma um *ice-cream soda,* por exemplo, a sua felicidade em bebericar a deliciosa mistura pode não ser precisamente tão enorme quanto a que sentiu na primeira vez que a tomou; na décima segunda vez a sua felicidade pode ser ainda menos enorme, até que *ice-cream sodas* começam a oferecer muito pouca felicidade, porque você já se acostumou com o gosto de sorvete e refrigerante misturados. Entretanto, na segunda vez que você acha um percevejo no seu *ice-cream soda,* o seu desespero é muito maior do que na primeira vez, quando você dispensa o percevejo como um acidente fortuito e não como parte de um esquema do serviçal, uma palavra que aqui significa "empregado da sorveteria que está tentando machucar a sua língua"; na décima segunda vez que você acha um percevejo, o seu desespero é ainda maior, até você não poder mais pronunciar o nome *ice-cream soda* sem desfazer-se em lágrimas. É quase como se a felicidade fosse um gosto adquirido, como cordial de coco ou *ceviche,* com o qual você pode ficar acostumado, mas o desespero é algo surpreendente toda vez que você o encontra. Quando o vidro se estilhaçou na tenda, os órfãos Baudelaire estavam em pé olhando para a figura ereta de Ishmael, mas mesmo quando sentiram o Mycelium Medusóide penetrar em seus corpos, cada minúsculo esporo dando a sensação de uma formiga a descer garganta abaixo, eles não conseguiam acreditar que a sua própria história pudesse conter tamanho desespero mais uma vez, ou que uma coisa tão horrível

tivesse acontecido.

"O que aconteceu?", gritou Sexta-Feira. "Ouvi barulho de vidro quebrando!"

"Não importa o vidro quebrando", disse Erewhon. "Estou sentindo alguma coisa na minha garganta, como se fosse uma sementinha minúscula!"

"Não importa a sua garganta cheia de sementes", disse Finn. "Estou vendo Ishmael em pé, em cima dos próprios pés!"

O conde Olaf cacarejou da areia branca onde estava caído. Com um gesto dramático, ele arrancou do estômago o arpão, que estava no meio de uma confusão de capacete quebrado e vestido esfarrapado, e o atirou aos pés de barro de Ishmael.

"O som que você ouviu foi o estilhaçar de um capacete de mergulho", escarneceu ele. "As sementinhas que vocês sentem nas suas gargantas são os esporos do Mycelium Medusóide, e o homem em cima dos próprios pés é aquele que assassinou vocês todos!"

"O Mycelium Medusóide?", repetiu Ishmael, atônito, enquanto os ilhéus inspiravam fundo de susto outra vez. "Nestas praias? Não pode ser! Passei a vida tentando manter esta ilha segura, protegida para sempre daquele fungo horrendo!"

"Nada é seguro para sempre, e sou grato por isso", disse o conde Olaf, "e vocês, mais do que qualquer outra pessoa, deviam saber que cedo ou tarde tudo acaba dando nestas praias. A família Baudelaire retornou a esta ilha depois que você os expulsou anos atrás, e eles trouxeram o Mycelium Medusóide com eles."

Os olhos de Ishmael se arregalaram e ele pulou para fora do trenó, para confrontar os órfãos Baudelaire. Quando seus pés tocaram o chão, o barro rachou e caiu, e as crianças puderam ver que o facilitador tinha um olho tatuado no tornozelo esquerdo, bem como dissera o conde Olaf.

"Vocês trouxeram o Mycelium Medusóide?", perguntou ele. "Vocês tinham um fungo letal com vocês esse tempo todo e mantiveram isso em segredo?"

"Quem é você para falar em guardar segredos!", disse Alonso. "Olhe para os seus pés saudáveis, Ishmael! A sua desonestidade é a raiz do problema!"

"A raiz do problema são os amotinados!", gritou Ariel. "Se eles não tivessem deixado o conde Olaf sair da gaiola, nada disso teria acontecido!"

“Depende de como você encara as coisas”, disse o professor Fletcher. “Em minha opinião, todos nós somos a raiz do problema. Se não tivéssemos posto o conde Olaf na gaiola, ele nunca teria nos ameaçado!”

“Nós somos a raiz do problema porque não conseguimos achar o capacete de mergulho”, disse Ferdinand. “Se o tivéssemos recuperado quando estávamos fazendo a coleta de despojos pós-borrasca, os carneiros poderiam tê-lo arrastado para o arboreto e estaríamos seguros!”

“Omeros é a raiz do problema”, disse o dr. Kurtz apontando para o rapazinho. “Foi ele quem deu o lançador de arpões a Ishmael em vez de jogá-lo no arboreto!”

“O conde Olaf é a raiz do problema!”, gritou Larsen. “Foi ele quem trouxe o fungo para dentro da tenda!”

“Eu não sou a raiz do problema”, rosnou o conde Olaf, e depois parou para tossir com força antes de continuar. “Eu sou o rei da ilha!”

“Não importa se você é rei ou não”, disse Violet. “Você inalou o fungo como todos os outros.”

“Violet está certa”, disse Klaus. “Não temos tempo para ficar aqui discutindo.” Mesmo sem o seu livro de lugar-comum, Klaus sabia de cor um poema sobre o fungo, que foi recitado para ele pela primeira vez por Fiona, pouco antes de ela partir seu coração: *“De um único esporo é tão cruel o poder/ Que em menos de uma hora tu podes morrer”,* disse ele. “Se não pararmos com a nossa briga e não começarmos a trabalhar juntos, vamos acabar todos mortos.”

A tenda se encheu de ululação, uma palavra que aqui significa “som de ilhéus em pânico”.

“Mortos?”, guinchou madame Nordoff. “Ninguém disse que o fungo era letal! Eu pensei que estávamos simplesmente sendo ameaçados com comida proibida!”

“Eu não fiquei nesta ilha para morrer!”, gritou a srta. Marlow. “Eu podia ter morrido em casa!”

“Ninguém vai morrer”, anunciou Ishmael para a multidão.

“Depende de como você encara as coisas”, disse o rabino Bligh. “Mais cedo ou mais tarde, todos nós vamos morrer.”

“Não se vocês seguirem as minhas sugestões”, insistiu Ishmael. “Agora, em primeiro lugar, sugiro que todos tomem uma bela e longa talagada de suas conchas. O cordial vai expulsar o fungo das suas gargantas.”

“Não, ele não vai!”, gritou Violet. “A água-de-coco fermentada não tem efeito nenhum sobre o Mycelium Medusóide!”

“Pode até ser”, disse Ishmael, “mas pelo menos todos nos sentiremos um pouco mais calmos.”

“Você quer dizer sonolentos e inativos”, corrigiu Klaus. “O cordial é um opiáceo.”

“Não há nada de errado com a cordialidade”, disse Ishmael. “Sugiro que todos passemos alguns minutos discutindo a situação de um modo cordial. Poderemos decidir qual é a raiz do problema e chegar a uma solução despreocupadamente.”

“Parece razoável”, admitiu Calypso.

“TRAHISON DES CLERCS!, gritou Sunny, o que queria dizer: “Vocês estão esquecendo da ação rápida do veneno do fungo!”.

“Sunny tem razão”, disse Klaus. “Precisamos encontrar uma solução agora, e não ficar sentados conversando sobre beberagens!”

“A solução está no arboreto”, disse Violet, “e no espaço secreto embaixo das raízes da macieira.”

“Espaço secreto?”, disse Sherman. “Que espaço secreto?”

“Há uma biblioteca lá embaixo”, disse Klaus enquanto a multidão murmurava, surpresa, “em que estão catalogados todos os objetos que vieram dar na praia e todas as histórias que esses objetos contam.”

“E cozinha”, acrescentou Sunny. “Talvez raiz-forte.”

“Raiz-forte é o único meio de diluir o veneno”, explicou Violet, e recitou o resto do poema que as crianças tinham ouvido a bordo do *Queequeg. “Seria então possível deixá-lo mais ralo?/ Sim, basta uma dose de raiz-de-cavalo!”.* Ela olhou em volta para as caras assustadas dos ilhéus. “A cozinha embaixo da macieira pode ter raiz-forte”, disse ela. “Podemos nos salvar, se nos apressarmos.”

“Eles estão mentindo”, disse Ishmael. “Não há nada no arboreto a não ser sucata, e não há nada embaixo da macieira a não ser terra. Os Baudelaire estão tentando enganá-los.”

“Não estamos tentando enganar ninguém”, disse Klaus. “Estamos tentando salvar todo mundo.”

“Os Baudelaire sabiam que o Mycelium Medusóide estava aqui”, salientou Ishmael, “e nunca nos contaram. Vocês não podem confiar neles, mas podem confiar em mim, e eu sugiro novamente que todos nós nos

sentemos e tomemos o nosso cordial."

"Tostão furado", disse Sunny, o que queria dizer "E em você que não dá para confiar", mas, em vez de traduzir, seus irmãos deram um passo mais para perto de Ishmael, para poder falar em relativa privacidade.

"Por que você está fazendo isso?", perguntou Violet. "Se vocês simplesmente ficarem aqui sentados bebendo cordial, estarão condenados."

"Todos nós inalamos o veneno", disse Klaus. "Estamos todos no mesmo barco."

Ishmael ergueu as sobrancelhas e deu às crianças um sorriso implacável.

"Veremos quanto a isso", disse ele. "Agora saiam da minha tenda."

"Sebocanelas", disse Sunny, o que queria dizer "É melhor a gente se apressar", e seus irmãos balançaram a cabeça em assentimento. Os órfãos Baudelaire deixaram a tenda rapidamente, virando-se para trás para dar uma última olhada nos ilhéus preocupados, no facilitador carrancudo e no conde Olaf, que ainda estava caído na areia, segurando a barriga, como se o arpão, além de destruir o capacete de mergulho, o tivesse ferido.

Violet, Klaus e Sunny não viajaram de volta ao outro lado da ilha de trenó arrastado por carneiros, entretanto, mesmo enquanto se apressavam pela escarpa, sentiam-se como se estivessem a bordo da Pequena-Locomotiva-que-Podia, não só por causa da natureza desesperada da sua missão, como também por causa do veneno que sentiam forçar seu caminho perverso através do organismo dos Baudelaire. Violet e Klaus experimentaram o que a irmãzinha deles tinha passado muito abaixo da superfície do oceano, quando Sunny quase pereceu devido ao veneno mortal do fungo e ganhou um curso de reciclagem, uma expressão que aqui significa "uma nova oportunidade de sentir os talos e píleos do Mycelium Medusóide começando a brotar dentro da sua pequena garganta". As crianças tiveram de parar várias vezes para tossir, pois o fungo em crescimento dificultava a respiração, e quando por fim estavam embaixo dos galhos da macieira, os órfãos Baudelaire ofegavam pesadamente sob o sol da tarde.

"Não temos muito tempo", disse Violet entre uma arfada e outra.

"Vamos direto para a cozinha", disse Klaus, passando através do vão entre as raízes da árvore, que a Víbora Incrivelmente Mortífera lhes tinha mostrado.

"Raiz-forte, tomara", disse Sunny seguindo o irmão, mas, quando os

Baudelaire chegaram à cozinha, uma decepção os aguardava. Violet ligou o interruptor que iluminava o local, e as três crianças correram até a prateleira de temperos e começaram a ler as etiquetas nos potes e frascos uma por uma; porém, à medida que procuravam, suas esperanças se esvaíam. Elas encontraram muitos dos seus temperos favoritos, inclusive sálvia, orégano e páprica, que estavam disponíveis em numerosas variedades, organizadas de acordo com o grau de defumação. Encontraram também alguns de seus temperos menos favoritos, inclusive salsa seca, que mal chega a ter gosto de alguma coisa, e sal com alho, que obriga o sabor de qualquer outra coisa a fugir. Encontraram temperos que associavam com certos pratos, tais como açafrão-da-índia, que seu pai costumava usar para fazer sopa de ervilhas ao *curry,* e noz-moscada, que sua mãe costumava misturar no pão de gengibre; e encontraram temperos que não associavam com nada, tais como manjerona, que todo mundo tem mas dificilmente usa, e casca de limão em pó, que só devia ser empregada em emergências, tais como quando os limões frescos ficarem extintos. E encontraram temperos usados praticamente em qualquer lugar, como sal e pimenta, e temperos usados em certas regiões, como pimentas *chipotle* e molho *vindaloo,* mas em nenhuma das etiquetas estava escrito RAIZ-FORTE; e, quando eles abriram os potes e frascos, nenhum dos pós, folhas e sementes em seu interior cheirava como a fábrica de raiz-forte que outrora ficava no Mau Caminho.

"Não precisa ser raiz-forte", disse Violet depressa, pondo de lado um pote de estragão, frustrada.

"*Wasabi* foi um substituto adequado quando Sunny foi infectada."

"Ou Eutrema", arquejou Sunny.

"Aqui também não há *wasabi",* disse Klaus, cheirando um pote de macis e fazendo uma careta. "Talvez esteja escondido em algum lugar."

"Quem iria esconder raiz-forte?", perguntou Violet depois de uma tosse prolongada.

"Nossos pais", disse Sunny.

"Sunny está certa", disse Klaus. "Se eles sabiam a respeito da Aquáticos Anwhistle, também poderiam saber dos perigos do Mycelium Medusóide. Qualquer raiz-forte que viesse parar na ilha teria sido, sem dúvida, muito valiosa."

"Não temos tempo para procurar raiz-forte no arboreto inteiro", disse Violet. Ela enfiou a mão no bolso, roçando os dedos no anel que Ishmael lhe

dera, e achou a fita que o facilitador adotara como marcador de livro, a qual usava para amarrar o cabelo para pensar melhor. “Isso seria mais difícil que tentar achar o açucareiro no Hotel Desenlace inteiro.”

A menção do açucareiro, Klaus limpou rapidamente os óculos e começou a folhear o seu livro de lugar-comum, enquanto Sunny pegava o seu batedor e começava a mordê-lo Pensativamente.

“Talvez esteja escondido em um dos outros potes de temperos”, disse o Baudelaire do meio.

“Nós cheiramos todos eles”, disse Violet entre arquejos. “Nenhum tinha cheiro de raiz-forte.”

“Talvez o odor tenha sido disfarçado por outro condimento”, disse Klaus. “Alguma coisa ainda mais pungente do que raiz-forte poderia encobrir o cheiro. Sunny, quais são alguns dos temperos mais pungentes?”

“Cravo”, disse Sunny, e arfou. “Cardamomo, araruta, absinto.”

“Absinto”, disse Klaus, pensativo, e folheou as páginas do seu livro de lugar-comum. “Kit mencionou absinto uma vez”, disse ele, pensando na pobre amiga sozinha na plataforma costeira. “Ela disse que o chá deve ser amargo como absinto e pungente como uma espada de dois gumes. Nos disseram a mesma coisa quando nos serviram chá logo antes do julgamento.”

“Sem absinto aqui”, disse Sunny.

“Ishmael também falou alguma coisa sobre chá amargo”, disse Violet. “Lembram-se? Quando mencionou aquela estudante que estava com medo de ser envenenada.”

“Precisamente como nós estamos”, disse Klaus, sentindo os cogumelos a crescer dentro dele. “Eu gostaria de ter ouvido o fim daquela história.”

“Eu gostaria que tivéssemos ouvido todas as histórias”, disse Violet, a voz soando rouca e áspera por causa do veneno. “Gostaria que os nossos pais tivessem nos contado tudo, em vez de nos proteger contra a perfídia do mundo.”

“Talvez eles tenham”, disse Klaus, a voz tão rouca quanto a da irmã. O Baudelaire do meio foi até as poltronas de leitura no meio do recinto e pegou o *Desventuras em Série.* “Eles escreveram todos os seus segredos aqui. Se eles esconderam raiz-forte, encontraremos neste livro.”

“Não temos tempo para ler o livro inteiro”, disse Violet, “não mais do que para procurar no arboreto inteiro.”

“Se não conseguirmos”, disse Sunny, a voz carregada de fungos, “pelo

menos morreremos juntos, lendo.”

Os órfãos Baudelaire balançaram a cabeça, soturnos, e se abraçaram. Como a maioria das pessoas, as crianças já tinham estado ocasionalmente em uma disposição curiosa e um pouco mórbida, passando alguns momentos a se perguntar sobre as circunstâncias da sua própria morte, muito embora, desde aquele dia infeliz na Praia de Sal em que o sr. Poe os informara pela primeira vez do incêndio terrível, elas tenham passado tanto tempo tentando evitar a própria morte que preferiam não pensar nisso nas horas de folga. A maioria das pessoas não escolhe as suas circunstâncias finais, é claro, e se tivesse sido dada uma escolha aos Baudelaire eles teriam preferido viver até uma idade muito avançada, coisa que, até onde sei, podem estar fazendo. Mas se os três tinham de perecer enquanto ainda eram crianças, então perecer na companhia uma da outra, enquanto liam palavras escritas muito tempo atrás pela mãe e pelo pai, era muito melhor do que muitas outras circunstâncias que poderiam imaginar; e assim os três Baudelaire sentaram-se juntos em uma das poltronas de leitura, preferindo estar perto um do outro a ter mais espaço para sentar, e juntos abriram o enorme livro e viraram as páginas para trás até chegar ao momento na história em que seus pais chegaram à ilha e começaram a fazer anotações. Os registros no livro se alternavam entre a letra do pai Baudelaire e a letra da mãe Baudelaire, e as crianças puderam imaginar seus pais sentados naquelas mesmas poltronas, lendo em voz alta o que tinham escrito e sugerindo coisas para acrescentar ao registro de crimes, desatinos e desventuras da humanidade contidos no *Desventuras em Série.* Os irmãos teriam gostado de saborear cada palavra que seus pais tinham escrito — a palavra “saborear”, você provavelmente sabe, aqui significa “ler devagar, pois cada frase na escrita de seus pais era como uma dádiva de além-túmulo” —, mas à medida que o veneno do Mycelium Medusóide avançava mais e mais, eles tiveram de ler superficialmente, correndo os olhos por cada página à procura dos termos “raiz-forte” e *“'wasabi'.* Como você sabe, se já correu os olhos por um livro, você acaba ficando com uma estranha visão da história, com apenas alguns relances aqui e ali do que está acontecendo, e há autores que inserem frases confusas no meio de um livro só para confundir alguém que possa estar correndo os olhos por ele. Três homens muito baixos estavam carregando um grande pedaço de madeira chata, pintado para parecer uma sala de estar. Enquanto os órfãos Baudelaire procuravam pelo segredo que esperavam encontrar, captaram vislumbres de outros segredos

que os pais guardavam; e, quando Violet, Klaus e Sunny reconheciam os nomes de pessoas que os pais Baudelaire conheceram, coisas que eles sussurraram para aquelas pessoas, os códigos escondidos nos sussurros e muitos outros detalhes intrigantes, as crianças desejaram muito ter a oportunidade de reler *Desventuras em Série* em uma ocasião menos frenética. Naquela tarde, no entanto, elas leram cada vez mais e mais depressa, procurando desesperadamente pelo único segredo que poderia salvá-las enquanto a hora limite começava a passar e o Mycelium Medusóide crescia cada vez mais e mais depressa dentro delas, como se o fungo letal também não tivesse tempo para saborear o seu pérfido caminho. Enquanto mais e mais liam, mais e mais difícil ficava respirar; e quando Klaus finalmente localizou uma das palavras que estava procurando, pensou por um momento que era uma visão, trazida por todos os talos e píleos crescendo dentro dele.

"Raiz-forte!", disse ele, a voz áspera e ofegante. "Vejam: 'Ishmael, com o seu tráfico de medo, interrompeu o trabalho na passagem, muito embora tenhamos uma pletora de raiz-forte para o caso de qualquer emergência'."

Violet começou a falar, mas engasgou com o fungo e tossiu por um bom tempo.

"O que quer dizer 'tráfico de medo'?", disse ela por fim.

"Pletora?", a voz de Sunny era pouco mais que um sussurro abafado por cogumelos.

"Tráfico de medo' quer dizer 'pôr medo nas pessoas'", disse Klaus, cujo vocabulário não fora afetado pelo veneno, "e 'pletora' quer dizer 'mais que suficiente'." Ele deu uma grande, trêmula arfada, e continuou a ler: "'Estamos tentando produzir uma hibridização botânica através do dossel tuberoso, a qual deverá levar a segurança à fruição, a despeito dos seus perigos para os nossos associados *in útero*. Naturalmente, caso sejamos banidos, Beatrice está escondendo uma pequena quantidade em um recipi..."

O Baudelaire do meio interrompeu-se com uma tosse tão violenta que ele deixou cair o livro no chão. Suas irmãs o seguraram firme enquanto o seu corpo se sacudia lutando contra o veneno, e um dedo pálido apontou para o teto.

"'Dossel tuberoso'", ele arfou por fim. "Nosso pai quer dizer as raízes acima das nossas cabeças. Uma hibridização botânica é uma planta feita com a combinação de duas outras plantas." Ele estremeceu, e seus olhos se encheram de lágrimas atrás dos óculos. "Não sei do que ele está falando",

disse por fim.

Violet olhou para as raízes acima das suas cabeças, onde o periscópio desaparecia no emaranhado da árvore. Para seu horror, ela descobriu que sua visão estava ficando embaçada, como se o fungo estivesse crescendo por cima dos seus olhos.

"Ao que parece, eles puseram raiz-forte nas raízes da planta, a fim de deixar todo mundo seguro", disse ela. "É isso que seria 'levar a segurança à fruição', do modo como uma árvore leva a sua safra à fruição."

"Maçãs!", gritou Sunny com a voz estrangulada. "Maçãs pungentes! Maçãs amargas!"

"É claro!", disse Klaus. "A árvore é um híbrido e suas maçãs são amargas porque contêm raiz-forte!"

"Se comermos uma maçã", disse Violet, "o fungo será diluído."

"Gentreecinco", concordou Sunny com um grasnido, e desceu do colo dos irmãos, arquejando desesperadamente enquanto tentava chegar ao vão nas raízes. Klaus tentou segui-la, mas quando ficou em pé o veneno o deixou tão atordoado que ele teve de sentar-se de novo e pôr as mãos na cabeça latejan-te. Violet tossiu dolorosamente e agarrou o braço do irmão.

"Venha", disse ela num arquejo frenético.

Klaus sacudiu a cabeça.

"Não estou certo de que vamos conseguir", disse ele.

Sunny estendeu o braço para o vão nas raízes e então caiu no chão se contorcendo de dor.

"Esticanela?", perguntou ela, com a voz fraca e desfalecente.

"Não podemos morrer aqui", disse Violet, a voz tão débil que seus irmãos mal puderam ouvi-la. "Nossos pais salvaram nossas vidas nesta mesma sala, muitos anos atrás, sem sequer saber."

"Talvez não", disse Klaus. "Talvez este seja o fim da nossa história."

"Tumurchap", disse Sunny, mas antes que alguém pudesse perguntar o que ela queria dizer, as crianças ouviram outro som, fraco e estranho, no espaço secreto embaixo da macieira que resultará da hibridização com raiz-forte feita pelos seus pais muito tempo atrás. O som era sibilante, uma palavra que parece ter a ver com *siblings,* que é "irmãos" em inglês, mas que na verdade se refere a uma espécie de assobio ou silvo, como o que uma locomotiva produz ao parar ou o que uma platéia pode produzir depois de assistir a uma das peças de Al Funcoot. Os Baudelaire estavam tão

desesperados e apavorados que por um momento pensaram que poderia ser o som do Mycelium Medusóide celebrando o seu triunfo venenoso sobre eles, ou talvez apenas o som das suas esperanças se evaporando. Mas a sibilância não era o som da esperança se evaporando nem de um fungo comemorando, e felizmente não era o som de uma locomotiva a vapor nem de uma platéia de teatro desgostosa, pois os Baudelaire não estavam suficientemente fortes para enfrentar essas coisas. O som sibilante veio de um dos poucos habitantes da ilha cuja história continha não um, mas dois naufrágios, e talvez por causa da sua própria triste história, esse habitante era solidário com a triste história dos Baudelaire, muito embora seja difícil dizer quanta solidariedade pode ser sentida por um animal, não importa o quão amigável ele seja. Eu não tenho coragem de fazer muita pesquisa sobre esse assunto, e a história do meu único camarada herpetologista terminou há um bocado de tempo, portanto o que esse réptil estava pensando enquanto deslizava em direção às crianças é um detalhe da história dos Baudelaire que possivelmente jamais será revelado. Mas, mesmo faltando esse detalhe, está inteiramente claro o que aconteceu. A serpente coleou através do vão nas raízes da árvore e, o que quer que seja que estivesse pensando, ficou inteiramente claro — pelo som sibilante que saiu silvando por entre os dentes cerrados do réptil — que a Víbora Incrivelmente Mortífera estava oferecendo aos órfãos Baudelaire uma maçã.



CAPÍTULO TREZE

É um fato conhecido, porém curioso, que a primeira mordida em uma maçã é sempre a mais gostosa, e é por essa razão que a heroína de um livro muito mais apropriado para se ler do que este passa uma tarde inteira comendo a primeira mordida de um alqueire de maçãs. Mas mesmo essa menininha anárquica — a palavra "anárquica" aqui significa "que adora maçãs" — nunca provou uma mordida tão maravilhosa quanto a primeira mordida dos Baudelaire na maca da árvore que os seus pais hibridizaram com raiz-forte. A maçã não era tão amarga quanto os órfãos Baudelaire teriam adivinhado, e a raiz-forte dera ao suco da maçã um toque leve e pungente, como o ar em uma manhã de inverno. Mas é claro que o maior apelo da maçã oferecida pela Víbora Incrivelmente Mortífera era o seu efeito imediato sobre o fungo letal que crescia dentro deles. A partir do momento em que os dentes dos Baudelaire se cravaram na maçã — primeiro os de Violet, depois os de Klaus e então os de Sunny — os talos e píleos do Mycelium Medusóide começaram a encolher, e em instantes todos os vestígios do assustador cogumelo estavam murchos, e as crianças puderam respirar livre e facilmente. Abraçando um ao outro aliviados, os Baudelaire se puseram a rir, o que é uma reação comum entre pessoas que escaparam da morte por pouco, e a serpente também parecia estar rindo, embora talvez estivesse apenas desfrutando o cafuné que a mais jovem dos Baudelaire fazia atrás das suas pequeninas orelhas encapuzadas.

"Devíamos comer mais uma maçã cada um", disse Violet levantando-se, "para ter certeza de que consumimos raiz-forte suficiente."

"E devíamos colher maçãs suficientes para todos os ilhéus", disse Klaus. "Eles devem estar tão desesperados quanto nós estávamos."

"Caldeirão", disse Sunny, e foi até o paneleiro pendurado no teto, de onde a serpente a ajudou a descer um enorme caldeirão de metal que poderia conter um grande número de maçãs, e que de fato tinha sido usado para fazer um enorme tacho de purê de maçã alguns anos antes.

“Vocês dois comecem a colher maçãs”, disse Violet indo para o periscópio. “Eu quero verificar como está Kit Snicket. A esta altura, a inundação da plataforma costeira já deve ter começado, e ela deve estar apavorada.”

“Espero que tenha escapado do Mycelium Medusóide”, disse Klaus. “Odeio pensar no que ele faria com o bebê dela.”

“Fearst”, disse Sunny, o que queria dizer alguma coisa como: “Vamos salvá-la sem demora”.

“Os ilhéus estão em situação pior do que Kit”, disse Klaus. “Devíamos ir primeiro à tenda de Ishmael, e depois salvar Kit.”

Violet olhou pelo periscópio e franziu o cenho.

“Não devemos ir à tenda de Ishmael”, disse ela. “Precisamos encher aquele caldeirão de maçãs e chegar à plataforma costeira o mais rápido possível.”

“O que você quer dizer?”, disse Klaus.

“Eles estão partindo”, disse Violet, e lamento dizer que era verdade. Através do periscópio, a mais velha dos Baudelaire pôde ver a forma do catamarã e das figuras dos seus passageiros envenenados, que o empurravam ao longo da plataforma costeira em direção à balsa-biblioteca onde Kit Snicket ainda estava deitada. As três crianças olharam cada uma por sua vez pelo periscópio, e depois se entreolharam. Sabiam que tinham de se apressar, mas por um momento nenhum dos Baudelaire conseguiu se mexer, como se estivessem relutantes em ir além na sua triste história, ou ver mais uma parte dela chegar ao fim.

Se você leu a crônica dos órfãos Baudelaire até agora — e eu certamente espero que não tenha lido —, então sabe que chegamos ao décimo terceiro capítulo do décimo terceiro volume desta triste história, e assim sabe que o fim está próximo, muito embora este capítulo seja tão extenso que você possa jamais chegar ao seu fim. Mas talvez você ainda não saiba o que o fim realmente significa. “O fim” é uma expressão que se refere à conclusão de uma história, ou aos momentos finais de alguma realização, tal como uma missão secreta, ou uma pesquisa muito extensa, e de fato este décimo terceiro volume marca o término da minha investigação do caso Baudelaire, que exigiu muita pesquisa, uma grande quantidade de missões secretas e as realizações de numerosos camaradas, desde um condutor de bonde até um especialista em hibridização botânica, com muitos, muitos técnicos de

máquinas de escrever entre eles. Mas não se pode dizer que *O fim* contenha o fim da história dos Baudelaire, não mais do que *Mau começo* continha o seu começo. A história das crianças começou muito antes daquele dia terrível na Praia de Sal, mas seria preciso mais um volume para registrar a crônica de quando os Baudelaire nasceram, quando seus pais se casaram, quem estava tocando violino no restaurante à luz de velas quando os pais Baudelaire puseram os olhos um no outro pela primeira vez, o que estava escondido dentro do violino, a infância do homem que deixou órfã a menina que pôs aquilo ali, e mesmo então não se poderia dizer que a história dos Baudelaire tinha começado, porque você ainda precisaria saber sobre o chá das cinco servido numa suíte de cobertura, o padeiro que fez os pãezinhos doces oferecidos com o chá, e o assistente do padeiro que introduziu furtivamente o ingrediente secreto na massa dos pãezinhos por meio de um tubo de drenagem muito fino, e como uma voluntária ardilosa criou a ilusão de um incêndio em uma cozinha simplesmente usando um certo vestido e pulando de um lado para outro, e mesmo então o começo da história estaria tão distante quanto os destroços do barco — que deixara os pais Baudelaire na plataforma costeira como náufragos — estão distantes do catamarã no qual os ilhéus iam partir. Pode-se dizer, de fato, que nenhuma história tem realmente um começo, e que nenhuma história tem realmente um fim, uma vez que todas as histórias do mundo estão tão embaralhadas quanto os itens no arboreto, com seus detalhes e segredos amontoados, do começo ao fim, dependendo de como você encara as coisas. Podemos até dizer que o mundo está sempre *in médias res* — uma frase latina que significa "no meio das coisas" ou "no meio de uma narrativa" — e que é impossível resolver qualquer mistério, ou encontrar a raiz de qualquer problema. Portanto *O fim* é na verdade o meio da história, pois muitas pessoas nesta história vão viver muito além da conclusão do capítulo treze, ou até mesmo vão começar uma nova história, já que uma nova criança chega ao mundo na conclusão do capítulo. Mas não se pode ficar plantado no meio das coisas para sempre. Mais cedo ou mais tarde as pessoas terão de encarar o fato de que o fim está próximo, e o fim de *O fim* está realmente muito próximo; portanto, se eu fosse você, não leria o fim de *O fim* porque ele contém o fim de um notório vilão mas também o fim de uma valente e nobre irmã, e o fim da temporada dos colonos na ilha, quando eles navegam para além do fim da plataforma costeira. O fim de *O fim* contém todos esses fins, e não depende de como

você encara as coisas; por isso, poderia ser melhor você parar de olhar para *O fim* antes de chegar ao fim de *O fim,* e parar de ler *O fim* antes de ler o fim, porque as histórias cujo fim é *O fim* e que começaram em *Mau começo* estão agora começando a chegar ao fim.

Os Baudelaire rapidamente encheram o caldeirão de maçãs e correram para a plataforma costeira, atravessando às pressas a escarpa, o mais rápido que podiam. Passava da hora do almoço, e as águas do mar já estavam inundando a plataforma, portanto a água estava muito mais funda do que de costume, desde a chegada das crianças. Violet e Klaus tiveram de segurar o caldeirão alto no ar, e Sunny e a Víbora Incrivelmente Mortífera subiram nos ombros dos Baudelaire mais velhos para viajar junto com as maçãs amargas e pungentes. As crianças puderam ver Kit Snicket no horizonte, ainda deitada em cima da balsa-biblioteca, enquanto as águas subiam encharcando as primeiras camadas de livros, e lado a lado com o estranho cubo estava o catamarã. Quando eles se aproximaram, viram que os ilhéus tinham parado de empurrar o barco e estavam subindo a bordo, fazendo pausas de quando em quando para tossir. Na frente do catamarã estava a figura de Ishmael, sentado em sua cadeira de barro, olhando fixamente para os seus colonos envenenados e observando a aproximação das crianças.

"Parem!", gritou Violet quando eles estavam perto o bastante para ser ouvidos. "Nós descobrimos um meio de diluir o veneno!"

"Irmãos Baudelaire!", veio o grito débil de Kit no topo da balsa-biblioteca. "Graças a Deus vocês estão aqui! Acho que estou entrando em trabalho de parto!"

Como estou certo de que você sabe, "trabalho de parto" é o termo para o processo pelo qual uma mulher dá à luz, e é uma tarefa hercúlea, uma expressão que aqui quer dizer "uma coisa que você preferiria não fazer em cima de uma balsa-biblioteca a flutuar em uma plataforma costeira que está se inundando". Sunny pôde ver, do seu lugar no caldeirão, Kit segurando a barriga e fazendo uma careta de dor para a mais jovem dos Baudelaire.

"Nós vamos ajudá-la", prometeu Violet, "mas precisamos dar estas maçãs para os ilhéus."

"Eles não vão aceitar!", disse Kit. "Tentei dizer a eles que o veneno pode ser diluído, mas eles insistem em partir!"

"Ninguém os está forçando", disse Ishmael calmamente. "Eu apenas sugeri que a ilha não era mais um lugar seguro, e que deveríamos zarpar para

outra."

"Foram você e os Baudelaire que nos meteram nesta enrascada", ouviu-se a voz sonolenta do sr. Pitcairn, pastosa de fungo e cordial de coco, "mas Ishmael vai nos tirar daqui."

"Esta ilha era um lugar seguro", disse o professor Fletcher, "longe da perfídia do mundo. Mas desde que vocês chegaram ela se tornou perigosa e complicada."

"Não é nossa culpa", disse Klaus, caminhando mais e mais para perto do catamarã enquanto a água continuava a subir. "Vocês não podem viver longe da perfídia do mundo, porque mais cedo ou mais tarde a perfídia acabará dando nas suas praias."

"Exatamente", disse Alonso, e bocejou. "Vocês vieram dar aqui e estragaram a ilha para sempre."

"Então nós a estamos deixando para vocês", disse Ariel, que tossia violentamente. "Vocês podem ficar com este lugar perigoso. Nós vamos navegar para a segurança."

"Seguro aqui!", gritou Sunny mostrando uma maçã.

"Vocês já nos envenenaram o suficiente", disse Erewhon, e os ilhéus arquejaram concordando.

"Não queremos mais nem ouvir nenhuma das suas idéias pérfidas."

"Mas vocês estavam prestes a se amotinar", disse Violet. "Vocês não queriam aceitar as sugestões de Ishmael."

"Isso foi antes de o Mycelium Medusóide chegar", disse Finn, rouquejante. "Ishmael é quem está aqui há mais tempo, portanto sabe como nos manter seguros. Por sugestão dele, todos nós bebemos um bocado de cordial enquanto ele decifrava a raiz do problema." Ela fez uma pausa para recuperar o fôlego enquanto o fungo sinistro continuava a crescer. "E a raiz do problema, irmãos Baudelaire, são vocês."

A esta altura, as crianças já tinham alcançado o catamarã. Elas olharam para Ishmael, que ergueu as sobrancelhas e encarou de volta os frenéticos Baudelaire.

"Por que você está fazendo isso?", perguntou Klaus ao facilitador. "Você sabe que não somos a raiz do problema."

"/n *médias res!"* gritou Sunny.

"Sunny tem razão", disse Violet. "O Mycelium Medusóide já estava por aí antes de nascermos, e nossos pais se prepararam para a sua chegada

acrescentando raiz-forte às raízes da macieira."

"Se eles não comerem estas maçãs amargas", implorou Klaus, "terão um fim amargo. Conte aos ilhéus a história inteira, Ishmael, para que possam se salvar.

"A história inteira?", disse Ishmael, e inclinou-se para baixo em sua cadeira para poder falar com os Baudelaire sem que os outros ouvissem. "Se eu contasse aos ilhéus a história inteira, eu não os estaria mantendo seguros contra os terríveis segredos do mundo. Eles quase ficaram sabendo a história inteira esta manha durante o desjejum. Se eles souberem de todos os segredos da ilha, haverá uma cisão em três tempos."

"Melhor uma cisão que a morte", disse Violet.

Ishmael balançou a cabeça e passou os dedos nas mechas desgrenhadas da sua barba lanuda.

"Ninguém vai morrer", disse ele. "Este catamarã pode nos levar até uma praia perto do Mau Caminho, de onde poderemos viajar até uma fábrica de raiz-forte."

"Vocês não têm tempo para uma viagem tão longa", disse Klaus.

"Eu acho que temos", disse Ishmael. "Mesmo sem bússola, acho que posso fazer com que cheguemos a um lugar seguro."

"Você precisa é de uma bússola moral", disse Violet. "Os esporos do Mycelium Medusóide podem matar na próxima hora. A colônia inteira pode morrer envenenada, e mesmo que vocês consigam chegar à costa o fungo poderá se espalhar sobre todos com quem se encontrarem. Você não está mantendo ninguém seguro. Você está pondo em perigo o mundo inteiro, só para proteger alguns dos seus segredos. Isso não é ser paternal! Isso é horrendo e errado!"

"Acho que depende de como você encara as coisas", disse Ishmael. "Adeus, irmãos Baudelaire." Ele sentou-se com as costas retas e gritou para os ilhéus arquejantes, "Sugiro que vocês comecem a remar", e os colonos esticaram os braços para a água e impeliram o catamarã a braçadas para longe das crianças. Os Baudelaire se agarraram a um dos lados do barco e chamaram a ilhoa que primeiro os encontrara na plataforma costeira.

"Sexta-Feira!", gritou Sunny. "Pegue maçã!"

"Não sucumba à pressão dos pares", implorou Violet.

Sexta-Feira voltou-se para as crianças, e os irmãos puderam ver que ela estava terrivelmente assustada. Klaus rapidamente agarrou uma maçã do

caldeirão, e a menininha inclinou-se para fora do barco para tocar-lhe a mão.

"Sinto deixar vocês para trás, irmãos Baudelaire", disse ela, "mas preciso ir com a minha família. Já perdi meu pai, e não agüentaria perder mais ninguém."

"Mas o seu pai...", Klaus começou a dizer, mas a sra. Caliban lançou-lhe um olhar terrível e puxou a filha da beira do catamarã.

"Não balance o barco", disse ela. "Venha cá e beba o seu cordial."

"Sua mãe está certa, Sexta-Feira", disse Ishmael com firmeza. "Você devia respeitar a vontade dos seus pais. E mais do que os Baudelaire jamais fizeram."

"Nós estamos respeitando a vontade dos nossos pais", disse Violet, erguendo as maçãs o mais alto que pôde. "O que eles queriam não era nos proteger contra as perfídias do mundo. Eles queriam que sobrevivêssemos a elas."

Ishmael pôs a mão no caldeirão de maçãs.

"O que sabem os seus pais", perguntou ele, "sobre sobrevivência?" E com um gesto firme e cruel o velho órfão empurrou o caldeirão, e o catamarã se moveu para fora do alcance das crianças. Violet e Klaus tentaram dar mais um passo na direção dos ilhéus, mas a água tinha subido demais; os pés dos Baudelaire escorregaram na superfície da plataforma costeira e os irmãos então começaram a nadar. O caldeirão se inclinou, e Sunny deu um gritinho e desceu para os ombros de Violet enquanto várias maçãs caíam do caldeirão na água com um *splash.* Ao ouvir o *splash,* os Baudelaire se lembraram do miolo de maçã que Ishmael deixara cair, e se deram conta da razão pela qual o facilitador estava tão calmo diante do fungo letal e por que a sua voz era a única entre os ilhéus que não estava obstruída por talos e píleos.

"Temos de ir atrás deles", disse Violet. "Talvez sejamos a sua única chance!"

"Não podemos ir atrás deles", disse Klaus, ainda segurando a maçã. "Temos de ajudar Kit."

"Separados", disse Sunny olhando fixamente para o catamarã que se afastava.

Klaus sacudiu a cabeça.

"Todos nós precisamos ficar, se pretendemos ajudar Kit a dar à luz." O irmão do meio dos Baudelaire olhou para os ilhéus e ouviu a tosse e os arquejos que vinham do barco confeccionado com capim selvagem e ramos

de árvores. “Os ilhéus tomaram a decisão deles”, disse Klaus por fim.

“Kontiki”, disse Sunny. Ela queria dizer alguma coisa do gênero de “Não tem jeito de eles sobreviverem à jornada”, mas a mais jovem dos Baudelaire estava errada. Tinha um jeito. Tinha um jeito de levar aos ilhéus uma única maca que poderiam compartilhar, cada qual dando uma mordida na preciosa fruta amarga que poderia quebrar um galho — a expressão “quebrar um galho”, como você provavelmente sabe, significa “ajudar a lidar com uma situação difícil” — até eles chegarem a algum lugar ou a alguém que pudesse ajudá-los, assim como os Baudelaire dividiram uma maçã no espaço secreto onde seus pais lhes possibilitaram sobreviver a uma das desventuras em série mais fatais que já foram dar nas praias da ilha. Quem quer que levasse a maçã aos ilhéus precisaria nadar muito furtivamente até o catamarã — ajudaria se fosse alguém bem pequeno e esbelto, para poder escapar ao olho vigilante do facilitador do catamarã. Os Baudelaire não notariam o desaparecimento da Víbora Incrivelmente Mortífera por um bom tempo, pois sua atenção estaria focalizada em ajudar Kit, e assim jamais poderiam saber com certeza o que acontecera com a serpente. Como minha pesquisa sobre a história do réptil é incompleta, não sei que outros capítulos ocorreram em sua história enquanto Ink, como alguns preferem chamar a serpente, coleava de um lugar para o próximo, às vezes se protegendo da perfídia do mundo e às vezes cometendo os seus próprios atos pérfidos — uma história que não é muito diferente da dos órfãos Baudelaire, que alguns chamaram de pouco mais que o registro de crimes, desatinos e desventuras da humanidade. A não ser que você tenha investigado o caso dos ilhéus por conta própria, não há como apurar o que aconteceu com eles quando zarparam da colônia que tinha sido seu lar. Mas havia um meio de eles poderem sobreviver à jornada, um meio que pode parecer fantástico, porém não menos fantástico do que três crianças ajudarem uma mulher a dar à luz. Os Baudelaire se apressaram para a balsa-biblioteca e ergueram Sunny e o caldeirão para o topo do lugar onde Kit estava deitada, para que a mais jovem dos Baudelaire pudesse segurar a mão enluvada da mulher ofegante e as maçãs amargas pudessem diluir o veneno dentro dela enquanto Violet e Klaus empurravam a balsa de volta para a praia.

“Coma uma maçã”, ofereceu Sunny, mas Kit balançou a cabeça.

“Não posso”, disse ela.

“Mas você foi envenenada”, disse Violet. “Você deve ter pego um

esporo ou dois dos ilhéus quando eles passaram flutuando."

"As maçãs vão prejudicar o bebê", disse Kit. "Há alguma coisa no híbrido que é prejudicial às pessoas que ainda não nasceram. Foi por isso que a sua mãe nunca provou uma das suas próprias maçãs amargas. Ela estava grávida de você, Violet." Uma das mãos enluvadas de Kit deslizou para baixo, de cima do topo da balsa, e afagou os cabelos da mais velha dos Baudelaire. "Espero vir a ser pelo menos metade da tão boa mãe que foi a sua, Violet", disse ela.

"Você vai ser", disse Klaus.

"Não sei", disse Kit. "Eu deveria ter ajudado vocês, crianças, naquele dia em que vocês finalmente chegaram à Praia de Sal. Eu não queria nada além de levá-los no meu táxi para algum lugar seguro. Em vez disso, eu os joguei para dentro de um mundo de perfídia no Hotel Desenlace. E eu não queria nada mais do que reuni-los com os seus amigos Quagmire. Em vez disso, eu os deixei para trás." Ela soltou um suspiro ofegante e silenciou.

Violet continuou a guiar a balsa em direção à ilha, e notou pela primeira vez que suas mãos estavam empurrando a lombada de um livro cujo título ela reconheceu da biblioteca que tia Josephine escondia embaixo da cama — *Ivan Lacrimoso, o Explorador do Lago* —, enquanto seu irmão empurrava *Cogumelos e suas minúcias,* um livro que tinha sido parte da biblioteca micológica de Fiona.

"O que aconteceu?", perguntou ela, tentando imaginar que estranhos eventos teriam trazido aqueles livros às praias.

"Eu decepcionei vocês", disse Kit tristemente, e tossiu. "Quigley conseguiu alcançar a casa móvel auto-sustentável a ar quente, como eu esperava que ele fizesse, e ajudou seus irmãos e Hector a prender as águias traiçoeiras em uma rede enorme, enquanto eu me encontrava com o capitão Andarré e seus enteados."

"Fernald e Fiona?", disse Klaus, referindo-se ao homem de mãos de gancho que outrora trabalhara para o conde Olaf, e a jovem que partira o seu coração. "Mas eles o traíram — e a nós."

"O capitão perdoou as falhas daqueles que amou", disse Kit, "como eu espero que vocês perdoem as minhas, irmãos Baudelaire. Fizemos uma tentativa desesperada de consertar o *Queequeg* e alcançar os Quagmire enquanto a sua batalha aérea prosseguia, e chegamos bem a tempo de ver estourar os balões da casa móvel auto-sustentável a ar quente debaixo dos

bicos cruéis das águias em fuga. Eles desabaram para a superfície do mar, e caíram estrondosamente em cima do *Queequeg*. Em momentos, éramos todos náufragos, pedalando na água, no meio de todos os itens que sobreviveram ao naufrágio." Ela ficou em silêncio por um momento. "Fiona estava dão desesperada para alcançá-lo, Klaus", disse ela. "Ela queria que você a perdoasse também."

"Será que ela..." Klaus não agüentou terminar a pergunta. "Quero dizer, o que aconteceu em seguida?"

"Eu não sei", admitiu Kit. "Das profundezas do mar, uma figura misteriosa se aproximou — quase como um ponto de interrogação, erguendo-se para fora da água."

"Nós vimos aquilo em uma tela de radar", lembrou-se Violet. "O capitão Andarré recusou-se a contar para nós o que era."

"Meu irmão costumava chamar aquilo de 'O Grande Desconhecido'", disse Kit, segurando a barriga enquanto o bebê chutava violentamente. "Eu estava aterrorizada, irmãos Baudelaire. Rapidamente confeccionei um *vaporetto* segundo a técnica de Construção por Seleção de Cacos, como fui treinada a fazer."

"*Vaporetto?",* perguntou Sunny.

"É um termo italiano para 'barco'", disse Kit. "Foi uma das muitas palavras italianas que Monty me ensinou. Um *vaporetto* confeccionado segundo a técnica de Construção por Seleção de Cacos é um modo de se salvar e salvar as suas coisas preferidas ao mesmo tempo. Juntei todos os livros ao meu alcance de que tinha gostado, jogando os maçantes no mar, mas todos os outros queriam se arriscar com o grande desconhecido. Implorei que subissem a bordo enquanto o ponto de interrogação se aproximava, mas somente Ink conseguiu me alcançar. Os outros..." Sua voz emudeceu e, por um momento, Kit não fez nada a não ser arquejar. "Um instante depois eles se foram — engolidos ou resgatados por aquela coisa misteriosa."

"Você não sabe o que aconteceu com eles?", perguntou Klaus.

Kit sacudiu a cabeça.

"Tudo o que ouvi", disse ela, "foi um dos Quagmire chamando o nome de Violet."

Sunny olhou no rosto da mulher transtornada.

"Quigley", não pôde deixar de perguntar a mais jovem dos Baudelaire, "ou Duncan?"

“Eu não sei”, disse Kit novamente. “Sinto muito, irmãos Baudelaire. Eu os decepcionei. Vocês tiveram sucesso em suas nobres missões no Hotel Desenlace, e salvaram Dewey e os outros, mas não sei se tornaremos a ver os Quagmire e seus companheiros. Espero que vocês perdoem as minhas falhas, e quando eu reencontrar Dewey, espero que ele também me perdoe.”

Os órfãos Baudelaire se entreolharam tristemente, percebendo que afinal chegara a hora de contar a Kit Snicket a história inteira, como ela lhes contara.

“Perdoaremos as suas falhas”, disse Violet, “se você perdoar as nossas.”

“Nós também a decepcionamos”, disse Klaus. “Tivemos de atear fogo no Hotel Desenlace, e não sabemos se alguém escapou para um lugar seguro.”

Sunny tomou as mãos de Kit entre as suas.

“E Dewey está morto”, disse ela, e todos explodiram em lágrimas. Existe um tipo de pranto que espero que você nunca tenha vivenciado, e não é apenas pranto por uma coisa terrível que aconteceu, mas por todas as coisas terríveis que aconteceram, não só a você mas a todos os que você conhece e todos os que você não conhece, e até pessoas que você não quer conhecer, um pranto que não pode ser diluído por um feito de coragem ou uma boa palavra, mas unicamente por alguém que o ampare enquanto os seus ombros tremem e as lágrimas escorrem pelo seu rosto. Sunny segurou Kit, e Violet segurou Klaus, e por um minuto os quatro náufragos não fizeram nada além de chorar, deixando escorrer as lágrimas pelas suas faces para dentro do mar, que, há quem diga, não passa de uma biblioteca de todas as lágrimas da história. Kit e as crianças deixaram a sua tristeza juntar-se à tristeza do mundo, e choraram por todas as pessoas que estavam perdidas para eles. Eles choraram por Dewey Dénouement, pelos trigêmeos Quagmire, por todos os seus companheiros e tutores, amigos e associados, por todas as falhas que podiam perdoar e todas as perfídias que podiam suportar. Eles choraram pelo mundo e, mais que tudo, é claro, os órfãos Baudelaire choraram por seus pais a quem, sabiam, jamais voltariam a ver. Muito embora Kit Snicket não tivesse trazido notícias de seus pais, a história dela sobre o Grande Desconhecido os fez ver por fim que as pessoas que tinham escrito todos aqueles capítulos do *Desventuras em Série* haviam partido para dentro do grande desconhecido para sempre, e que Violet, Klaus e Sunny também seriam órfãos para sempre.

“Parem”, disse Kit finalmente por entre as lágrimas que cessavam pouco a pouco. “Parem de empurrar a balsa. Eu não posso continuar.”

“Nós temos de continuar”, disse Violet.

“Estamos quase na praia”, disse Klaus.

“A plataforma está inundando”, disse Sunny.

“Que inunde”, disse Kit. “Eu não posso, irmãos Baudelaire. Já perdi gente demais — meus pais, meu verdadeiro amor, meus irmãos.”

À menção dos irmãos de Kit, Violet lembrou-se de enfiar a mão no bolso, e tirou de lá o anel floreado, brasonado com a inicial R.

“Às vezes, coisas que você perdeu podem ser encontradas novamente em lugares inesperados”, disse ela, e ergueu o anel para Kit ver. A mulher transtornada tirou as luvas e segurou o anel na mão nua e trêmula.

“Isto não é meu”, disse ela. “Pertencia à sua mãe.”

“Antes de pertencer à nossa mãe”, disse Klaus, “pertenceu a você.”

“Sua história começou antes de nascermos”, disse Kit, “e deve continuar depois que morrermos. Dêem o anel ao meu bebê, irmãos Baudelaire. Que o meu bebê seja parte da minha história, mesmo sendo um órfão e totalmente sozinho no mundo.”

“O bebê não estará sozinho”, disse Violet, arrebatada. “Se você morrer, Kit, nós criaremos essa criança como se fosse nossa.”

“Eu não poderia pedir nada melhor”, disse Kit mansamente. “Batizem o bebê com o nome de um dos seus pais, irmãos Baudelaire. E costume na minha família dar ao bebê o nome de alguém já falecido.”

“Na nossa também”, disse Sunny, lembrando-se de algo que seu pai lhe dissera quando ela perguntou sobre o seu próprio nome.

“Nossas famílias sempre foram próximas”, disse Kit, “mesmo tendo de ficar longe uma da outra. Agora, finalmente, estamos todos juntos, como se fôssemos uma só família.”

“Então deixe-nos ajudá-la”, disse Sunny, e, com um aceno de cabeça choroso e ofegante, Kit Snicket deixou os Baudelaire empurrarem o seu *vaporetto* confeccionado segundo a técnica de Construção por Seleção de Cacos para fora da plataforma costeira e para as praias da ilha, aonde mais cedo ou mais tarde tudo vai dar, bem quando o catamarã ia desaparecendo no horizonte. As crianças olharam para os ilhéus pela última vez — pelo menos até onde sei — e então para o cubo de livros, e tentaram imaginar como a mulher ferida, grávida e transtornada poderia ser levada a um lugar seguro

para dar à luz.

"Você consegue descer?", perguntou Violet.

Kit balançou a cabeça.

"Está doendo", disse ela com a voz pastosa de fungos venenosos.

"Podemos carregá-la", disse Klaus, mas Kit balançou a cabeça de novo.

"Sou pesada demais", disse ela com a voz fraca."Poderia escapar das mãos de vocês e machucar o bebê."

"Podemos inventar um modo de descê-la para a praia", disse Violet.

"Sim", disse Klaus. "Podemos correr até o arboreto e achar o que precisamos."

"Não dá tempo", disse Sunny, e Kit balançou a cabeça concordando.

"O bebê está prestes a chegar", disse ela. "Encontrem alguém para ajudá-los."

"Estamos sozinhos", disse Violet, mas então ela e seus irmãos olharam ao longe na praia onde a balsa aportara, e os Baudelaire viram, se arrastando para fora da tenda de Ishmael, a única pessoa por quem eles não tinham derramado uma lágrima sequer. Sunny deslizou para a areia, trazendo o caldeirão com ela, e as três crianças correram ladeira acima em direção à figura alquebrada do conde Olaf.

"Olá, órfãos", disse ele, a voz ainda mais arque-jante e áspera por causa do veneno do Mycelium Medusóide, que se alastrava. O vestido de Esmé tinha caído do seu corpo magrelo e ele rastejava na areia trajando suas roupas normais, segurando uma concha de cordial com uma das mãos e apertando o peito com a outra. "Vocês estão aqui para se curvar perante o rei de Olaflândia?"

"Não temos tempo para as suas asneiras", disse Violet. "Precisamos da sua ajuda."

A sobrancelha do conde Olaf se ergueu, e ele deu uma mirada atônita nas crianças.

"Vocês precisam da minha ajuda?", perguntou ele. "O que aconteceu com todos aqueles ilhéus idiotas?"

"Eles nos abandonaram", disse Klaus.

Olaf começou a arfar de um modo horripilante, e os irmãos levaram um momento para se dar conta de que ele estava rindo.

"Então, que tal lhes parece a atual conjuntura?", disse, usando uma expressão que aqui significa: "Estou achando esta situação realmente

notável".

"Daremos maçãs", disse Sunny fazendo um gesto para o caldeirão, "se você ajudar."

"Não quero frutas", rosnou Olaf, e tentou sentar-se, a mão ainda apertando o peito. "Quero a fortuna que os seus pais deixaram."

"A fortuna não está aqui", disse Violet. "Nenhum de nós nunca viu um centavo daquele dinheiro."

"Mesmo se estivesse aqui", disse Klaus, "você talvez não vivesse para desfrutá-la."

"McGuffin", disse Sunny, o que queria dizer: "Os seus esquemas não significam nada neste lugar".

O conde Olaf levou a concha aos lábios, e os Baudelaire puderam ver que ele estava tremendo.

"Então talvez eu simplesmente fique por aqui", roufenhou ele. "Já perdi demais para continuar — meus pais, meu verdadeiro amor, meus comparsas, uma quantidade enorme de dinheiro que não ganhei, e até o barco com o meu nome."

As três crianças se entreolharam, lembrando-se do tempo passado naquele barco, quando tinham pensado em atirá-lo ao mar. Se Olaf tivesse se afogado no mar, talvez o Mycelium Medusóide jamais viesse a ameaçar a ilha, muito embora o fungo letal, mais cedo ou mais tarde, viria dar nas suas praias e, se o vilão estivesse morto, não haveria ninguém ali que pudesse ajudar Kit Snicket e seu bebê.

Violet se ajoelhou na areia e agarrou os ombros do vilão com ambas as mãos.

"Nós temos de continuar", disse ela. "Faça uma única coisa boa na vida, Olaf."

"Já fiz montes de coisas boas na minha vida", rosnou ele. "Uma vez acolhi três órfãos, e já fui considerado para diversos prêmios teatrais de prestígio." Klaus se ajoelhou ao lado da irmã e olhou o vilão nos olhos brilhantes.

"Em primeiro lugar, foi você quem nos tornou órfãos", disse ele, pronunciando em voz alta pela primeira vez um segredo que os três Baudelaire vinham guardando em seus corações por quase tanto tempo quanto podiam se lembrar. Olaf fechou os olhos por um momento, fazendo uma careta de dor, e depois olhou bem devagar para as três crianças, uma de

cada vez.

"E isso que vocês pensam?", disse ele afinal.

"Nós sabemos", disse Sunny.

"Vocês não sabem nada", disse Olaf. "Vocês não mudaram desde que pus os olhos nos três pela primeira vez. Pensam que podem triunfar neste mundo sem nada além de uma mente aguda, uma pilha de livros e uma ocasional refeição *gourmet."* Ele despejou um último gole de cordial na boca envenenada antes de atirar a concha na areia. "Vocês são exatamente iguais aos seus pais", disse ele, e da praia as crianças ouviram os gemidos de Kit Snicket.

"Você tem de ajudar Kit", disse Violet. "O bebê está chegando."

"Kit?", perguntou o conde Olaf e, com um gesto repentino, agarrou uma maçã do caldeirão e deu uma mordida selvagem. Ele mascou, encolhendo-se de dor, e os Baudelaire ouviram os seus arquejos se acalmarem, e o fungo venenoso foi diluído pela invenção de seus pais. Ele deu mais uma mordida, e mais outra, e então, com um grunhido horrível, o vilão se pôs em pé e as crianças viram que o seu peito estava empapado de sangue.

"Você está ferido", disse Klaus.

"Já fui ferido antes", disse o conde Olaf, e saiu cambaleando ladeira abaixo para entrar nas águas da plataforma costeira inundada. Com um gesto suave, ele ergueu Kit da balsa e carregou-a para as praias da ilha. Os Baudelaire correram para junto da amiga; os olhos da mulher transtornada estavam fechados e não dava para ter certeza se ela estava viva, até que Olaf a depositou cuidadosamente nas areias brancas da praia e as crianças viram o seu peito subir e descer com a respiração. O vilão ficou olhando para Kit por um longo momento, e então se inclinou para baixo e fez uma coisa estranha. Com os Baudelaire olhando, o conde Olaf beijou Kit Snicket gentilmente nos lábios trêmulos.

"Eca", disse Sunny, enquanto os olhos de Kit estremeciam e se abriam.

"Eu falei", disse Olaf fracamente. "Eu falei que ainda faria isso uma última vez."

"Você é um homem mau", disse Kit. "Você acha que uma boa ação vai me fazer perdoá-lo pelas suas falhas?"

O vilão se afastou com alguns passos cambaleantes, então sentou-se na areia e soltou um profundo suspiro.

"Eu não me desculpei", disse ele, olhando primeiro para a mulher

grávida e depois para os Baudelaire. Kit estendeu o braço e tocou o tornozelo do homem, bem no olho tatuado que vinha assombrando as crianças desde que o viram pela primeira vez. Violet, Klaus e Sunny olharam para a tatuagem, lembrando-se de todas as vezes em que ela estivera disfarçada, e de todas as vezes em que fora revelada, e pensaram em todos os outros lugares em que a viram, pois, se você olhar com atenção, o desenho de um olho também forma as iniciais C.S.C. e quando as crianças investigaram a Corporação pelo Salvamento das Chamas, primeiro tentando decodificar os mistérios sinistros da organização e depois tentando participar das suas nobres missões, parecia que aqueles olhos as observavam, embora saber se eles eram nobres ou pérfidos, bons ou maus, permanece como um mistério até agora. A história inteira daqueles olhos, ao que tudo indica, pode ser sempre escondida das crianças, mantida nas trevas junto com todos os outros olhos que vigiam todos os outros órfãos, todos os dias e todas as noites.

“'A noite tem mil olhos'“, disse Kit com a voz rouca, e ergueu a cabeça para encarar o vilão. Os Baudelaire perceberam pela voz dela que a amiga estava recitando as palavras de outra pessoa. '“E o dia apenas um; contudo, a luz do mundo radiante morre com o sol morrente. A mente tem mil olhos, o coração apenas um; porém, a luz de uma vida inteira morre quando é feito o amor.'“

O conde Olaf sorriu debilmente para Kit.

“Você não é a única pessoa capaz de recitar as palavras dos nossos associados”, disse ele, e então olhou ao longe para o mar. A tarde estava quase acabando e logo a ilha seria coberta pelas trevas. “'O homem ao homem transmite a miséria'“, disse o vilão. “'Ela se aprofunda qual plataforma costeira. Saia o mais cedo que puder...'“ Nesse momento ele tossiu, um som macabro, e suas mãos apertaram o peito. “'E não tenha filhos você mesmo'“, terminou ele, emitindo uma risada curta e estridente. Então a história do vilão chegou ao fim. Olaf deitou-se na areia, longe da perfídia do mundo, e as crianças, em pé na praia, olharam para o seu rosto. Os olhos dele brilharam forte e a boca se abriu, como se quisesse contar-lhes alguma coisa, mas os Baudelaire não o ouviram dizer nem mais uma palavra.

Kit deu um grito de dor, pastoso de fungos venenosos, e segurou a barriga arfante, e os Baudelaire correram para ajudá-la. Eles nem notaram quando o conde Olaf fechou os olhos pela última vez, e talvez este seja um bom momento para você também fechar os seus, não apenas para evitar o fim

da história dos Baudelaire, mas para imaginar o começo de uma outra. É provável que os seus olhos estivessem fechados quando você nasceu, abandonando o lugar seguro do útero da sua mãe — ou, se você for um cavalo-marinho, o saco vitelino do seu pai — e se juntando à perfídia do mundo sem ver exatamente aonde estava indo. Você ainda não conhecia as pessoas que o estavam ajudando a chegar até aqui, ou as pessoas que o acolheriam assim que sua vida começasse, quando você era ainda menor, mais delicado e exigente do que é agora. Parece estranho que você tivesse feito uma coisa dessas e deixado a si mesmo sob os cuidados de estranhos por tanto tempo, só abrindo os olhos pouco a pouco para ver o motivo de todo aquele alvoroço — e, contudo, é desse modo que quase todas as pessoas vêm ao mundo. Talvez se víssemos o que está à nossa frente, e tivéssemos um vislumbre dos crimes, desatinos e desventuras que acontecerão conosco mais adiante, ficaríamos no útero da nossa mãe, e então não haveria mais ninguém no mundo a não ser um grande número de mulheres muito gordas e muito irritadas. Qualquer que seja o caso, é assim que todas as nossas histórias começam, nas trevas com os olhos fechados, e todas as nossas histórias terminam também, com todos nós pronunciando nossas últimas palavras — ou talvez as de outro alguém — antes de escorregar de volta para as trevas enquanto as nossas desventuras em série chegam ao fim. E deste modo, com a jornada iniciada pelo bebê de Kit Snicket, chegamos ao fim das *Desventuras em Série.* Por algum tempo, o trabalho de parto de Kit Snicket foi muito difícil, e às crianças pareceu que as coisas estavam tomando um rumo aberrante — a palavra "aberrante" aqui significa "muito, muito errado e causando muito pesar". Mas, finalmente, veio ao mundo uma menininha, ao mesmo tempo que, lamento muito, muito dizer, sua mãe e minha irmã escorregava para fora do mundo depois de uma longa noite de sofrimento — mas uma noite igualmente de alegria, pois o nascimento de um bebê é sempre uma boa notícia, não importam quantas más notícias esse bebê ouvirá no futuro. O sol ergueu-se sobre a plataforma costeira, que não iria ser novamente inundada por mais um ano, e os órfãos Baudelaire seguraram a bebezinha na praia e viram os seus olhos se abrirem pela primeira vez. A filha de Kit Snicket apertou os olhinhos para a alvorada e tentou imaginar onde é que estava, e é claro que, quando se perguntou isso, começou a chorar. A menina, batizada com o nome da mãe dos Baudelaire, gritou e gritou, e, ao começarem as suas desventuras em série, termina esta história dos órfãos

Baudelaire.

Isso não quer dizer que os órfãos Baudelaire morreram naquele dia. Estavam ocupados demais para isso. Embora ainda fossem crianças, os Baudelaire agora eram pais, e havia um bocado de coisas para fazer. Violet projetou e construiu o equipamento necessário para criar um bebê, usando a biblioteca de detritos armazenada à sombra da macieira. Klaus esquadrinhou a enorme estante de livros à procura de informações sobre educação infantil e acompanhava cuidadosamente o progresso da menininha. Sunny cuidava dos carneiros selvagens e da ordenha, para nutrir a bebê, e usava o batedor que Sexta-Feira lhe dera para preparar alimentos macios quando os dentes da criancinha começaram a aparecer. E todos os três Baudelaire plantaram sementes das maçãs amargas por toda a ilha, para expulsar quaisquer vestígios do Mycelium Medusóide — muito embora se lembrassem de que ele crescia melhor em espaços pequenos e fechados — e assim o fungo letal não teria chance de fazer mal à criança, e a ilha permaneceria segura como era no dia em que chegaram. Essas tarefas tomavam o dia inteiro e, à noite, enquanto a bebê estava aprendendo a dormir, os Baudelaire sentavam-se juntos nas duas grandes poltronas de leitura e se revezavam para ler em voz alta o livro que os pais tinham deixado para trás; às vezes, eles pulavam para o fim e acrescentavam umas poucas linhas à história por conta própria. Enquanto liam e escreviam, os irmãos encontraram muitas respostas que estiveram procurando, apesar de cada resposta só trazer mais um mistério, pois havia muitos detalhes da vida dos Baudelaire que pareciam uma estranha, ilegível forma de algum grande desconhecido. No entanto, isso não os preocupava tanto quanto você poderia pensar. Não se pode ficar sentado para sempre resolvendo os mistérios da própria história e, não importa quanto se lê, a história inteira jamais poderá ser contada. Mas era o suficiente. Ler as palavras dos pais, naquelas circunstâncias, era o melhor que os órfãos Baudelaire poderiam esperar.

Quando a noite ia mais avançada, eles caíam no sono, assim como seus pais faziam, nas poltronas do espaço secreto embaixo das raízes da macieira amarga, no arboreto de uma ilha distante, muito distante da perfídia do mundo. Algumas horas depois, a bebê acordava e preenchia o espaço com gritos confusos e famintos. Os Baudelaire se revezavam e, enquanto as outras duas crianças dormiam, um Baudelaire carregava a bebezinha em uma tipóia que Violet projetara, para fora do arboreto e para o alto da escarpa, onde se

sentavam, criança e seu pai ou sua mãe, e tomavam o desjejum olhando para o mar. Às vezes eles visitavam o túmulo de Kit Snicket, onde depositavam algumas flores silvestres, ou o túmulo do conde Olaf, onde simplesmente ficavam em silêncio por alguns momentos. De muitos modos, a vida dos órfãos Baudelaire naquele ano não era muito diferente da minha própria, agora que concluí minha investigação. Como Violet, como Klaus e como Sunny, eu visito certos túmulos, e muitas vezes passo minhas manhãs sobre uma escarpa, olhando para o mesmo mar. Não é a história inteira, é claro, mas é o suficiente. Nessas circunstâncias, é o melhor que se pode esperar.





Brett Helquist nasceu em Ganado, Arizona, cresceu em Orem, Utah, e atualmente vive no Brooldin, Nova York. Ele tem esperanças de que, com a publicação do último volume das *Desventuras em Série,* será capaz de sair mais de casa durante o dia e dormir melhor à noite.



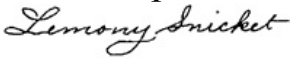
Lemony Snicket é autor de todos os cento e setenta capítulos das *Desventuras em Série.* Ele quase acabou.

Visite-o na internet em www.lemonysnicket.com

Para meu gentil editor:

O fim de O FIM pode ser encontrado no fim de O FIM

Respeitosamente,



Lemony Snicket

⚜ Desventuras em Série ⚜

Livro primeiro *Mau começo*
Livro segundo *A Sala dos Répteis*
Livro terceiro *O lago das sanguessugas*
Livro quarto *Serraria Baixo-Astral*
Livro quinto *Inferno no colégio interno*
Livro sexto *O elevador ersatz*
Livro sétimo *A Cidade Sinistra dos Corvos*
Livro oitavo *O hospital hostil*
Livro nono *O espetáculo carnívoro*
Livro décimo *O escorregador de gelo*
Livro undécimo *A Gruta Gorgônea*
Livro duodécimo *O Penúltimo Perigo*
Livro tredécimo *O Fim*

⚜ Desventuras em Série ⚜
LIVRO Último



CAPÍTULO CATORZE

de LEMONY SNICKET
Ilustrações de Brett Helquist
Tradução de Ricardo Gouveia

2006 by Lemony Snicket
Ilustrações 2006 by Brett Helquist

Ô Mon, vieux capitaine, il est temps! Levons l'ancre!
Cepays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et Ia mer sont noirs comme de l'encre,
Nos coeurs que tu connais sont remplis de rayons!

Para Beatrice —
Nós somos como barcos navegando pela noite — especialmente você.



CAPÍTULO CATORZE

O último registro na letra dos pais Baudelaire em *Desventuras em Série* diz o seguinte:

Como suspeitávamos, vamos ser náufragos mais uma vez. Os outros acreditam que a ilha deveria ficar longe da perfídia do mundo, e portanto este lugar seguro é perigoso demais para nós. Vamos partir em um barco que B construiu e batizou com o meu nome. Estou de coração partido, mas já estive de coração partido antes, e isto pode ser o melhor que posso esperar. Não podemos realmente proteger nossas crianças, aqui ou em qualquer outro lugar, portanto pode ser melhor para nós e melhor para o bebê se imergirmos no mundo. Aliás, se for menina vamos chamá-la de Violet, e se for menino vamos chamá-lo de Lemony.

Os órfãos Baudelaire leram esse registro uma noite depois de um jantar de salada de algas, bolinhos de caranguejo e cordeiro assado, e quando Violet acabou de ler todas as três crianças riram. Até a filhinha de Kit, sentada no joelho de Sunny, soltou um gritinho alegre.

"Lemony?", repetiu Violet. "Eles teriam me chamado de Lemony? De onde tiraram essa idéia?"

"De alguém que morreu, presumivelmente", disse Klaus. "Lembra-se

do costume da família?”

“Lemony Baudelaire”, experimentou Sunny, e a criancinha riu de novo. A filha de Kit estava com quase um ano e se parecia muito com a mãe.

“Eles nunca nos contaram sobre um Lemony”, disse Violet, e passou as mãos pelos cabelos. Ela estivera consertando o sistema de filtragem de água o dia inteiro e estava muito cansada.

Klaus serviu mais água-de-coco para as irmãs, que as crianças preferiam beber fresca.

“Eles não nos contaram uma porção de coisas”, disse ele. “O que você acha que significa 'já estive de coração partido antes'?”

“Você sabe o que significa 'coração partido'“, disse Sunny, e então concordou com a cabeça quando a bebezinha murmurou “Abelardo”. A mais jovem dos Baudelaire era a melhor em decifrar o modo de falar um tanto inusitado da criancinha.

“Acho que ela quer dizer que devemos partir”, disse Violet.

“Deixar a ilha?”, disse Klaus. “E ir para onde?”

“Qualquer lugar”, disse Violet. “Não podemos ficar aqui para sempre. Aqui há tudo o que possamos precisar, mas não está certo ficar assim tão longe do mundo.”

“E sua perfídia?”, perguntou Sunny.

“Seria possível pensar que já tivemos perfídia suficiente para toda uma vida”, disse Klaus, “mas a vida é mais do que segurança.”

“Nossos pais partiram”, disse Violet. “Talvez devamos honrar sua vontade.”

“Chekrio?”, disse a bebê, e os Baudelaire a examinaram por um momento. A filha de Kit estava crescendo muito depressa, e explorava avidamente a ilha a cada oportunidade. Todos os três irmãos tinham de ficar de olho nela, em especial no arboreto, que ainda continha pilhas de detritos mesmo depois de um ano de catalogação. Muitos dos itens da enorme biblioteca eram perigosos para criancinhas, mas a pequenina nunca se machucara seriamente. Ela também ouvira falar em perigo, sobretudo no registro de crimes, desatinos e desventuras da humanidade que os Baudelaire liam em voz alta todas as noites, muito embora eles não tivessem lhe contado a história inteira. Ela não sabia de todos os segredos dos Baudelaire, e de fato havia alguns que nunca saberia.

“Não podemos nos abrigar aqui para sempre”, disse Klaus. “De

qualquer modo, a perfídia virá dar nestas praias."

"Estou surpresa que ainda não tenha acontecido", disse Violet. "Uma profusão de destroços de naufrágios foi arrastada para cá, mas ainda não vimos um único náufrago."

"Se partirmos", perguntou Sunny, "o que encontraremos?"

Os Baudelaire silenciaram. Como nenhum náufrago chegara naquele ano, eles tinham poucas notícias do mundo além de alguns fragmentos de jornal que sobreviveram a uma terrível tempestade. A julgar pelas matérias, ainda havia vilões à solta no mundo, embora uns poucos voluntários também parecessem ter sobrevivido a todos os problemas que trouxeram os irmãos à ilha. As matérias, no entanto, eram d' *O Pundonor Diário,* por isso as crianças não podiam ter certeza se eram acuradas. Pelo tanto que sabiam, os ilhéus tinham espalhado o Mycelium Medusóide, e o mundo inteiro poderia estar envenenado. Isso, porém, parecia improvável, pois o mundo, que se saiba, não importa o quão monstruosamente pudesse ter sido ameaçado, nunca sucumbiu por completo. Os Baudelaire também pensaram em todas as pessoas que esperavam ver de novo, muito embora, lamentavelmente, isso também parecesse improvável, se bem que não impossível.

"Não saberemos até chegar lá", disse Violet.

"Bem, se vamos partir, é melhor nos apressarmos", disse Klaus. O Baudelaire do meio levantou-se e caminhou até o banco, onde ele tinha construído um calendário que acreditava ser razoavelmente acurado. "A plataforma costeira vai inundar em breve."

"Não vamos precisar de muita coisa", disse Sunny. "Temos uma boa quantidade de alimentos não perecíveis."

"Eu cataloguei uma boa quantidade de equipamento naval", disse Violet.

"Eu tenho alguns bons mapas", disse Klaus, "mas devíamos também deixar espaço para alguns dos nossos detritos favoritos. Há alguns romances de P. G. Wodehouse que eu estava pretendendo ler."

"Projetos", disse Violet, pensativa.

"Meu batedor", disse Sunny, olhando para o item que Sexta-Feira escamoteara para ela muito tempo atrás, e que provara ser um utensílio muito útil, mesmo depois que a bebê superara a fase de comida batida.

"Bolo!", gritou a criancinha, e seus tutores riram.

"Levamos isto?", perguntou Violet, erguendo o livro que tinha lido em

voz alta.

"Acho que não", disse Klaus. "Talvez chegue algum outro náufrago, e continue a história."

"De qualquer modo", disse Sunny, "ele terá alguma coisa para ler."

"Então estamos realmente partindo", disse Violet, e eles realmente estavam. Depois de uma boa noite de sono, os Baudelaire começaram a se preparar para a viagem, e era verdade que eles não precisavam de muita coisa. Sunny conseguiu acondicionar uma grande quantidade de comida que seria perfeita para a jornada, e até deu um jeito de incluir sub-repticiamente alguns luxos, como um pouco de ovas que ela colhera de peixes locais e uma torta de maçã um pouco amarga mas ainda assim saborosa. Klaus enrolou diversos mapas em um cilindro caprichado e acrescentou vários itens úteis e interessantes da vasta biblioteca. Violet adicionou alguns projetos e equipamentos ao monte, e então selecionou um barco entre todos os destroços de naufrágios que estavam no arboreto. A mais velha dos Baudelaire ficou surpresa ao descobrir que o barco que parecia ser o melhor para a tarefa era o mesmo em que eles tinham chegado, embora, depois de terminar os reparos e prepará-lo para a viagem, ela afinal não tivesse ficado tão surpresa. Violet consertou o casco do barco, prendeu velas novas aos mastros e por fim olhou para a placa com o nome CONDE OLAF; franzindo de leve as sobrancelhas, arrancou a fita e a removeu. Como as crianças tinham notado em sua viagem para a ilha, havia outra placa por baixo, e quando Violet leu o que estava escrito nela, e chamou seus irmãos e sua filha adotiva para vê-la, mais uma pergunta sobre as suas vidas foi respondida, e mais um mistério havia começado.

Finalmente, o dia da partida chegou, e quando a plataforma costeira começou a inundar, os Baudelaire carregaram o barco — ou, como diria o tio Monty, *vaporetto* — para a praia e o encheram com todos os suprimentos. Violet, Klaus e Sunny olharam para as areias brancas da praia, onde novas macieiras estavam crescendo. As crianças tinham passado quase todo o seu tempo no arboreto e, assim, o lado da ilha onde era a colônia é que agora dava a sensação de ser o "outro" lado da ilha, em vez de o lugar onde seus pais viveram.

"Estamos prontos para imergir no mundo?", perguntou Violet.

"Só espero não imergir no mar", disse Klaus com um sorrisinho.

"Eu também", disse Sunny, e sorriu de volta para o irmão.

“Onde está a bebê?”, disse Violet. “Quero ter certeza de que estes coletes salva-vidas que projetei servem direito.”

“Ela quis dizer adeus para a mãe dela”, disse Sunny. “Logo estará aqui.”

E, de fato, a figura pequenina da filha de Kit podia ser vista engatinhando em direção às crianças e a seu barco. Os Baudelaire observaram-na se aproximar, perguntando a si mesmos qual seria o próximo capítulo na história daquela menininha, e isso realmente é difícil de dizer. Alguns afirmam que os Baudelaire reingressaram nas fileiras de C.S.C. e estão engajados em bravas missões até hoje, talvez sob nomes diferentes para evitar ser capturados. Outros sustentam que eles pereceram no mar, se bem que boatos sobre a morte de alguém afloram com grande freqüência, e com grande freqüência se provam irreais. Mas, seja como for, como a minha investigação acabou, nós com efeito chegamos ao último capítulo da história dos Baudelaire, mesmo que os Baudelaire não tenham chegado. As três crianças subiram no barco e esperaram a bebê engatinhar até a beira da água, onde pôde se colocar em posição vertical agarrando-se à popa. Logo a plataforma costeira iria inundar, e os órfãos Baudelaire estariam a caminho, imergindo no mundo e deixando esta história para sempre. Até mesmo a bebê agarrada ao barco, cuja história acabara de começar, logo iria desaparecer desta crônica, depois de pronunciar apenas umas poucas palavras.

“Vi!”, ela gritou, que era o seu jeito de chamar Violet. “Kla! Sun!”

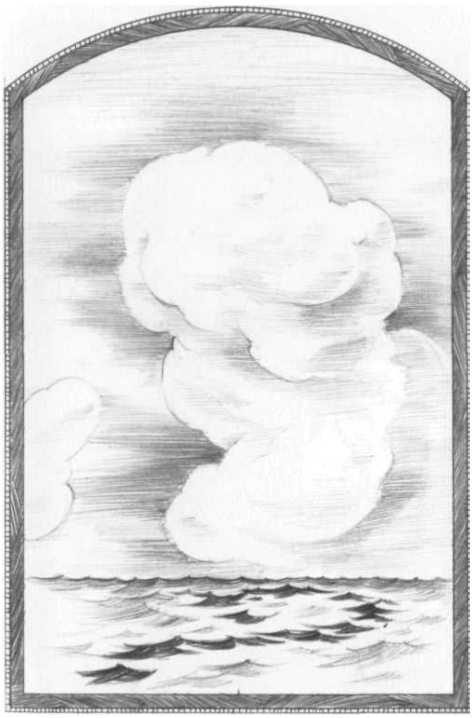
“Não partiríamos sem você”, disse Violet, sorrindo para a bebê.

“Venha a bordo”, disse Klaus, falando com ela como se fosse uma adulta.

“Sua coisinha”, disse Sunny, usando um termo carinhoso que ela mesma inventara.

A bebê parou e olhou para a parte de trás do barco, onde tinha sido afixada a placa com o nome. Ela não tinha como saber isso, é claro, mas a placa tinha sido pregada na popa do barco por uma pessoa que estava exatamente no mesmo lugar onde ela estava agora — pelo menos, até onde minha pesquisa revelou. A criancinha estava em pé em um ponto na história de outra pessoa, durante um momento que era seu, porém ela não estava pensando nem na história distante no passado nem na sua própria, que se estendia futuro adentro como o mar aberto. Ela estava olhando para a placa, e sua testa estava franzida de concentração. Finalmente, ela pronunciou uma

palavra. Os órfãos Baudelaire perderam o fôlego ao ouvi-la, mas não podiam dizer com certeza se ela estava lendo a palavra em voz alta ou apenas declarando o seu próprio nome, e certamente jamais ficariam sabendo. Talvez essa última palavra tenha sido o primeiro segredo da bebê, juntando-se aos segredos que os Baudelaire estavam guardando dela, e todos os outros segredos imersos no mundo. Talvez seja melhor não saber precisamente o que ela queria dizer com essa palavra, pois algumas coisas é melhor deixar no grande desconhecido. Algumas palavras, é claro, seria melhor deixar impronunciadas — mas não, acredito que não a palavra pronunciada pela minha sobrinha, uma palavra que aqui significa que a história acabou. *Beatrice.*





Lemony Snicket ainda está a solta.
Encontre-o na internet em:
www.lemonysnicket.com



Brett Helquist nasceu em Ganado, Arizona, cresceu em Orem, Utah, e atualmente vive no Brooklyn, Nova York. Infelizmente, ele sai pouco de casa durante o dia e dorme mal à noite.



Lemony Snicket vem fazendo a crônica da vida das crianças Baudelaire com pausas ocasionais apenas para comer, descansar e para duelos a espada determinados pela corte. Seus passatempos incluem apreensão nervosa, pavor crescente e dúvidas sobre se os seus inimigos estavam certos, afinal.



Brett Helquist nasceu em Ganado, Arizona, cresceu em Orem, Utah, e atualmente vive no Brooklyn, Nova York. Conquistou um título de bacharel em belas artes na Brigham Young University e vem ilustrando desde então. Às vezes ele acha o seu trabalho tão perturbador que manda flores para si mesmo, mas isso nunca ajuda.